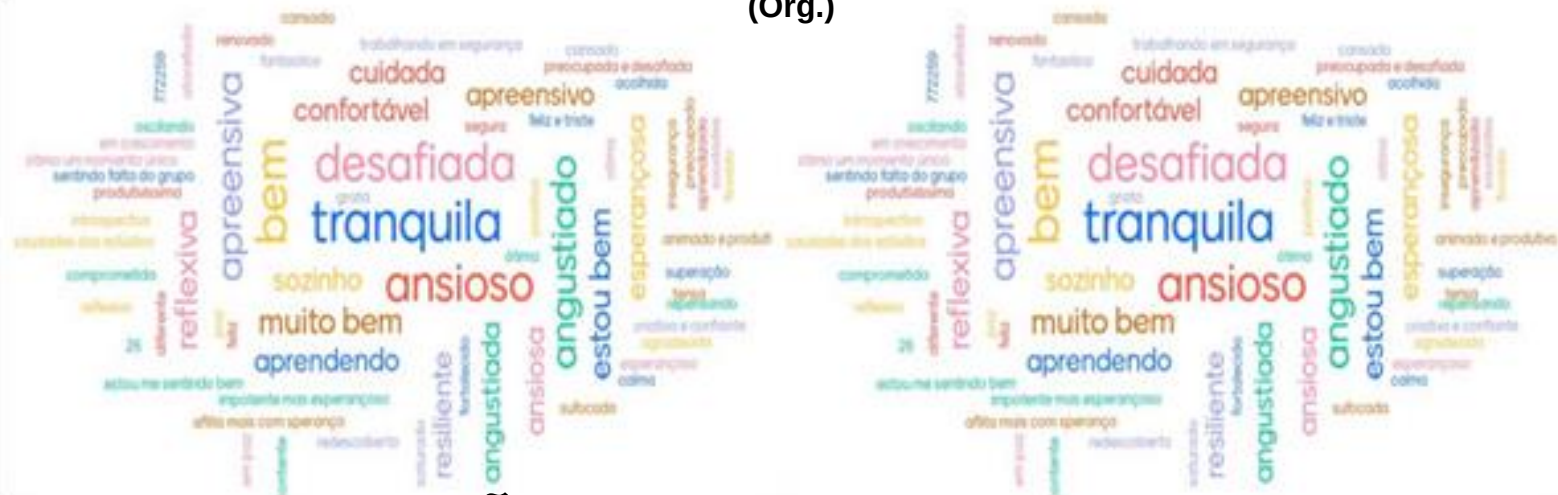




Dinamara Pereira Machado

(Org.)

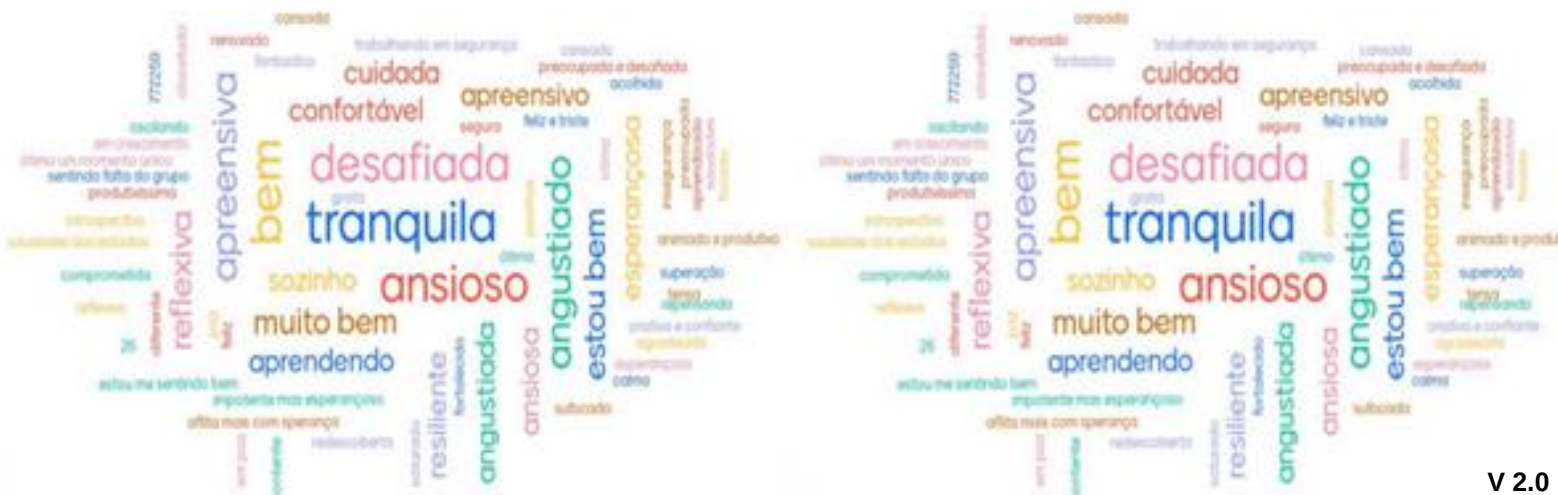


EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE COVID-19:

REFLEXÕES E NARRATIVAS DE PAIS E PROFESSORES



Editora Dialética e Realidade



Os livros do selo dialética e realidade apresentam resultados de pesquisas desenvolvidas por professores com apresentação de seu conteúdo em formato eletrônico, com licenciamento *Creative Commons* (BY+NC). O tratamento dialético, busca estabelecer a verdade por meio de argumentos que esclareçam aspectos de interesse para a comunidade acadêmica e para a sociedade de forma geral.



Editora

Dialética e Realidade

Rua Alberto Rutz 491 – Casa 4
Cidade Curitiba
UF PR
Bairro: Portão
CEP: 81320-280
Fone (41) 999911410
<http://www.dialeticaerealidade.com>
dialeticaerealidade@gmail.com

Editora chefe:
Responsável técnico
Aprendiz técnica

Profa. Dra. Dinamara Pereira Machado
Prof. Dr. Antonio Siemsen Munhoz
Fabiola Ribeiro Vieira

CONSELHO EDITORIAL NACIONAL

Prof. Dr. Adriano Lima
Prof. Dr. André Luiz Moscaleski Cavazzani
Prof. Dr. Antonio Siemsen Munhoz
Profa. Dra. Andrea Furtado
Prof. Me. Armando Kolbe Júnior
Prof. Dr. Cícero Manoel Bezerra
Profa. Dra. Deisily de Quadros
Profa. Dra. Dinamara P. Machado
Prof. Me. Edvaldo Luiz Rando Junior
Profa. Me. Flávia Brito Dias
Prof. Dr. Guilherme Augusto Pianezzer
Profa. Dra. Gisele do Rocio Cordeiro
Profa. Dra. Katiúscia Mello Figueroa
Prof. Dr. Luís Fernando Lopes
Profa. Dra. Leocileia Aparecida Vieira
Prof. Dr. Marcos Ruiz da Silva
Profa. Esp. Maria Teresa Xavier Cordeiro
Profa. Dra. Marilene Garcia
Profa. Dra. Márcia Regina Mocelin
Profa. Dra. Naura Syria Carapeto Ferreira
Prof. Me. Paulo Martinelli
Profa. Dra. Renata Adriana Garbossa Silva
Prof. Dr. Rafael Pereira Dubiela
Profa. Dra. Roberta Ravaglio
Profa. Esp. Thiana Maria Becker
Profa. Dra. Tatiane Calve

CONSELHO EDITORIAL INTERNACIONAL

Prof. Dr. Santiago Castillo Arredondo
Profa. Dra. María Esther Martínez Quinteiro

O PROJETO

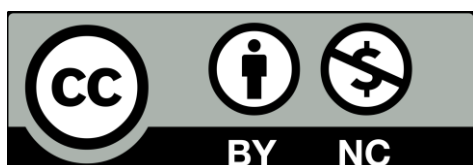
O projeto **publicação acadêmica** reúne um grupo de pesquisadores altamente especializados independentes ou provenientes de diferentes IES – Instituições de Ensino Superior em nível global. Seu conselho editorial está desenhado pela integração de diversas áreas de conhecimento. Seu objetivo é a abertura de um canal de comunicação destes profissionais com a comunidade acadêmica subjacente, de modo a permitir a apresentação e distribuição de estudos e pesquisas acadêmicas. A participação dos professores não resulta em remuneração financeira. A participação da editora não envolve a venda dos produtos que aqui estão colocados à disposição. Eles são ofertados com licenciamento CC BY+NC (com citação ao autor e vedação de atividades comerciais). Os únicos elementos financeiros envolvidos são os custos bancados pelos professores, em atividades de correção e ajuste dos documentos e a solicitação do ISBN e da Ficha Cadastral. Processos administrativos e outros custos são responsabilidade da editora com seus valores rateados entre os interessados e tidos como custos operacionais necessários para continuidade do projeto e a preservação digital dos originais entregues em infraestrutura tecnológica própria. Eles dizem respeito aos valores de manutenção do provedor responsável pela preservação digital. Estes custos são rateados entre os participantes ou cobertos por convênios com instituições que trabalham com a preservação digital. Os textos são de total responsabilidade de seus autores.



Editora

Dialética e Realidade

Esta obra está sendo entregue aos leitores na modalidade Creative Commons licenciada de acordo com os seguintes termos CC BY+NC. Esta indicação permite que a obra seja utilizada de forma livre, referenciando o autor e não utilizando o material com finalidades comerciais.



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Machado, Dinamara Pereira
Educação em tempos de COVID-19 [livro eletrônico]
: reflexões e narrativas de pais e professores /
Dinamara Pereira Machado. -- 1. ed. -- Curitiba :
Editora Dialética e Realidade, 2020.
7 MB ; PDF

Bibliografia
ISBN 978-65-87217-00-0

1. Administração de crises - Aspectos educacionais
2. Coronavírus (COVID-19) - Epidemiologia 3. Educação
4. Educação e Estado 5. Epidemias 6. Pais e
professores
7. Pandemias 8. Sociologia educacional I. Título.

20-36121

CDD-370.1934

Índices para catálogo sistemático:

1. Sociologia educacional : Educação 370.1934

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE COVID – 19
Reflexões e Narrativas de pais e professores



Editora Dialética e Realidade

Curitiba

2020

DINAMARA PEREIRA MACHADO
(ORGANIZADORA)

EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE COVID – 19
Reflexões e Narrativas de pais e professores



Editora Dialética e Realidade

Curitiba

2020

Esta obra é dedicada aos que foram atingidos e a seus familiares, por uma condição de tragédia denominada COVID - 19 que permite antever uma nova situação social que se buscou analisar nas narrativas de professores envolvidos e familiares daqueles que foram atingidos.

Agradecemos a todos aqueles que dedicaram seu tempo utilizado em diferentes reflexões sobre os extensivos efeitos que podem ser provocados pela ocorrência do maior desastre do século XXI e contra o qual toda a humanidade se levanta na defesa de sua sobrevivência.

Será o amor pela sabedoria e desenvolvimento da ciência que poderão permitir que esforços unidos recuperem o ser humano da grande tragédia COVID-19, recriando sob uma visão colaborativa a vida humana, apoiada na ética, valores e políticas, voltadas para a efetivação do bem-estar social (Antonio Siemsen Munhoz, 2020).

APRESENTAÇÃO

O livro **Educação em Tempos de COVID-19: reflexões e narrativas de pais e professores** é a resposta imediata às transformações ocorridas num breve espaço de tempo, que alterou o *status quo* da atuação educacional de professores e pais.

Ousar organizar este livro é uma das formas de eternizar as práticas e angústias dos pais e professores que vivenciam o momento, e que futuramente à luz de teorias irão retornar e reafirmar o quão desbravadores, responsáveis e altruístas foram nesse momento histórico, e ainda, que precisariam ter mais tempo para refletir acerca de suas escritas, mas optaram em agir e compartilhar o vírus da capacidade humana e se reinventar.

A metodologia de desenvolvimento do livro deu-se por aproximação entre os autores, inicialmente, numa corrente positiva de convites para entrega no máximo de 3 (três) dias do artigo “pocket”. Percebiam que este é o tempo que supostamente os cientistas alegam que o vírus permanece vivo em determinadas superfícies. A capa do livro **Educação em Tempos de COVID-19: reflexões e narrativas de pais e professores** é oriunda de uma prática pedagógica com utilização de software específico com 103 profissionais da Educação que responderam ao seguinte questionamento no início de uma reunião de gestão: Como você está se sentindo? De forma proposital, os convidados receberam apenas o título do livro, como o vírus nos chegou, pouco sabíamos, apenas desconfiávamos, tínhamos medo e incerteza nos caminhos adotados pelos políticos e por nós mesmo. O agrupamento dos textos deu-se por ordem de recebimento, ou seja, por contágio. Ao adentrarmos na leitura de cada texto percebemos que o(a) autor(a), ao entregar sua produção, demonstrou o impacto causado em sua gênese, na sua essência de SER HUMANO, que é construída a partir dos diversos papéis que assumimos: ser pai, ser profissional (...). O vírus reinventa-se para mau, e em NÓS HUMANOS aflorou o que temos de melhor neste momento.

Contrariando o vírus, a corrente é positiva, e do mal que faz bem! De profissionais que de alguma forma ou outra foram atingidos pelo isolamento

social, e ressignificaram seu papel social, pois ao permanecerem em casa, desenvolveram involuntariamente ações de altruísmo e solidariedade.

Acredito que conviveremos com o COVID, tal como malária, dengue, tuberculose (...). Que teremos que ter novos hábitos de saúde, higiene e convivência. Que a economia não pode parar, mas que VIDAS não podem ser trocadas pelo vil metal. Que é necessária atuação do Governo para além dos desmandes do neoliberalismo e do egoísmo que assola nossa sociedade. Que será necessário nos reorganizarmos enquanto profissionais. E como também percebia no início da Pandemia, se não alteramos nossa forma de viver em sociedade, este momento será em vão ou apenas hipocrisia. Não sei se o medo que nos agoniza é o da doença ou de cairmos na pobreza econômica que já assolava nosso planeta, pois o mais triste é que já estávamos convivendo nos últimos anos com a expansão da miséria em todos os cantos e ela estava marginalizada.

O livro é composto de 22 (vinte e dois) textos, pois a partir das energias que regem este mundo, acreditamos na força transformadora do número 22, da mesma forma que acreditamos que em breve espaço de tempo teremos uma vacina. Cada texto possui sua singularidade e aproximação com a realidade alcançada pelo pesquisador no breve espaço de tempo. São 20 (vinte) provocações de profissionais da educação, que apesar de realizarem práticas pedagógicas que ultrapassam o espaço geográfico no território nacional, estão alocados em instituições diversas no Brasil. E 2 (dois) textos internacionais de pesquisadores que atuam em Portugal e Canadá.

De forma breve, apresento os capítulos:

No prefácio, **Refletindo sobre tempos hodiernos de pandemia**, a inspiração para nossas carreiras, a honrosa profa. Dra. Naura Syria Carapeto Ferreira.

No capítulo 01, **Educação em tempo de coronavírus: a necessidade suscita a criatividade**, o Decano Prof. Dr. Alvino Moser tece algumas considerações sobre alguns temas que possam interessar aos educadores que lecionam em home office. A inclusão e as possibilidades que cada professor tem à disposição para esta tarefa, não apenas os meios em si como Internet, radio, smartphones, tablets e outros.

No capítulo 02, **Influência e representatividade: análise e perspectivas indiferentes do momento**, o Prof. Dr. Cícero discute os temas Influência e Representatividade que precisam ser debatidos e analisados a partir de uma compreensão cidadã, existem vários caminhos a serem percorridos para que a compreensão seja efetiva.

No capítulo 03, **Educação em Tempos de Pandemia**, os pesquisadores Elton Ivan Schneider e Alice Braun Schneider discutem a transformação digital e os conceitos de competência e literacia digital.

O capítulo 04, **Pais, filhos e escola: ressignificações em tempo de pandemia**, das profas. Dras. Deisily de Quadros e Gisele do Rocio Cordeiro, traz de forma carinhosa uma visão de mães que estão em teletrabalho, mas que ao mesmo tempo percebem este tempo como precioso com os filhos.

O capítulo 05, **Humanos demasiado humano: educação em tempos de COVID 19**, apresenta uma percepção dos filósofos Luís Fernando Lopes e Maria Aparecida da Cunha Lopes acerca dos sentimentos e experiências pelas quais as famílias estão passando.

O capítulo 06, **Solidariedade, aprendizagem e música em todos os tempos**, das profs. Dras. Márcia Regina Mocelin e Dinamara Pereira Machado, apresenta alguns impactos do isolamento social na prática formal de ensino, mas o foco do texto está nas ações de solidariedade orgânica e mecânica do Instituto Música e Arte.

O capítulo 07, **O Big Bang capitalista e a era dos “Dinossauros Modernizados”**, da pesquisadora Thiana Maria Becker, faz alusão aos impactos do capitalismo e ao mesmo tempo narra os elementos cotidianos da educação dos filhos e os impactos no teletrabalho.

No capítulo 08, **Vamos contar e viver histórias infantis: práticas a partir do Facebook**, as professoras Maria Tereza Xavier Cordeiro e Renata Burgo apresentam a narrativa de duas profissionais que ousaram em contar histórias pelo Facebook na intenção de ajudar os estudantes da Educação de Jovens e Adultos, pois muitos estariam em suas casas tendo que ofertar ensino para os filhos.

No capítulo 09, **Jogos psicopedagógicos: ensinando os pais pelo Facebook**, a pesquisadora Karyn Liane Teixeira apresenta práticas pedagógicas que os pais e professores possam realizar no interior de suas casas com seus filhos.

No capítulo 10, **Matemática sem mistério: como aprender matemática ludicamente a partir do Facebook**, a profa. Me. Sônia de Fátima Radvanskei demonstra como confeccionar materiais práticos que podem ser utilizados no ensino de matemática.

No capítulo 11, **Básico em Grego e Hebraico: para os estudos das Sagradas Escrituras**, o prof. Dr. Luiz Alexandre Solano Rossi apresenta a importância e os caminhos para aprendizagem dos idiomas eternizados nos textos bíblicos.

No capítulo 12, **Desafio da prancha/isometria: possibilidades diárias pelo Facebook**, os profissionais Ana Lúcia Zattar Coelho e Rafael Luciano de Mello ensinaram e acompanharam o desenvolvimento de atividades para promoção da saúde física e mental em tempos de quarentena.

O capítulo 13, **Construção de instrumento para e com as crianças: práticas em tempos de isolamento social**, do professor Alysson Siqueira, apresenta proposta de como as famílias podem realizar atividades juntos.

O capítulo 14, **Expressões idiomáticas – apresentar usos e curiosidades sobre a língua portuguesa**, da professora Thays Carvalho Cesar, aborda assuntos corriqueiros e menosprezados, que por muitas vezes atrapalham o entendimento em textos escritos ou nos discursos.

O capítulo 15, **Conversar sobre filmes com temáticas históricas**, do prof. dr. André Luiz M. Cavazzani, concretiza interação com os participantes da rede social Facebook a partir de narrativas cinematográficas.

O capítulo 16, **Aprendendo dentro de casa: como as práticas são atividades importantes (também) em tempos de COVID-19**, das pesquisadoras Cristiane Dall Agnol da Silva Benvenuti e Larissa Priscila B. Hilgemberg, demonstra as possibilidades para realização das atividades práticas em cursos superiores mesmo em tempo de isolamento social.

O capítulo 17, **Aprendizagem móvel: herança para educação na esteira dos tempos da Pandemia COVID-19**, dos pesquisadores Antonio Siemsen e Mariane Regina Kraviski, revela aprendizagem adquirida por toda área educacional e que pode validar as experiências já realizadas em educação a distância.

No capítulo 18, **Observatório solar astronômico e jardim astronômico na educação**, os autores Thaisa Maria Nadal e Germano Bruno Afonso tratam da importância de revermos antigos ensinamentos para conseguirmos colocar em prática socializadora pós pandemia.

O capítulo 19, **Educação a distância e educação remota emergencial: convergências e divergências**, dos pesquisadores prof. drs. Eniel do Espírito Santo e Sara Dias-Trindade, trata dos novos enfrentamentos dos professores frente às novas demandas causadas pelo COVID-19.

O capítulo 20, **Educar para o incerto: ensinamentos dos tempos de Pandemia pela ótica da complexidade**, da pesquisadora profa. Dra. Liliam Maria Born Martinelli, representa o início de processos reflexivos profundos que envolvem os profissionais da educação que não abrem mão da busca de meios para construir uma educação de qualidade para o século XXI.

No capítulo 21, **COVID 19: um relato das estratégias canadense e as políticas públicas de suporte na cidade de Regina, Saskatchewan**, o prof. dr. Alex V. Teixeira demonstra as escolhas governamentais e os resultados obtidos até o presente momento.

No capítulo 22, **Teletrabalho, convivência familiar e práticas sustentáveis**, o engenheiro e professor mestre Edvaldo Luiz Rando Junior, em forma de relato de experiência, demonstra como o teletrabalho potencializa o convívio familiar e ao mesmo tempo demonstra como práticas escolares podem ajudar no desenvolvimento de culturas necessárias para esta sociedade globalizada.

No posfácio, **no final, o novo recomeço**, a querida e sempre iluminada profa. Dra. Leocileia Aparecida Vieira procura, com suas palavras calmas e reconfortantes, mostrar novas possibilidades.

Todos os árdios pesquisadores autores de suas histórias e do capítulo que consta nesse livro estão aguardando-o em suas redes sociais, pois reconhecem que o conhecimento acontece pela necessidade constante de interação entre Nós, OS HUMANOS.

Aos autores, agradeço imensamente por acreditarem que podemos juntos, reinventarmos! Profa. Daniela Belter Ferreira Ceni, tenha certeza que sua opção em ficar nos bastidores, somente retrata perspectiva de uma profissional que capacita outros para uso massivo e adequado de tecnologias nas atividades de ensino e aprendizagem em novos tempos.

Ao leitor, apresentamos nossas angústias, práticas e o mini de embasamento teórico, pois sabemos que a ciência não aflora entre um anoitecer e o amanhecer, precisa de tempo para novas descobertas. A atividade entorno da organização do livro e todos os processos editoriais não ultrapassaram 14 dias. E a partir desse período no tempo é que novamente afirmo, o tempo é relativo, e pode ser usado para o bem ou para o mau, e com tempo e reflexão poderemos medir as ações reais causadas no interior de nossas vidas. Desejamos que a solidariedade, o altruísmo e a inovação estejam nesse momento de isolamento ou distanciamento social ao seu lado, e que você tenha coragem para disseminar bons exemplos de vida para além da sua vida!

Em 2020, vivemos uma quarentena que prefiro identificar como um momento de celebração pela vida e a união dos povos.

Profa. Dra. Dinamara P. Machado

Alérgica, com problemas pulmonares, *enfim*, grupo de risco

Aprendiz de música em instrumentos de sopro (trompete e escaleta)

Filha, Mãe, Professora

Diretora da ESE - Escola Superior de Educação

Centro Universitário Internacional UNINTER

PREFÁCIO

REFLETINDO SOBRE TEMPOS HODIERNOS DE PANDEMIA

É muito sugestivo este livro intitulado **Educação em tempos de Covid-19: narrativas de pais e professores**, organizado por Dinamara Pereira Machado, a quem tributo meus melhores agradecimentos pela deferência do convite para prefaciar essa obra! Brinda-nos com uma riqueza de sentimentos e compreensões, aflorados e vividos concretamente e tragicamente, neste momento histórico da sociedade planetária – Aldeia Global - em toda a sua diversidade e contradições, nas dimensões econômicas, política e social.

Sua leitura propicia um platô de decolagem para estudos, investigações, ricas sínteses e instigantes desafios que propiciam novas formas de produção da existência neste período da história da humanidade no planeta terra que, paradoxalmente, “divide-se” em norte e sul, em ricos e pobres, em desenvolvida e subdesenvolvida, mas cognominada de “Aldeia global”. Termo criado por Herbert Marshall McLuhan nos anos 60, significa que devido ao surgimento da imprensa, os homens se isolariam, porque seriam capazes de analisar pensar e viver solitariamente. Classificando esta época como “civilização da eletricidade”, concluiu que tudo mudaria na medida em que os homens viveriam novamente em grupo, fato este, facilitado por uma estrutura virtual, em virtude das descobertas.

Em suas análises investigações sobre a formação da sociedade, o sociólogo Octávio Ianni (1994) incorporou este termo, não com a mesma concepção atribuída por McLuhan, sob os efeitos e desdobramentos da descoberta da eletricidade mas, sociologicamente, compreendendo que as sociedades nacionais foram sendo recobertas, assimiladas ou subsumidas pela sociedade global, uma realidade que está ainda sendo reconhecida e codificada.

Se para McLuhan, a chegada de uma estrutura tecnológica, através das novas formas de contato mediático (telefone, televisão) possibilitaria o fim de um mundo linear, para Ianni (1994, pp 151-152).

"A globalização pode assim ser definida como a intensificação das relações sociais em escala mundial, que ligam localidades distantes de tal maneira que acontecimentos locais são modelados por eventos ocorrendo a muitas milhas de distância e vice-versa. Este é um processo dialético porque tais acontecimentos locais podem se deslocar numa direção inversa às relações muito distanciadas que os modelam. A transformação local é tanto uma parte da globalização quanto a extensão lateral das conexões sociais através do tempo e espaço. Assim, quem quer que estude as cidades hoje em dia, em qualquer parte do mundo, está ciente de que o que ocorre numa vizinhança local tende a ser influenciado por fatores — tais como dinheiro mundial e mercados de bens — operando a uma distância indefinida da vizinhança em questão".

Este novo desafio epistemológico se reveste de inúmeros avanços da ciência e da tecnologia, quando adentramos ao século XXI, no quadro da chamada revolução da informática, revolução microeletrônica ou revolução da automação, quando ocorre a transferência das operações intelectuais para as máquinas. Daí a expressão metafórica nomeando essa época de “máquinas inteligentes”. Assim, nesse contexto, descortinam-se outros horizontes para o pensamento.

Todavia, percebe-se que os “avanços” tecnológicos, econômicos culturais, políticos e ideológicos do nosso tempo têm uma opacidade estranha que decorre da sua distância em relação ao cotidiano vivido pela grande maioria da população, os cidadãos comuns. E o “mundo gira”, a vida segue mesmo a contragosto do capitalismo selvagem que se vive, com os imprevistos que nem o chamado “mundo “desenvolvido” do norte, rico, consegue dominar, ou submeter. O imprevisto de uma pandemia, não está, ainda à altura do avanço da tecnologia e das descobertas humanas. Há que enfrentá-la com as “ferramentas” disponíveis e ainda, onde elas existirem, pois são exíguas, em precisão e quantidade disponível para todos.

A pandemia do Corona Vírus “assaltou” a Aldeia Global. Os “sentimentos e compreensões, aflorados e vividos concretamente, aqui relatados neste livro por seus co-autores, tragicamente” aos quais me referi no início deste prefácio expressam, de certo modo, ainda que não exclusivamente, um conteúdo primoroso para pensarmos conjuntamente e cientificamente em construir uma abrangente pedagogia adequada às necessidades de vida da população brasileira e mundial, sem nunca descurar da qualidade da educação, das

condições e meios necessários bem como, a garantia de acesso a toda a população.

A pandemia e a quarentena exigem, urgentemente alternativas possíveis para atenuar, dirimir e superar o estágio vigente em que se encontra esta Aldeia Global. A ciência, com seus pesquisadores, institutos de pesquisa e hospitais “correm” atrás de soluções alternativas para minimizar as irreparáveis lacunas de vida, o sofrimento e a dor que se expande, propaga aceleradamente no mundo, tendo sempre, no horizonte a prioridade do bem comum e de cada ser humano. Mas, a impotência humana diante deste novo personagem, é muito grande. E a ganância e competitividade do capitalismo não permite a socialização dos bens produzidos para todos. Sabe-se, entretanto, que:

Grande parte da população do mundo não está em condições de seguir as recomendações da Organização Mundial de Saúde para nos defendermos do vírus porque vive em espaços exíguos ou altamente poluídos, porque são obrigados a trabalhar em condições de risco para alimentar as famílias, porque estão Presos em prisões ou em campos de internamento, porque não têm sabão ou água potável, ou a pouca água disponível é para beber e cozinhar, etc. (Santos, 2020, p 4)

Embora todos os esforços envidados, sabe-se que os mais abastados terão, sempre, os melhores recursos porque já os possuem materialmente e, portanto, melhores condições de sobrevivência.

Milhares de vidas já foram ceifadas entre as pessoas que se contaminaram: da população e os profissionais da saúde que estão a lutar pela vida dessas pessoas e de todos. Quantas mais serão arrebatadas dos seios familiares, da nossa grande família humana? Resta continuar na luta contra este “gigante” que avassalou o mundo, reduzindo-o, literalmente a uma “Aldeia” sem defesa contra esse único inimigo.

Mas que lições pode-se tirar, desse catastrófico episódio? Muitas! Penso que a maior será uma nova concepção de vida e de mundo mais humana e solidária, mais humilde e fraterna, mais séria e estudiosa, que possibilite a verdadeira riqueza para todos que é o BEM COMUM.

O ser humano, em sua “pequenez” não reconhecida nem aceita, pensa-se “dono do mundo” e, como tal, depreda, mata, corrompe, engana, devasta, subtrai outros seres humanos e o planeta, pela ganância do ter mais, enriquecer

cada vez mais. O BEM COMUM é inimaginável para o individualista, egoísta. O BEM para este indivíduo, não é para todos é só para si.

Urge viver e não só discursar, a verdadeira solidariedade que tem como fim a igualdade, a distribuição justa das oportunidades e dos recursos mínimos para uma vida decente, de tal forma que cada ser de uma sociedade possa realizar-se em sua singularidade, contribuindo à vida comum, ao BEM COMUM. Santos (2020) sugere:

Uma nova articulação pressupõe uma viragem epistemológica, cultural e ideológica que sustente as soluções políticas, económicas e sociais que garantam a continuidade da vida humana digna no planeta. Essa viragem tem múltiplas implicações. A primeira consiste em criar um novo senso comum, a ideia simples e evidente de que sobretudo nos últimos quarenta anos vivemos em quarentena, na quarentena política, cultural e ideológica de um capitalismo fechado sobre si próprio e a das discriminações raciais e sexuais sem as quais ele não pode subsistir. A quarentena provocada pela pandemia é afinal uma quarentena dentro de outra quarentena. Superaremos a quarentena do capitalismo quando formos capazes de imaginar o planeta como a nossa casa comum e a Natureza como a nossa mãe originária a quem devemos amor e respeito. Ela não nos pertence. Nós é que lhe pertencemos.

A esta assertiva de Boaventura Souza Santos, acrescento: toda forma de segregação, exclusão, nas suas mais diversas expressões exclusivas e excludentes, portanto, devem ser execradas. São princípios e prerrogativas do capitalismo.

Propugno o cultivo do amor, no mais amplo e rico sentido que este termo possui. O amor que é a forma mais radical de "ir ao outro", de se reconhecer, intimamente, num ser humano diferente. Quem ama, afirmou Goethe vive intensamente a aventura de sair de si e mergulhar na alteridade. Porém, o termo amor possui uma elasticidade impressionante! E, pela sua ampla utilização, pode cair na banalização! Aliás, a banalização é o que mais existe no mundo hodierno. A vida, a morte, o privado que se tornou público, o público que se tornou privado, tudo hoje está na vala comum! Pobres, crianças, idosos, pessoas com deficiência, mulheres, negros, gays, etc, etc, etc.... os diversos, os diferentes, a pluralidade que deveria merecer o melhor respeito, cuidado e atenção constituem-se, exatamente, nos que são excluídos, marginalizados. Ou, começam, a ser objeto de estudos para se fazerem leis e regulamentos, decretos que garantam aqueles direitos que já lhes pertencem pela sua natureza humana,

mas que o poder discricionário lhes sonegou e continua a sonegar cultivando o preconceito. São objeto de estudo e regulamentação que não se cumprem!

E, porque falo de amor neste prefácio? Porque o que se refere à vida humana, à preservação da vida humana. E o afeto é a energética da ação! Porque os textos que compõem essa obra estão eivados de relatos, feitos e vividos que instigam, reclamam o respeito e o amor ao próximo desigual que, porque é diferente merece o melhor respeito e todo nosso afeto.

O amor é a fonte da compreensão, do respeito, da aceitação, do acolhimento, germe da solidariedade! É cuidar do outro, é zelar para que esta dialogação EU-TU, seja libertadora, sinérgica e construtora de uma aliança perene de paz e de **amorização, pois é quando aceito o outro que aceito plenamente a mim próprio e não ao contrário!**

Prefaciando **EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE COVID-19: REFLEXÕES E NARRATIVAS DE PAIS E PROFESSORES** recomendo amplamente a leitura, parabenizando, mais um vez, Dinamara Pereira Machado bem como a todos aos co-autores que com sentimento deram suas valiosas contribuições, convicta de que esta produção acrescenta elementos fundamentais para a compreensão da vida nos dias atuais, bem como debate e tomada de novas decisões.

REFERÊNCIAS

IANNI, O. Globalização: novo paradigma das ciências sociais in Estudos Avançados. USP/SP Vol 8 nº 21.

Marshall M. OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO COMO EXTENSÕES DO HOMEM. SÃO PAULO: CULTRIX, 1964.

SANTOS, B. S. A CRUEL PEDAGOGIA DO VÍRUS. COIMBRA: EDIÇÕES ALMEDINA, 2020.

Curitiba, outono de 2020.

Naura Syria Carapeo Ferreira

SUMÁRIO

1. EDUCAÇÃO EM TEMPO DE CORONAVIRUS: A NECESSIDADE SUSCITA A CRIATIVIDADE.....	31
MOSER, Alvino	31
2. INFLUÊNCIA E REPRESENTATIVIDADE: ANÁLISE E PERSPECTIVAS INDIFERENTE DO MOMENTO	39
BEZERRA, Cícero Manoel.....	39
3. EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA.....	51
SCHNEIDER, Elton Ivan	51
SCHNEIDER, Alice Braun.....	51
4. PAIS, FILHOS E ESCOLA: RESSIGNIFICAÇÕES EM TEMPO DE PANDEMIA	65
QUADROS, Deisily de	65
CORDEIRO, Gisele do Rocio	65
5. HUMANOS DEMASIADO HUMANOS: EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE COVID 19.....	73
LOPES, Luís Fernando	73
LOPES, Maria Aparecida da Cunha	73
6. SOLIDARIEDADE, APRENDIZAGEM E MÚSICA: EM TODOS OS TEMPOS	79
MOCELIN, Márcia Regina.....	79
MACHADO, Dinamara P.	79
7. O BIG BANG CAPITALISTA E A ERA DOS DINOSSAUROS MODERNIZADOS”	89
BECKER, Thiana Maria	89
8. VAMOS CONTAR E VIVER HISTÓRIAS INFANTIS: PRÁTICAS A PARTIR DO FACEBOOK	95
BURGO, Renata	95
CORDEIRO, Maria Tereza Xavier	95
9. JOGOS PSICOPEDAGÓGICOS: ENSINANDO OS PAIS PELO FACEBOOK.....	99
TEIXEIRA, Karyn Liane.....	99
10. MATEMÁTICA SEM MISTÉRIO: COMO APRENDER MATEMÁTICA LUDICAMENTE A PARTIR DO FACEBOOK.....	105
RADVANSKEI, Sônia de Fátima.....	105

11. BÁSICO EM GREGO E HEBRAICO: PARA O ESTUDO DAS SAGRADAS ESCRITURAS.....	111
ROSSI, Luiz Alexandre Solano	111
12. DESAFIO DA PRANCHA/ISOMETRIA: POSSIBILIDADES DIÁRIAS PELO FACEBOOK	115
COELHO, Ana Lucia Zattar	115
MELLO, Rafael Luciano de	115
13. CONSTRUÇÃO DE INSTRUMENTO PARA E COM AS CRIANÇAS: PRÁTICAS EM TEMPOS DE ISOLAMENTO SOCIAL	119
SIQUEIRA, Alysson	119
14. EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS - APRESENTAR USOS E CURIOSIDADES SOBRE A LÍNGUA PORTUGUESA.....	123
CESAR , Thays Carvalho.....	123
15. CONVERSAR SOBRE FILMES COM TEMÁTICAS HISTÓRICAS.....	127
CAVAZZANI, André Luiz Moscaleski	127
16. APRENDENDO DENTRO DE CASA: COMO AS PRÁTICAS SÃO ATIVIDADES IMPORTANTES (TAMBÉM) EM TEMPOS DE COVID-19.....	131
BENVENUTTI, Cristiane Dall' Agnol da Silva.....	131
HILGEMBERG, Larissa Priscila Bredow	131
17. APRENDIZAGEM MÓVEL: HERANÇA PARA EDUCAÇÃO NA ESTEIRA DOS TEMPOS DA PANDEMIA COVID-19	139
MUNHOZ, Antonio Siemens	139
KRAVISKI, Mariane Regina	139
18. OBSERVATÓRIO SOLAR ÍNDIGENA E JARDIM ASTRONÔMICO NA EDUCAÇÃO.....	151
NADAL, Thaisa Maria	151
AFONSOL, Germano Bruno	151
REFERÊNCIAS.....	157
19. EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA E EDUCAÇÃO REMOTA EMERGENCIAL: CONVERGÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS	159
SANTO, Eniel do Espírito.....	159
DIAS-TRINDADE, Sara.....	159
20. EDUCAR PARA O INCERTO: ENSINAMENTOS DOS TEMPOS DE PANDEMIA PELA ÓTICA DA COMPLEXIDADE.....	171
MARTINELLI, Líliam Maria Born	171
21. COVID19: um relato das estratégias canadense e as políticas públicas de suporte na cidade de Regina, Saskatchewan	179
TEIXEIRA, Alex V.	179

22. TELETRABALHO, CONVIVÊNCIA FAMILIAR E PRÁTICAS SUSTENTÁVEIS.....	193
JUNIOR, Edvaldo Luiz Rando.....	193
NO FINAL, O NOVO RECOMEÇO	203
VIEIRA, Leocilêa Aparecida.....	203

1. EDUCAÇÃO EM TEMPO DE CORONAVIRUS: A NECESSIDADE SUSCITA A CRIATIVIDADE

MOSER, Alvino¹

Neste capítulo tecemos algumas considerações sobre alguns temas que possam interessar aos educadores que lecionam home office. A inclusão e as possibilidades que cada professor tem à disposição para esta tarefa, não apenas os meios em si como Internet, radio, smartphones, tablets e outros. Mas, também a respeito de adquirir ou de renovar as competências para o ensino a distância, EAD: chegou o momento de desaprender, de reaprender e de renovar-se. Além

CAPÍTULO 01

do como ensinar fazem-se necessárias algumas considerações sobre o que ensinar. Sem dúvida impõe-se a obrigação de seguir o currículo e o programa. Contudo, quando a pandemia causa uma reviravolta perturbadora geral e requer o distanciamento social entre avós, filhos e netos e entre todos em geral, é hora de se repensar o **sentido da família e da vida em família, da convivência em família e comunidade, e despertar para a solidariedade.**

Nunca houve época em que todos os países tiveram, como no presente, que ser obrigados ao isolamento geral. Em 18 de março 849 milhões de alunos e de estudantes foram obrigados de deixar sua escola ou universidade em 113 países² o que põe uma espada de Dâmocles sobre a cabeça dos docentes e um grande desafio para as instituições escolares. Como reagir diante desta situação?

Algumas instituições adiantaram as férias escolares, outras decretaram o fim do ano letivo, pois não há previsão de quando vai terminar a ameaça, pelo

¹ Prof. Dr. Alvino Moser, é professor decano no Centro Universitário Internacional UNINTER

² Justin W. van Fleet, L'éducation à l'heure du COVID-19 | Blog | Partenariat ...www.globalpartnership.org › blog

fato da maioria dos países não estarem preparados, mesmo entre os países mais ricos, como os Estados Unidos, França, Inglaterra, Sumatra, Suécia, e muitos outros. Os países menos ricos ou emergentes e o Brasil foram apanhados de surpresa. No entanto, mesmo o Brasil com o ministro da saúde bem assessorado, apesar do cipoal de fake news com anuência de pessoas sentadas nos altos postos de comando, tomou providências assim que foi avisado do tsunami que se aproximava, sofre terrivelmente as consequências dessa pandemia e a quarentena foi decretada, exigindo o distanciamento social. O isolamento social é até que haja remédios eficazes e vacina serem descobertos é o melhor meio à vista.

Mas, já quarenta dias supera o tempo de férias escolares e faz-se necessário o EAD, o Ensino a distância. Os professores e demais responsáveis pelas instituições educacionais foram compelidos a exercer as funções via **home office**. Portanto, a situação pela qual estamos passando virou radicalmente, da noite para o dia, de perna para o ar as práticas escolares, pois destruiu-se o ambiente escolar habitual.

Não são apenas os recursos que possibilitam o ensino a distância que “urgem e rugem”, isto é, o acesso à Internet como o rádio, a televisão, o celular e o smartfone, tablet e outros, mas a criatividade e a capacidade de adaptação e de acomodação diante novas situações. É muito difícil, às vezes, deixar sua zona de conforto. É hora para os docentes e educadores em geral exercerem sua mente criativa, sua imaginação. Os desafios são propícios a suscitar a criatividade.

Um dos desafios é incluir todos os alunos para aprender pelas diferentes formas de EAD, pois no Brasil e em outros países há crianças e adolescentes que vivem na pobreza e estão em situação vulnerável. É preciso propiciar serviços educacionais de emergência até que as escolas possam reabrir com segurança. Exemplos de vários estados e municípios podem servir de orientação para programas de aprendizado, como rádio, televisão, telefone celular e suprir a ausência de Internet porque há municípios nos quais nem eletricidade existe.

Outro desafio é saber dominar os meios de comunicação midiática e adequar ao ensino via **home office**. E não basta ter os meios e saber como usá-

los, requer-se também que se saiba como, primeiro, interessar os alunos. Estando eles a distância não há o báculo da autoridade para impor-se. Ao autoritarismo convém substituir pelo convencimento e pelo saber, e, de certo modo, encantar os alunos. Para isso, é "A capacidade de gerar novas aulas adaptadas às restrições da realidade" e tornar a comunicação digital mais acessível, mais amigável, pois a geração jovem, os milênios, não possuem ou perderam a capacidade de uma atenção concentrada e sustentada. Mesmo sentados à mesa para a refeição não se separam de seu celular ou de seu smartfone, o que também acontece nas aulas enfadonhas, oferecidas como se fosse transmitir uma explanação. **O que importa é convencer e ensinar os alunos sobre o que é aprender a distância.**

MAS O QUE É COMO ENSINAR

Nestes tempos difíceis devido a decisões pandêmicas de contenção mundo do coronavírus ou Covid-19, nos perguntamos de uma nova maneira sobre o papel da escola em seu escopo educacional. Livro de Philippe Perrenoud, *Quando a escola pretende preparar para vida?* Desenvolver outras competências ou ensinar outros saberes,³ ressoa aos nossos ouvidos.⁴

Em tempo de confinamento e de *social distancing*, ministrar aulas a distância com os alunos em casa é um desafio, pois não se trata de *homeschooling*. O entorno virtual e o ambiente do lar devem ser desenvolvidos para que as crianças e os adolescentes não percebam este tempo como ocasião para jogar vídeo game com seus pares também a distância. Há muitos distratores a atraí-los para atividades dispersivas. Ser *multitarefa* já é uma espécie de segunda natureza, porque para eles, se não lhes for dificultoso, parece-lhes impossível largar seu smartfone ou tablet. São presentes ausentes, absortos que estão ou no Facebook, ou no WhatsApp, ou nos games, ou no Messenger e outras plataformas e aplicativos. Sobre a limitação da capacidade de atenção dos multitaskers escrevemos um artigo junto com o Prof. Luiz Fernando Corcini Ciberespaço, Multitarefas e Atenção: breve revisão bibliográfica⁵ no mostramos, como diferentes pesquisadores demonstram a

³ Philippe Perrenoud. **Quand l'école prétend préparer à la vie : Développer des compétences ou enseigner d'autres savoirs ?** ESF éditeur, 2011

⁴ CAPITANESCU BENETTI, Andreea, CONNAC, Sylvain. L'école à l'heure du Covid-19. À quelle vie l'école prépare-t-elle ? Cahiers pédagogiques, 2020, p.1.

⁵ CORCINI, L. F.; MOSER, A. CIBERESPAÇO, MULTITAREFAS E ATENÇÃO: breve revisão bibliográfica. Revista Observatório, v. 5, n. 4, p. 309-334, 1 jul. 2019.

influência de ser multitasking influencia prejudicialmente o aprendizado ou o desempenho acadêmico.

Mas, quais seriam os novos saberes a ensinar? O conteúdo das disciplinas do currículo esquecendo o momento que se vive? Capitanescu Benettl e Connac lembram como a escola e os educadores se portam em tempo de guerra. Citam Emmanuel Saint-Fuscien que salienta que há relação entre inovações educacionais e a cultura de guerra. *Práticas de ensino mudaram depois da primeira guerra promovendo a sala de aula que era um lugar fechado em si mesmo, em espaço público;*

A sala de aula não é mais um lugar fechado, isolado do mundo, mas um lugar aberto ao público. Os alunos enviam cartas e presentes soldados, eles cultivam hortas escolares, participam de cerimônias. Estudantes órfãos têm que cuidar do sofrimento de suas mães. A fronteira entre o mundo acadêmico e o mundo de "fora" desaparecer. Além disso, a estrita separação hierárquica entre o mestre e os alunos desaparecem: todos participam da redação de cartas aos soldados ⁶.

E o distanciamento social que vivemos separa os avós, grupo de risco, do contato de seus filhos e de seus netos, havendo inclusive milhares de idosos que vivem sozinhos, sem ninguém para ajudar, conforme notícias sobre o vírus em São Paulo e há outras implicações: prática de educação física, de exercícios físicos, de lidar com aplicativos, a impossibilidade de sair. Pode a escola se alienar desses fatos, simplesmente esquecê-los?

Não se deveria insistir nas tele aulas, seja por rádio, internet, E-learning, televisão ou satélite, ser esquecidos no ensino neste momento? Cabe lembrar aos estudantes, crianças e adolescentes de se lembrarem de minimizar o isolamento procurando, por meio do celular e outros dispositivos, “estar junto aos seus familiares, sejam avós, ou pais ou amigos isolados” contatando-os tanto via áudio ou mediante comunicação e interação visual, pois há devices que possibilitam essa aproximação. Falar com eles face a face nas telas é certamente um bálsamo par as feridas causadas pela solidão. É esse papel que exerciam as cartas que se escrevem aos soldados questão no campo de batalha.

⁶ Extraído blog de la Cliotheque : <https://clio-cr.clionautes.org/celestin-freinet-un-pedagogueen-guerres-1914-1945.htm>

No ensino deve espaço importante deve ocupar espaço estudar a importância da vida em família, que já foi vista como sinônimo de prisão, como de fato o é para muitos indivíduos sejam crianças, sejam jovens ou adultos, maduros e idosos. O que se observa é a troca do convívio familiar com a convivência com amigos (desconhecidos) ausentes com os quais se interage pelas telas de plataformas ou com os quais se está em contato nos vídeo games? Recorrendo a Michel Maffessoli⁷ os jovens digitais dão mais importância à **proxemia**⁸ virtual em vez da proximidade físico-espacial.

É esse um tempo rico em temas para estruturar ou reestruturar as aulas, aulas nas quais os alunos não são simples ouvintes, mas pessoas que tem sentimentos e vivem crises existenciais; tempo em que se pode sensibilizar a procurar novos sentidos não só para a vida familiar, mas para a vida social e para a própria existência. Tempo em que é possível ter uma outra perspectiva sobre pessoas que nos são normalmente invisíveis: os entregadores de encomendas de supermercados, de restaurantes, os atendentes dos supermercados, dos trabalhadores que cuidam da limpeza, e de todos os indivíduos enfim que mantêm a sociedade e os serviços essenciais em ação. Tempo sobretudo para valorizar os que cuidam da saúde dos insumos de todos os tipos necessários para a vida. Recordo-me agora de um livro de leitura dos anos iniciais da aprendizagem de francês, **Le Guide de l'enfance**⁹. Uma leitura tinha por tema, por exemplo sobre o pão. Então, mostrava de onde vinha o pão, desde o plantio da semente de trigo, o trabalho do agricultor para plantar, colher, debulhar, depois do moleiro que fazia a farinha, que era vendida para o padeiro que fazia o pão que era disponibilizado nas padarias até chegar à mesa para ser consumido.

⁷ MAFFESOLI, Michel. O tempo das tribos. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

⁸ **Proxemia** é a proximidade, não física ou estar no mesmo lugar, mas proximidade por semelhança e interesse com alguém que está à nossa frente virtualmente, mas pode estar em outro bairro, município, estado ou país. *“Há momentos em que o indivíduo significa menos do que a comunidade na qual ele se inscreve. Da mesma forma, importa menos a grande história factual do que as histórias vividas no dia-a-dia, as situações imperceptíveis que, justamente, constituem a trama comunitária. Esses são os dois aspectos que me parecem caracterizar o significado do termo “proxemia”.* (MAFFESOLI, 2006, p. 198)

⁹ DUMONT, Isidoro (Irmão Marista). **Le Guide de l'enfance**. Premier Livre de lecture en Français. Rio de Janeiro: Francisco Alves, data n/c.

Era de fato, uma lição de francês sim, porém, além disso era uma aula sobre a solidariedade. Oxalá, que os homens, depois de superada a pandemia, pensem em construir um mundo mais humanos, em que cada homem seja um vizinho no que “todos os seres humanos se tornem irmãos”¹⁰.

Como epígrafe ao capítulo. Enfrentar a incerteza Edgar Morin insere este pensamento de Martin Heidegger: “O corpo de ensino tem de chegar aos postos avançados do mais extremo perigo, que é constituído pela permanente incerteza do mundo. ” E uma das maiores conseqüências deste fato “é a de nos pôr em condição de enfrentar as incertezas e, mais globalmente, o destino incerto de cada indivíduo e de toda a humanidade.”¹¹

Se a incerteza pode nos desorientar, também é propícia para a reinvenção. Pais e filhos aprenderam, a custo ou não, a conviver tendo como apoio as lições que os professores ministraram via Internet, ou rádio ou TV ou outros meios. Muitos assessoraram seus filhos, tanto para manter os horários como para auxiliá-los nas tarefas escolares. Outros tiveram que aprender a trabalhar via digital, assim como os jovens experienciaram o uso do digital para outras finalidades que não o lazer e o divertimento.

Ao finalizar, embora não saibamos como vai ser o mundo pós-pandemia, mas certamente dar-se-á mais importância à proximidade, aos encontros físicos e contatos pessoais, como o abraço e o beijo.

Apenas, ansiamos para um mundo em que reina a solidariedade entre as pessoas que se verão de outra maneira. E, quem sabe, então, desejemos um pouco menos (não juntaremos mais tantas coisas inúteis sabendo limitar o consumo), esperemos um pouco menos e amemos muito mais. Concluímos, lembrando que as incertezas que estão a nos envolver precisam ser temperadas com coragem e esperança.

REFERÊNCIAS

BEETHOVEN, Ludwig van. 9a. Sinfonia. AN DIE FREUDE (ODE A ALEGRIA) (TRADUÇÃO) - Letras.mus.brwww.letras.mus.br › ... › An Die Freude (Ode To Joy)

¹⁰ Ode à alegria, hino da união europeia.

¹¹ MORIN, Edgar, **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 8ª ed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003, p. 55.

CAPITANESCU BENETTI, Andreea, CONNAC, Sylvain. L'école à l'heure du Covid-19. À quelle vie l'école prépare-t-elle ? Cahiers pédagogiques, 2020

CORCINI, L. F.; MOSER, A. CIBERESPAÇO, MULTITAREFAS E ATENÇÃO: breve revisão

DUMONT, Isidoro (Irmão Marista). Le Guide de l'enfance. Premier Livre de lecture en Français. Rio de Janeiro: Francisco Alves, data n/c.

FLEET, Justin W. van, L'éducation à l'heure du COVID-19 | Blog | Partenariat ...www.globalpartnership.org › blog . Acesso em 25/04/2020

MAFFESOLI, Michel. O tempo das tribos. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

MORIN, Edgar, A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento. 8ª ed. -Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003, p. 55

PERRENOUD, Philippe. Quand l'école prétend préparer à la vie : Développer des compétences ou enseigner d'autres savoirs ? ESF éditeur, 2011

SAINT-FUSCIEN, Emmanuel. Blog de la Cliothèque : <https://clio-cr.clionautes.org/celestin-freinet-un-pedagogue-en-guerres-1914-45.htm> Acesso em 26/04/2020.

2. INFLUÊNCIA E REPRESENTATIVIDADE: ANÁLISE E PERSPECTIVAS INDIFERENTE DO MOMENTO

BEZERRA, Cícero Manoel¹²

Os temas relacionados à Influência e Representatividade precisam ser debatidos e analisados a partir de uma compreensão cidadã, existem vários caminhos a serem percorridos para que a compreensão seja efetiva. Para nós cidadãos o ponto de partida deve ser as escrituras sagradas, levando em conta a parábola de Jotão; quando as boas árvores resolveram abdicar do reino, o espinheiro assumiu o reinado. O reino foi duro, os espinhos incomodam e os

CAPÍTULO 02

omissos sofreram as consequências de sua omissão. Cabe a nós cidadãos identificarmos nossa postura de acordo com os princípios que norteiam a nossa fé, a omissão não é a melhor alternativa. Precisa-se conhecer como funciona o estado democrático de direito, quando não se conhece a estrutura e formulação de estado não se está pronto para influenciar, os caminhos e alternativas do estado são diferentes do funcionamento eclesiástico, a negação ou falta desse entendimento nos conduz para a periferia do debate, nos tornamos inadequados para a participação e a influência não acontece. Através desse artigo pretende-se identificar as formas de ação para que a influência seja legítima e a representatividade verdadeira.

O debate sobre os temas propostos nesse texto é pertinente, cabe aos cidadãos identificarem áreas que podem influenciar e também por sua vez buscar representatividade levando em conta o estado democrático de direito. O caminho a ser percorrido é longo, mas não se pode omitir de participar do debate ou buscar alternativas para que os valores relacionados a justiça, paz e integridade sejam discutidos e apontados como forma de bom viver.

¹² Prof. Dr. Cícero Manoel Bezerra, líder cristão, professor e coordenador no Centro Universitário Internacional UNINTER.

A participação política evidencia e comprova a cidadania, teorias da representação de Rousseau, Kant, Sieyès, Paine e Condorcet demonstram que as coisas são um pouco mais complexas. A ideia do governo representativo como representatividade singular produziu duas escolas distintas de pensamento que podem ser referidas, se representa como um modelo eleitoral de democracia e um modelo representativo.

A primeira endossava uma visão da representação que combinou elitismo nas instituições políticas (o único local tanto da deliberação bem como do voto) e legitimação popular (localizada na votação através da eleição), na qual o primeiro consistiria no domínio da competência e a última no domínio do consentimento.

Com base nisso, é correto afirmar que a democratização e o processo representativo compartilham uma mesma ideia e não são opostos. O juízo e a opinião são bases da soberania tanto quanto a vontade, se admitirmos a soberania como correspondendo a uma temporalidade ininterrupta e a influência incalculável dos princípios e ideais básicos concernentes ao interesse geral, que transcendem os atos de decisão e eleição, dessa forma o cidadão acaba sendo representado de forma legítima.

Essa reflexão sustenta o fato que a representação estimula um ganho de influência política e apresentação de valores em relação ao ato sancionador pelo qual os cidadãos soberanos ratificam e recapitulam, com regularidade cíclica, as ações e promessas de candidatos que apresentam seu nome para eleições populares e outros representantes. Representatividade e defesa são as expressões desse ganho e marcam o vínculo inevitável, ativado pelo processo eleitoral, entre o lado de dentro e o lado de fora das instituições legislativas, tanto o legislador eleito e o eleitor votante são atendidos em suas demandas.

Em suma, a história moderna sugere que a democratização começou com o processo representativo. A democratização do poder estatal e o poder unificador das ideias e movimentos políticos levados a cabo pela representação foram interconectados e mutuamente fortalecidos.

A participação cidadã

A emergência do “povo” (os cidadãos) como um agente político ativo não se limita a renovar instituições e categorias antigas. No momento em que as eleições se tornaram um requerimento solene e indispensável de legitimidade política e formação de opiniões, Estado e sociedade não puderam mais ser desligados e o traçado das fronteiras separando – e conectando – suas esferas de ação tornou-se uma questão persistente de reajuste e negociações contínuas, isso é fazer política, os interesses uma vez definidos em busca de seus valores apresenta-se de forma legítima no estado democrático de direito.

A representação demonstra essa combinação. Pode-se dizer que ela reflete não simplesmente ideias e opiniões, mas ideias e opiniões a respeito das compreensões dos cidadãos acerca da relação entre a sociedade e o Estado. Qualquer reivindicação que os cidadãos tragam para a arena política e queiram tornar um tema de representação é invariavelmente um reflexo da luta para a redefinição das fronteiras entre as suas condições sociais e a legislação, são direitos que a democracia legitima e cabe aos cidadãos advogarem vossas causas e buscarem representatividade através dos parlamentares eleitos para esse fim.

O trabalho cuidadoso de Mark A. Kishlansky sobre o nascimento do processo eleitoral na Inglaterra do século dezessete revelou um liame cronológico e funcional entre três fenômenos políticos: 1) **A adoção do método eleitoral para se designar os legisladores; 2) A transformação dos eleitos, de delegados em representantes; 3) A emergência das alianças partidárias ou ideológicas entre os cidadãos.** Embora as eleições tenham sido consideradas uma instituição aristocrática desde Aristóteles, nos Estados modernos o processo eleitoral estimulou movimentos que se tornaram cruciais para o subsequente processo de democratização.

A teoria democrática

Uma teoria da democracia representativa envolve uma revisão da concepção moderna de soberania popular que conteste o monopólio da vontade na definição e na prática da liberdade política. Ela marca o fim da política do sim ou não, é o início da política como uma arena de opiniões contestáveis e

decisões sujeitas à revisão a qualquer tempo. Isso amplifica o significado da própria presença política, porque faz da vocalização sua manifestação mais ativa e consoante e do juízo acerca das leis e políticas justas e injustas seu conteúdo.

Nesse caso temos a importância do voto e a responsabilidade do eleito de respeitar suas bases e postular pelos valores que estavam intrínsecos nas relações daqueles que fizeram a opção por voto no representante. Uma alternativa importante para o parlamentar é respeitar sua base eleitoral às vezes em contradição da política partidária.

Em tese, os eleitores devem ter um pensamento crítico comprometido com a realidade essencialmente marcada por processos de exclusão social, por antagonismos e diferenças sociais, regidos por regras tradicionais conservadoras, pelo instituído, pelas leis injustas, quase sempre utilizadas em função da manutenção de privilégios de poucos em detrimento dos benefícios de muitos.

As desigualdades da sociedade capitalista, o caráter das lutas de classe, tanto sob o olhar das classes afortunadas quanto das massas trabalhadoras, marcando as possibilidades históricas de cada uma no processo de construção da igualdade. A representatividade política deve se ater ao fato de ser voz para aqueles que não tem voz, o pobre, o excluído não tem espaço e oportunidade para falar sobre seus direitos e buscar alternativa de vida, a expressão de Jesus: “ Os pobres sempre tende convosco...” demonstra que nossa voz deve ser uma constante para representar aqueles que não têm voz.

Esse conceito traz à cena a emergência de novas relações sociais, perpassadas por uma crescente socialização da política e, conseqüentemente, permite visualizar a ampliação do fenômeno estatal. Na sociedade contemporânea o Estado se ampliou e os problemas relativos ao poder complexificaram-se, fazendo emergir uma nova esfera que é a “sociedade civil”, tornando mais complexas as formas de estruturação das classes sociais e sua relação com a política. É nesse contexto que indica as possibilidades de construção de uma nova sociabilidade, de transformação das condições de vida das classes sem privilégios, passando, necessariamente, pela construção de

uma nova representatividade, cujo processo de estruturação não ocorre somente a partir do campo econômico, mas também político, cultural e social.

As estruturas da sociedade são representadas por ideias e valores, a luta pela hegemonia também encerra em si um debate sobre a nova forma de representatividade onde as classes buscam representatividade e os respectivos grupos (Homens, Mulheres, Crianças, Religiões, Causas Diversas, etc), esses grupos se organizam e votam em determinados parlamentares para que esses possam proclamar seus valores através das referidas representações.

Nesse sentido, a hegemonia não significa apenas a subordinação de uma classe em relação à outra, mas a capacidade das classes na construção de uma visão de mundo, ou seja, de efetivamente elaborar uma “reforma intelectual, moral e cidadã”. Nesse caso emerge a responsabilidade dos intelectuais cidadãos de apresentarem para a sociedade que postula as causas do Cristo de forma clara e objetiva, paz, igualdade, liberdade, verdade, justiça, entre outras.

A “sociedade civil” é um conceito tomado indistintamente como expressão exclusiva dos interesses das classes. Ora, na sociedade civil estão organizados tanto os interesses das classes privilegiadas (pessoas que tiveram oportunidade para estudar, herança familiar, recursos financeiros), que exerce sua influência através de representatividades “privadas”, reprodutores de sua ideologia, representados hoje quer pelos meios de comunicação quer pelo domínio dos aparatos do Estado e dos meios de produção; quanto os interesses das camadas de classes subalternas, que buscam organizar-se para propor alternativas que se contraponham aos grupos minoritários detentores do poder, afirmando a prioridade do público sobre o privado, do universal sobre o particular, da vontade coletiva sobre as vontades particulares. Esse é o maior conflito quando se trata de representatividade no Brasil, desde o país colônia, os interesses pessoais prevalecem sobre o bem comum, as causas particulares entram na frente dos interesses públicos e a vontade individual sobressai sobre as demandas coletivas.

As formas coletivas de influência e representação vêm, desse modo, sendo sufocadas através de um progressivo processo de diminuição e fragmentação de suas plataformas de interesses e de seus referenciais políticos

de classe. Anula-se a participação do cidadão através de um discurso de medo e apavoramento onde se apresenta uma situação caótica para o futuro anunciando uma situação de perda dos direitos conquistados. A desigualdade é apregoadada de forma que o cidadão perca as esperanças e fique sem um ponto de referência. Nesse espaço cabe aos cidadãos a tarefa de apontar caminhos plausíveis e anunciar uma esperança referendada nas palavras de Jesus: Eu sou o caminho, a verdade e a vida.

Teorias de representação

As teorias da representação emergem quando olhamos como o governo representativo funcionou ao longo de seus duzentos anos de história, do parlamentarismo liberal dos primórdios até sua crise e, finalmente, sua transformação democrática, após a Segunda Guerra Mundial. Podemos dizer que a representação tem sido interpretada alternativamente de acordo com três perspectivas: jurídica, institucional e política. Elas pressupõem concepções específicas de soberania e política e, conseqüentemente, as relações entre estado e sociedade específicas. Todas elas podem também ser usadas para se definir democracia (respectivamente, direta, eleitoral e representativa). Contudo, apenas a última faz da representação de uma instituição consonante com uma sociedade democrática e plural.

A teoria jurídica da representação abriu as portas para uma justificação funcionalista da representação e dos direitos políticos, da cidadania e dos processos de tomada de decisão. Sua fundamentação tornou-se a coluna vertebral do governo representativo liberal e, mais tarde, da democracia eleitoral. Ela é baseada em um dualismo bem definido entre Estado e sociedade; faz da representação uma instituição centrada rigorosamente no Estado, cuja relação com a sociedade é deixada ao juízo do representante (tutor); e restringe a participação popular a um mínimo procedimental (eleições como a nomeação de magistrados).

Representação política rompe com estes dois modelos. Ela cria uma categoria inteiramente nova na medida em que concebe a representação dinamicamente, ao invés de estaticamente: a representação não tem que fazer uma entidade preexistente – p. ex. a unidade do Estado ou do povo ou da nação

– visível; diferentemente, ela é uma forma de existência política criada pelos próprios atores (o eleitorado e o representante).

Esta teoria faz jus à especificidade da representação política em relação a todas as outras formas de mandato e em particular ao esquema privado de autorização. A representação não pertence apenas aos agentes ou instituições governamentais, mas designa uma forma de processo político que é estruturada nos termos da circularidade entre as instituições e a sociedade, e não é confinada à deliberação e decisão na Assembleia.

É tarefa dos representantes populares eleitos, portanto, coordenar e criticar, analisar, propor. A unidade necessária não se segue logicamente da unidade daquele que representa, como Hobbes sustentaria, mas deve ser criada e constantemente recriada através de um processo político de atividade dinâmica. A teoria política da representação argumenta que, em um governo que deriva sua legitimidade de eleições livres e regulares, a ativação de uma corrente comunicativa entre a sociedade política e a civil é essencial e colaborativa, não apenas teórica, mas com ações práticas e objetivas.

Em um estilo hegeliano, o modelo de mediação de Jürgen Habermas explica bem melhor a relação orgânica entre o Estado e a sociedade do que a crise dessa relação, quando a continuidade entre os representantes e os cidadãos é interrompida. “Uma população de eleitores é capaz por si mesma de iniciativa transformadoras”; todavia, uma democracia representativa não é uma “massa de eleitores inoperantes e manipulados” e seus cidadãos são capazes de tomar iniciativas diretas e indiretas.

Na política representativa, diferentemente da democracia direta, os eleitores não são meras quantificações. Eles espelham a complexidade de opiniões e de influência política, nenhuma das quais é uma entidade computável aritmeticamente. Quando traduzimos ideias em votos, estamos emitindo opinião representativa que busca alcançar determinados ideais, para os cidadãos qualquer posicionamento ou política representativa deve apontar, pleitear, os valores do reino de Deus, justiça, paz, bondade, generosidade, entre outras virtudes.

A respeito dos partidos políticos

Os partidos políticos devem articular os interesses das classes que representam, a partir de pontos de vista periféricos. Eles são associações parciais-contudo-comunais e essenciais para referências que possibilitam aos cidadãos e representantes se identificarem uns aos outros (e aos demais) e formarem alianças e, além disso, situarem ideologicamente os compromissos que estão prontos a estabelecer, as causas cidadãs estão relacionadas com: a família tradicional, preservação da paz, contra o aborto, combate às drogas, educação eficaz, liberdade religiosa.

É por isso que a representação é “complexa” quando analisada com relação à democracia. Ela é complexa porque não pode nunca ser corroborada por e concebida nos termos de representantes que saibam efetivamente o que as pessoas desejam, e porque as expectativas das pessoas e as realizações de seus representantes jamais irão corresponder com exatidão aos anseios de seus eleitores. Ao mesmo tempo em que desafia o cognitivismo, a representação democrática depende de muito mais do que simplesmente procedimentos eleitorais. Ela requer práticas e autonomia local e liberdade de expressão e associação, bem como certa igualdade básica de condições materiais.

Necessita-se também uma cultura ética de cidadania que possibilite que tanto os representados quanto os representantes vejam as relações partidárias como não irredutivelmente antagonistas e sua defesa não como uma promoção incondicional de privilégios sectários contra o bem-estar de todos.

A influência cidadã e a representatividade serão construídas a partir dos valores cidadãos, as propostas ensinadas por Jesus no sermão do monte ainda ecoam, ajudar aos pobres, identificar as necessidades dos oprimidos, buscar e promover a justiça, buscar a paz entre os povos e promover a igualdade, nesse texto foi abordado a forma de participar e influenciar a partir do estado democrático de direito, através da eleição de homens e mulheres que se identificam com as causas cidadãs, pode-se propor alternativas para mudança e não conformidade com uma sociedade exploratória onde o indivíduo é aniquilado e transformado em apenas um número. Pretende-se com essa análise buscar

espaços e exercer influência cidadã demonstrando que os ensinamentos do Mestre ainda perduram e muitas pessoas podem ser ajudadas.

Apontamentos:

1) A história moderna sugere que a democratização começou com o processo representativo. A democratização do poder estatal e o poder unificador das ideias e movimentos políticos levados a cabo pela representação foram interconectados e mutuamente fortalecidos.

2) Representatividade e defesa são as expressões desse ganho e marcam o vínculo inevitável, ativado pelo processo eleitoral, entre o lado de dentro e o lado de fora das instituições legislativas, tanto o legislador eleito e o eleitor votante são atendidos em suas demandas.

3) A emergência do “povo” (os cidadãos) como um agente político ativo não se limita a renovar instituições e categorias antigas. No momento em que as eleições se tornaram um requerimento solene e indispensável de legitimidade política e formação de opiniões, Estado e sociedade não puderam mais ser desligados e o traçado das fronteiras separando – e conectando – suas esferas de ação tornou-se uma questão persistente de reajuste e negociações contínuas, isso é fazer política.

4) Precisamos definir a política do sim ou não e o início da política como uma arena de opiniões contestáveis e decisões sujeitas à revisão a qualquer tempo.

5) A representatividade política deve se ater ao fato de ser voz para aqueles que não tem voz, o pobre, o excluído não tem espaço e oportunidade para falar sobre seus direitos e buscar alternativa de vida, a expressão de Jesus: “Os pobres sempre tende convosco...” demonstra que nossa voz deve ser uma constante para representar aqueles que não têm voz.

6) É tarefa dos representantes populares eleitos, portanto, coordenar e criticar, analisar, propor, a unidade necessária não se segue logicamente da unidade daquele que representa, como Hobbes sustentaria, mas deve ser criada e constantemente recriada através de um processo político de atividade dinâmica.

7) Esse é o maior conflito quando se trata de representatividade no Brasil, desde o país colônia, os interesses pessoais prevalecem sobre o bem comum, as

causas particulares entram na frente dos interesses públicos e a vontade individual sobressai sobre as demandas coletivas.

8) Na política representativa, diferentemente da democracia direta, os eleitores não são meras quantificações. Eles espelham a complexidade de opiniões e de influência política, nenhuma das quais é uma entidade computável aritmeticamente.

REFERÊNCIAS

AMMANN, S. B. **Ideologia do desenvolvimento de comunidade no Brasil**. São Paulo, Cortez, 1980.

BADALONI, N. “**Gramsci: a filosofia da práxis como previsão**”. In: HOBBSAWN, E. (Org.). **História do marxismo**, vol. X, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1991

BORÓN, A. “**A sociedade civil após o dilúvio neoliberal**” In: SADER E. (Org.). **Pós-neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado democrático**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1995.

CARVALHO, A M. P. **A questão da transformação e o trabalho social**. São Paulo, Cortez, 1983.

CHAUÍ, M. **Conformismo e resistência: aspectos da cultura popular no Brasil**. São Paulo, Brasiliense, 1986.

ESCOBAR, A. (Orgs.). **Cultura e política nos movimentos sociais latino americanos: novas leituras**. Belo Horizonte, UFMG, 2000.

DIAS, E. “**Hegemonia: racionalidade que se faz história**”. In: DIAS, E. et al. **O outro Gramsci**. São Paulo, Xamã VM Editora, 1996.

FALEIROS, V. P. **Metodologia e ideologia do trabalho social**. São Paulo, Cortez, 1981.

GRUPPI, L. **O conceito de hegemonia em Gramsci**. Rio de Janeiro, Graal, 1978.

JAMESON, F. **Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio**. São Paulo, Ática, 1996.

MACIEL, M. e CARDOSO, F. G. “**Metodologia do serviço social: a práxis como base conceitual**”. In: **Cadernos ABESS**. (3). São Paulo Cortez, 1989.

MELLO, A. F. de. **Mundialização e política em Gramsci**. São Paulo, Cortez, 1996.

MOTA, A. E. **Cultura da crise e seguridade social**. São Paulo, Cortez, 1995.

NETTO, J. P. “**Transformações societárias e serviço social no Brasil** - notas para uma análise prospectiva da profissão no Brasil”. In: Serviço Social e Sociedade, n.50. São Paulo, Cortez, 1996.

SEMERARO, G. **Gramsci e a sociedade civil**. Rio de Janeiro, Vozes, 1999.

SIMIONATTO, I. Gramsci, sua teoria. Influência no Brasil, incidência no Serviço Socia. São Paulo, Cortez/UFSC, 1995.

AGGIO, A (org.). **Gramsci: a vitalidade de um pensamento**. São Paulo,

DAHL, Robert A. 1971. **Polyarchy: Participation and Opposition**. New Haven: Yale University Press. O que torna a representação democrática? Lua Nova, São Paulo, 67: 191-228, 2006

DEWEY, John. 1969. “**The Ethics of Democracy**”. In: BOYDSTON. J. A. (ed.). The Early Works, 1882-1898, vol. 1. Carbondale-Edwardsville: Southern Illinois University Press.

ELSTER, Jon. 1998. **Deliberative Democracy**. (Introdução). Ed. de Jon Elster. Cambridge: Cambridge University Press.

EPSTEIN, Leon D. 1986. **Political Parties in the American Mold**. Madison: The University of Wisconsin Press.

HOBBS, Thomas. 1994. “**The Elements of Law Natural and Politic**”. In: KATEB, George, 1983. **Hannah Arendt: Politics, Conscience, Evil**, Totowa, NJ: Rowman & Allanheld.

LEFORT, Claude. 1988. **Democracy and Political Theory**. Trad. David Macey. Cambridge: Polity Press.

MANIN, Bernard. 1997. **The Principles of Representative Government**. Cambridge: Cambridge University Press.

SCHUMPETER, Joseph A. 1962. **Capitalism, Socialism and Democracy**. New York: Harper Torchbook.

SKINNER, Quentin. 1982. “**Habermas Reformation**”. The New York Review of Books, 7, outubro 1982.

TAYLOR, Charles. 1998. “**The Dynamic of Democratic Exclusion**”. Journal of Democracy 9: 153.

TOCQUEVILLE, Alexis de. 1969. **Democracy in America**. Trad. J. P. Mayer. New York: Harper Perennial.

YOUNG, Iris Marion. 1990. **Justice and the Politics of Difference**. Princeton, NJ: Princeton University Press.

3. EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA

SCHNEIDER, Elton Ivan¹³

SCHNEIDER, Alice Braun¹⁴

A ideia de transformação digital não é nova e já está em curso há algum tempo. O uso do termo tem ficado mais evidente, devido a sua utilização massiva nos dias atuais em várias atividades humanas, como a educação, o trabalho, as comunicações, o transporte, sendo que sua relevância ganhou destaque, a partir do momento em que a mesma começou a transformar a vida das pessoas.

CAPÍTULO 03

Os primeiros homens ao criarem lanças, arcos e flechas, machados e artefatos de madeira e pedra estavam criando os primeiros artefatos tecnológicos produzidos pela humanidade e sua importância só foi percebida alguns milênios depois. A pandemia atual não está transformando a evolução tecnológica, está transformando a forma e a maneira como vivemos nossas vidas, e de forma abrupta, **passamos a depender da tecnologia para trabalhar, nos relacionar, estudar, comprar e viver.**

O que estamos acelerando é uma nova sociedade baseada em uso intensivo de tecnologias, o que alguns chamam de sociedade 5.0, onde o foco não recai apenas nas tecnologias, mas na sociedade que está inserida em um determinado ambiente e que vai ser impactada pelas novas tecnologias. O sucesso de uma nova tecnologia depende do uso que a sociedade faz da

¹³ Prof. Dr. Elton Ivan Schneider, é professor e Diretor da Escola de Negócios do Centro Universitário Internacional UNINTER

¹⁴ Alice Braum Schneider, é professora e mestranda do Programa de Mestrado em Educação e Novas Tecnologias do Centro Universitário Internacional UNINTER

mesma, no caso em que estamos vivendo, todas as tecnologias que possam ser utilizadas para reduzir o impacto do isolamento social exigido pela pandemia serão consideradas bem-vindas, benéficas e de sucesso. **Mas transformação digital vai bem além disso.**

A pandemia está aumentando a velocidade de uso de tecnologias, implicando em maior transformação digital, mesmo que por imposição e não por opção de mudança. Temos que tomar alguns cuidados com essas mudanças, e principalmente, com as soluções tecnológicas adotadas, que podem ser importantes e interessantes para o momento, mas podem ser devastadoras se não forem bem dosadas no futuro.



Figura 1: Sociedade 5.0
Fonte: Elaborado pelos autores

É importante lembrar que a sua implantação e uso terá diferentes caminhos, vejam alguns:

1. **Educação online para criança de 0-10 anos:** como recurso para reduzir o distanciamento e como forma de manutenção de atividades de aprendizagem por um curto período de tempo, pode ser bem-vinda, mas a longo prazo pode ser prejudicial, não é solução;
2. **Telemedicina:** pode auxiliar na identificação de doenças, na procura por outras opiniões de especialistas, na realização de cirurgias remotas, mas

- o tratamento e o atendimento da maior parte das doenças exigem contato e acompanhamento humano, e isto não é negociável;
3. **Relacionamento humano:** diminui a distância, mas não substitui o contato humano, um abraço, um aperto de mão e um beijo, que são insubstituíveis;
 4. **Teletrabalho:** já tínhamos as leis para isso, faltava o empurrão para acontecer, não tem mais volta, vai ser uma realidade daqui para frente;
 5. **Marketing Digital, E-Commerce e Varejo Digital:** estavam sendo implantados aos poucos pelas empresas. Daqui para frente terão investimentos altíssimos e a procura por profissionais dessas áreas vai explodir;
 6. **Educação com uso de tecnologias:** sem volta, será uma das áreas com maior impacto de novas possibilidades de ensino e aprendizagem, não podemos nos esquecer que tecnologia é meio, portanto precisa de planejamento, recursos, treinamento, acessibilidade, e mais uns outros 500 requisitos;
 7. **Automação e robotização:** sem volta, processos mecânicos em empresas e indústrias serão totalmente automatizados, reduzindo vagas e custos operacionais, abrindo vagas para novas profissões, mais qualificadas e com maior remuneração.

A pandemia de 2020 obrigou a todos, mesmo os que não queriam ensinar e aprender com tecnologias, a experimentar processos de EAD. O ensino a distância já era maioria desde 2018, quando 52% dos alunos do ensino superior brasileiro se matricularam em cursos desta modalidade (MEC/INEP, 2019). Já havia previsões de que em menos de 5 anos, muitos cursos (Educação, Direito, Gestão, Engenharia) deixariam de existir no período noturno em cursos presenciais, em 2020 muitos cursos e IES vão ter dificuldades para continuar existindo, no próximo censo do ensino superior brasileiro veremos essa tendência se solidificar e ser a nova realidade do ensino superior.

Já faltam profissionais da área digital hoje, teremos uma escassez e uma supervalorização daqueles que estiverem prontos a surfar nesta nova onda. Não se trata de tendência, mas de realidade de empregos e negócios.

Profissionais das áreas de Marketing Digital, E-Commerce, Teletrabalho, Educação a Distância com uso intensivo de tecnologias e negócios cada vez mais digitais serão procurados e extremamente valorizados, mesmo que trabalhando fisicamente em um escritório ou remotamente de suas casas, ou melhor de seus home offices.

Para entendermos melhor o que estamos chamando de transformação digital, pode-se afirmar que a mesma como a conhecemos, começou com o e-mail por volta de 1971, com os primeiros editores de textos e planilhas na década de 1980, mas será muito mais sentida quando a inteligência artificial e máquinas/processos robotizados forem mais efetivos na substituição do trabalho humano. Estamos vivendo um boom de tecnologias que vão mudar nossa forma de convivência em sociedade, esta será a grande transformação, **quando não soubermos mais distinguir o que é humano do que é máquina.**

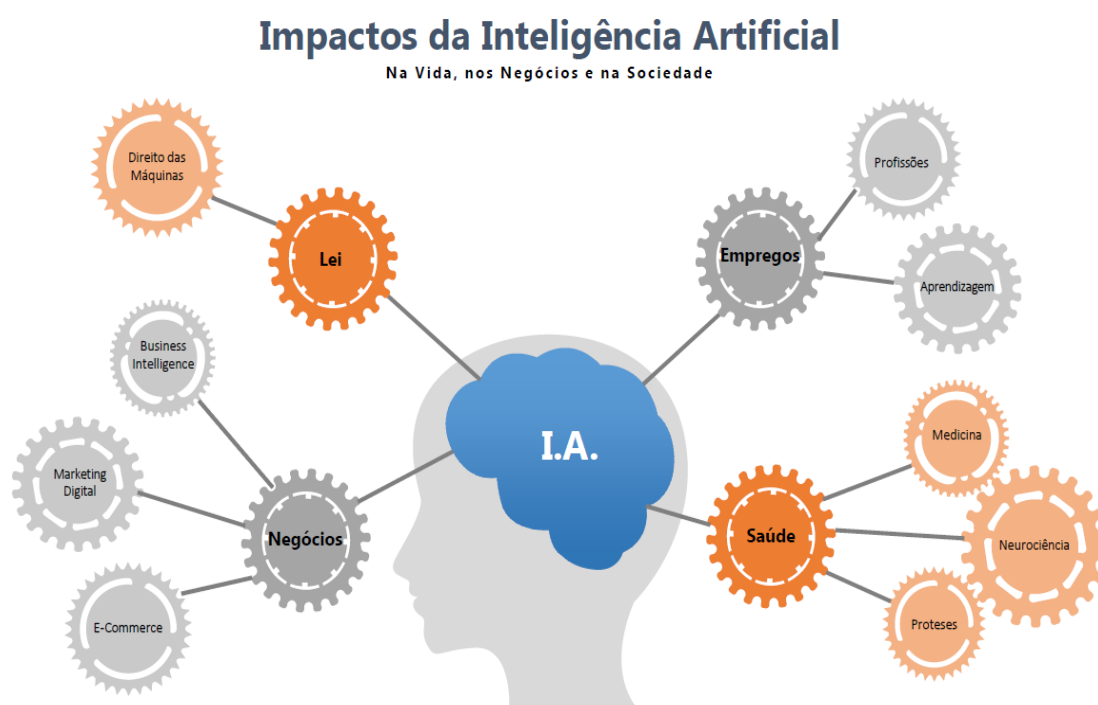


Figura 2: Impactos da Inteligência Artificial
Fonte: Elaborado pelos autores.

O caixa eletrônico já foi uma grande evolução tecnológica que está sendo substituída pelos aplicativos de celular, a tecnologia não para de evoluir, porém quando acabarmos com o dinheiro físico, e o substituímos pelas moedas

digitais, até mesmo os bancos estarão sujeitos a deixarem de existir. Por isso ***não procure por tecnologias ou negócios para apostar o seu futuro, procure por profissões que serão do futuro.***

O certo é que este novo momento da educação e das profissões vai exigir um novo grupo de competências, **Competências Digitais ou Literacia Digital**, que implica em uma integração de conhecimentos, habilidades, atitudes, valores e emoções (C.H.A.V.E) que nos auxiliem a ampliar a compreensão, a conscientização, a aplicação, e a melhoria da realidade social e econômica com uma visão sócio-crítica “através” e “das” tecnologias.

Competências Digitais e Literacia Digital

As competências digitais ou Literacia digital foram impulsionadas, segundo Okada (2014), pela European Commision (2007) ao introduzir as competências digitais como competência chave para educação de todo o mercado comum europeu, incentivando o “uso efetivo das tecnologias” para acessar, avaliar e compartilhar informação de modo eficiente e ético (Beers, 2011). Para a autora, a Literacia Digital compreende o entendimento de como, por que e para que as diversas mídias são criadas e compartilhadas, as influências que os conteúdos digitais exercem, incluindo valores, pontos de vistas e questões éticas e legais (Binkley et al, 2010, Government of Alberta, 2010).

Para Sacristan (2011), a evolução tecnológica atual nos leva a educar por competências, formamos indivíduos que precisam ser eficientes na grande engrenagem do sistema produtivo mundial, **não importam os valores ou a vocação do país, somos forçados a nos adaptar às exigências de uma economia global, competitiva em um mercado global**. Na visão do autor, as opiniões e pontos de vista vão da crítica ao devaneio, da formação de indivíduos para atuarem como engrenagens do sistema, a enfoques onde estamos diante de uma grande oportunidade de reformular todo o sistema educacional mundial. Se são verdades ou ilusões, não nos cabe julgar, cabe-nos planejar o uso da evolução tecnológica atual para “reestruturar os sistemas educacionais por dentro, superando o ensino baseado em conteúdos antigos pouco funcionais,

obtendo, assim, uma sociedade não apenas eficiente, mas também justa, democrática e inclusiva” (SACRISTAN et al, 2011, p. 8).

O momento atual em que vivemos **nos remete à sociedade da informação e do conhecimento, líquida, fluída e complexa, onde o conhecimento é visto como um fluxo**, em constante evolução e transformação, incapaz de ser contido e envelopado, exigindo do indivíduo a capacidade de aprender ao longo de toda a vida, sendo capaz de rever, reavaliar, ressignificar e recontextualizar suas competências, **sua C.H.A.V.E.**

Talvez, um dos principais desafios na educação na atual sociedade da informação não envolva o acesso à informação (quantidade, qualidade), mas capacidade dos aprendizes em entender a informação, selecionar a boa informação, excluir a má informação (fake News), organizar seus esquemas de aprendizagem, transformar a informação e conhecimento aplicável, organizando-o de forma que possa ser aplicado em diferentes contextos, baseados em valores e atitudes éticas, que melhorem sua vida pessoal, profissional e social, **sendo capazes de enfrentar os desafios de um contexto tão aberto, cambiante e incerto.**

Para Sacristan (2011), a escola, as políticas públicas de educação e os sistemas educacionais enfrentam dois grandes desafios que estão intimamente relacionados:

- por um lado, consolidar uma escola compreensiva que permita o máximo de desenvolvimento das capacidades de cada pessoa, respeitando a diversidade e assegurando a equidade de acesso à educação e compensando as desigualdades;
- por outro lado, favorecer a formação de sujeitos autônomos, capazes de tomar decisões informadas sobre sua própria vida e de participar de maneira relativamente autônoma na vida profissional e social (SACRISTAN, 2011, p. 69).

Compreendemos uma competência como algo inerente ao ser humano, não chamamos ou não atribuímos o termo competente a

computadores, softwares e máquinas, uma competência é mais que conhecimentos e habilidades, “é a capacidade de enfrentar demandas complexas em um contexto particular, um saber fazer complexo, resultado da integração, mobilização e adequação de capacidades, conhecimentos, atitudes, valores e emoções utilizados de modo eficaz em situações reais” (SACRISTAN, 2011, p. 92).

Sob a tutela da OCDE, com uma primeira versão no ano 2000 e concluído em 2003, o Projeto DeSeCo (*Definition and Selection Competencies*) estabelece um conjunto de competências a serem desenvolvidas pelos sistemas educacionais que envolvem: comunicação na língua materna, comunicação em uma língua estrangeira, competência matemática e competências em ciência e tecnologia, competência digital, aprender a aprender, competências interpessoais e cívicas, espírito empreendedor e expressão cultural.

Em 2017, a Comissão Europeia, através do *Joint Research Centre*, publicou o Quadro Europeu de Competência Digital para Cidadãos, **que tem como objetivo aproveitar o potencial das tecnologias digitais para inovar em práticas educacionais, melhorando o acesso à aprendizagem, ao desenvolvimento de novas competências digitais ao longo da vida.** O Quadro Europeu envolve as seguintes competências:

Áreas de Competências Digitais	Competências
1 – Literacia da Informação e de dados	1.1 Navegação, procura e filtragem de dados, informação e conteúdo digital 1.2 Avaliação de dados, informação e conteúdo digital 1.3 Gestão de dados (Armazenamento e recuperação da informação), informação e conteúdo digital
2 – Comunicação e colaboração	2.1 Interação através de tecnologias digitais 2.2 Partilha de informação e conteúdo 2.3 Envolvimento na cidadania digital 2.4 Colaboração através de canais digitais 2.5 Netiqueta 2.6 Gestão da identidade digital

3 - Criação de Conteúdo Digital	3.1 Desenvolvimento de conteúdo digital 3.2 Integração e reelaboração de conteúdo digital 3.3 Direitos do autor e licenças 3.4 Programação
4 – Segurança	4.1 Proteção de dispositivos 4.2 Proteção de dados pessoais 4.3 Proteção da saúde 4.4 Proteção do meio ambiente
5 - Resolução de Problemas	5.1 Resolução de problemas técnicos 5.2 Identificação de necessidades e respostas tecnológicas 5.3 Inovação e utilização da tecnologia de forma criativa 5.4 Identificação de lacunas na competência digital

Quadro 01: Competências Digitais

Fonte: Quadro Europeu de Competências Digitais para Cidadãos

O modelo envolve cinco dimensões:

- I. **Áreas de competência identificadas como parte da competência digital:** por ser interdisciplinar e complexa, uma competência não pode ser desenvolvida no âmbito de uma disciplina, mas no âmbito de um projeto pedagógico;
- II. **As competências e a descrição de cada competência;**
- III. **Níveis de proficiência para cada competência:** indicando o nível de capacidade de cada indivíduo, destacando-se: um nível básico, um nível intermediário, um nível avançado e um altamente especializado;
- IV. **Conhecimento, Habilidades e atitudes aplicáveis a cada competência:** envolve a descrição do conjunto de elementos necessários ao desenvolvimento da competência;
- V. **Exemplos de uso sobre a aplicabilidade da competência a diferentes propósitos:** no modelo europeu, os exemplos de uso se aplicam à aprendizagem e ao emprego.

O modelo europeu de competências usa como analogia um ser humano e suas habilidades na água (ver figura 03) envolvendo a complexidade da tarefa a ser desenvolvida em uma escala evolutiva (entrar na água, nadar, surfar, andar

de barco, construir seu próprio barco), sua autonomia para o desempenho da função e/ou atividade (atividades simples sem supervisão, atividades com supervisão, autonomia para realização, adaptação a novas situações, criação de novas soluções em novos contextos) e domínio cognitivo do indivíduo (baseado na taxonomia de Bloom, conhecer, compreender, analisar, avaliar, aplicar, criar).

O modelo proposto não se limita à proposição de um conjunto de competências digitais a serem desenvolvidas pelos alunos e aprendizes, ele também nos apresenta uma forma esquemática de elaboração do projeto pedagógico que dará sustentação ao modelo, ver figuras 04. **O sucesso do modelo tem relação direta com o conjunto de competências profissionais e com o conjunto de competências pedagógicas dos professores e profissionais envolvidos com o desenvolvimento da proposta.** Em outras palavras, não se pode pensar em competências digitais do aluno e/ou aprendiz, sem se preocupar com as competências do professor envolvido. A ideia central está em transformar a escola em uma central de desenvolvimento de competências pessoais, não em um local de ensino de conteúdos disciplinares, só que isso não se realiza sem professores competentes.

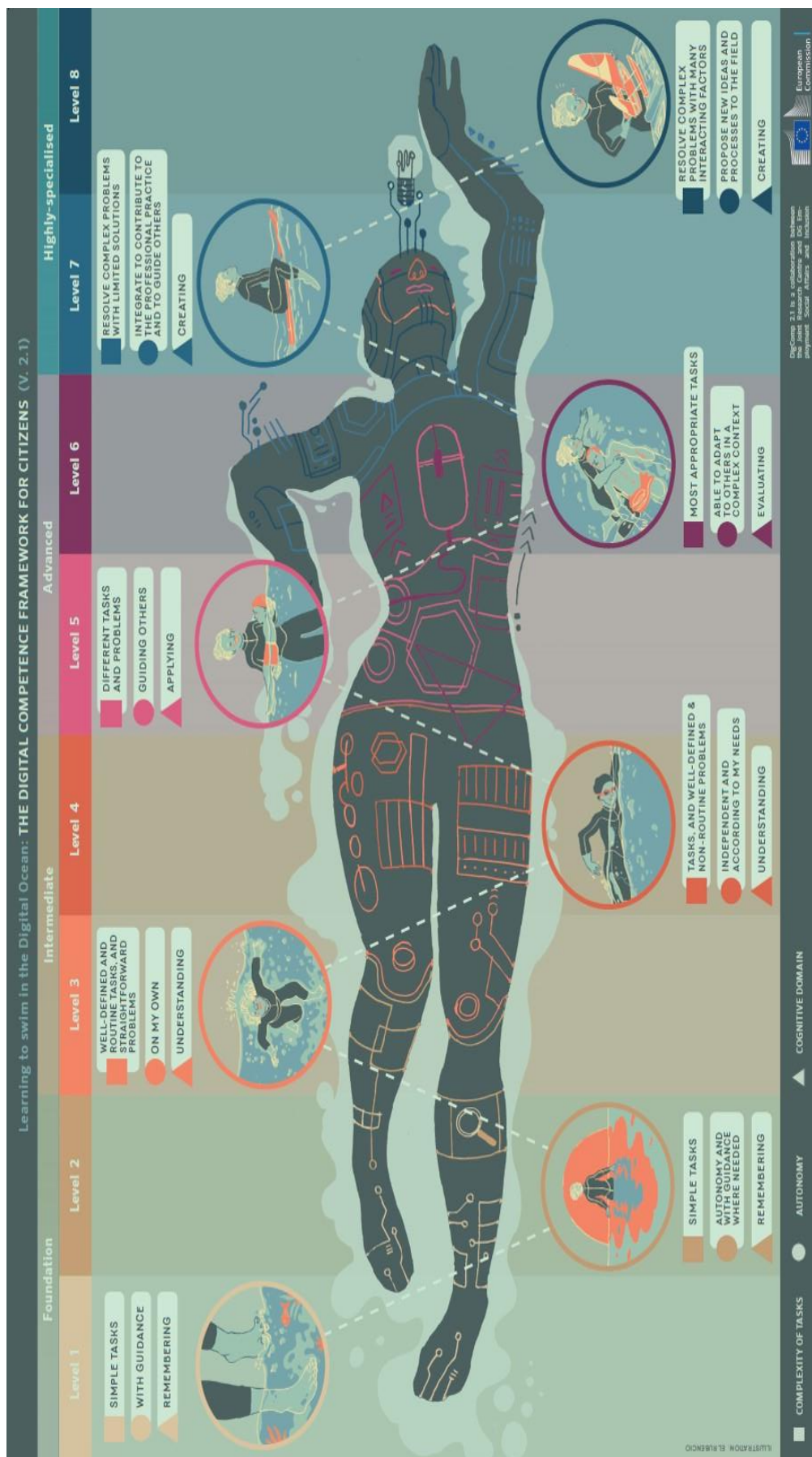


Figura 3: Quadro Europeu de Competências Digitais – DigComp
 Fonte: kluzer e Pujol Priego, 2018, p.20.

O que o modelo europeu nos ensina sobre formação de competências digitais e da Literacia digital:

- I. **Sobre a necessidade de envolvimento profissional:** os profissionais da educação (professores) precisam desenvolver suas competências digitais para poder ensinar nesta nova sociedade 5.0, nesta nova era de transformação digital. Não só para melhorar o ensino, mas para desenvolver seu próprio grupo de profissionais/professores, suas instituições de ensino (escola) e suas políticas públicas;
- II. **Sobre recursos digitais:** a evolução digital desta nova era está disponível a todos, cabe ao profissional de educação aceitar esta variedade, identificando os melhores recursos para cada objetivo de aprendizagem, alterando a sua prática, melhorando a sua prática com estes novos recursos.
- III. **Sobre ensino e aprendizagem:** não existe uma única metodologia ou tecnologia que dê conta de ensinar tudo a todos. As Tecnologias Digitais podem melhorar as estratégias de ensino e aprendizagem de muitas maneiras diferentes, no entanto, independentemente da estratégia ou abordagem pedagógica escolhida, a competência digital específica do educador reside em orquestrar efetivamente a utilização de tecnologias digitais nas diferentes fases e configurações do processo de aprendizagem.
- IV. **Sobre a avaliação:** a avaliação em processos educativos nunca deixará de representar um desafio ao professor. Deve-se levar em consideração, de que modo as tecnologias podem ajudar, e se elas podem melhorar as estratégias de avaliação existentes. Como as tecnologias podem ser utilizadas para criar ou facilitar abordagens inovadoras de avaliação. Um professor digitalmente competente deve ser capaz de utilizar tecnologias digitais para entender não só sobre a avaliação, mas sobre o comportamento individual de aprendizagem de cada aprendente, analisando e interpretando dados de aprendizagem de cada aluno, em uma abordagem onde o aluno é o centro do processo educativo.

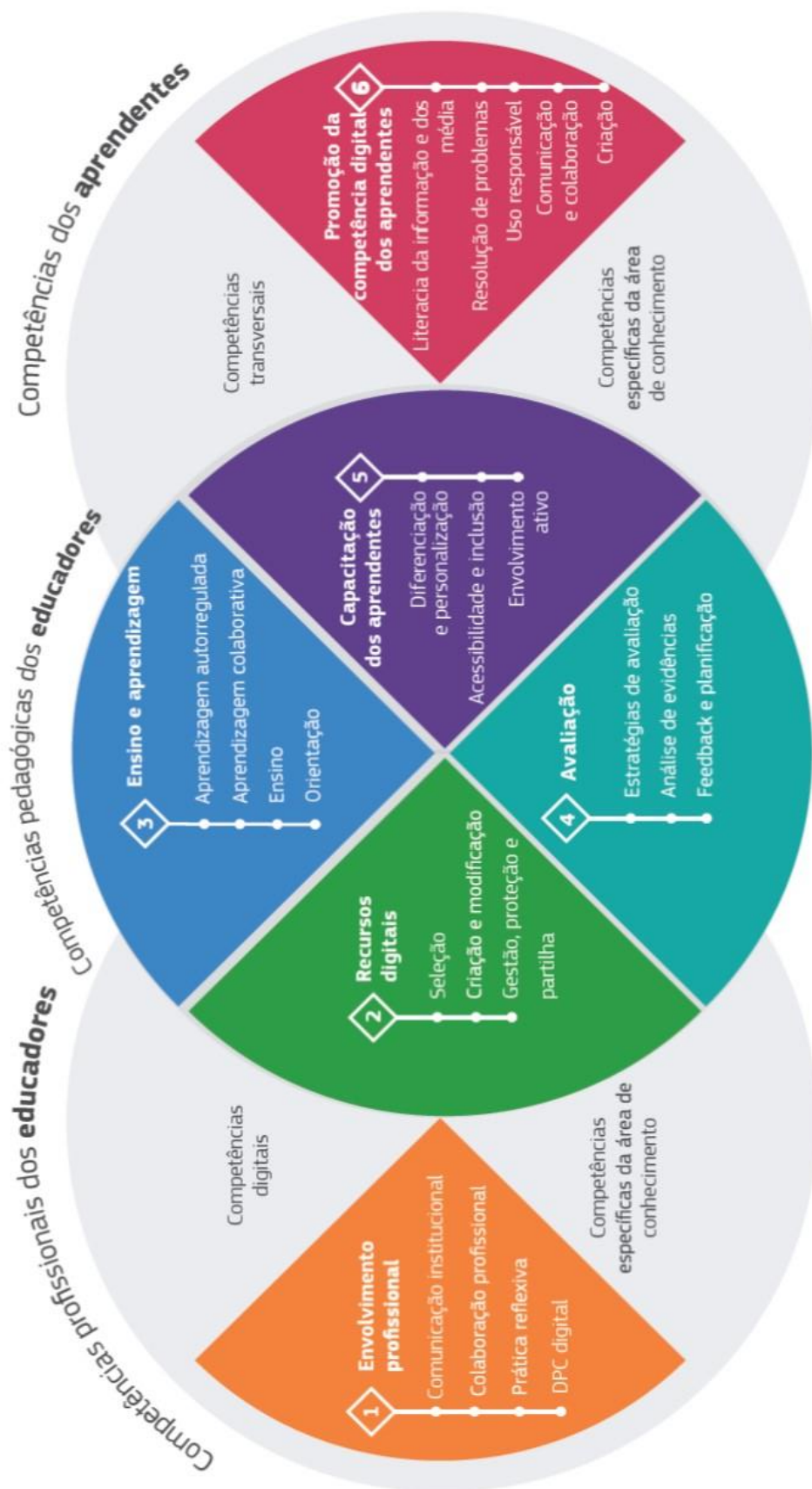


Figura 4: Quadro Europeu de Competências Digitais – DigComp
 Fonte: Lucas e Moreira, 2018, p.19.

- V. **Sobre a capacitação dos alunos/aprendizes:** uma das principais vantagens do uso de tecnologias (Inteligência artificial, data mining, Big Data) na educação envolve o seu potencial para apoiar estratégias pedagógicas centradas no aluno, a potencialização da capacidade de personalização e diferenciação de conteúdos e atividades de aprendizagem. É preciso pensar e criar estratégias para o uso das tecnologias digitais para facilitar o envolvimento ativo dos aprendizes. Isto tudo sem falar nas possibilidades de inclusão de alunos com deficiência (déficit de aprendizagem, transtornos, cegueira e surdez, entre outros).
- VI. **Sobre a promoção das competências digitais aos alunos e/ou aprendizes:** se estamos vivendo em uma sociedade da era da transformação digital, como formar alunos e/ou aprendizes sem este tipo de competência? Trata-se uma competência transversal a ser desenvolvida, sem a qual, no futuro os indivíduos que não forem formados para as competências digitais poderão ser chamados dos novos analfabetos da sociedade digital.

Para Perrenoud (2001), uma competência se manifesta em contextos e situações diárias, em condições de vida do ser humano. **Se a escola pretende formar um indivíduo para a vida, ao longo de sua vida deverá formá-lo para o desenvolvimento de competências que permitirão uma intervenção eficaz nos diferentes âmbitos da vida, em uma vida cada vez mais digital.** A competência identificará aquilo que qualquer pessoa necessita para responder aos problemas aos quais se deparará ao longo da vida. Portanto, “competência consistirá na intervenção eficaz nos diferentes âmbitos da vida mediante ações nas quais se mobilizam, ao mesmo tempo e de maneira inter-relacionada, componentes atitudinais, procedimentais e conceituais” (ZABALLA, 2014, posição 669 do Kindle). **Se formarmos cidadãos competentes, enfrentaremos pandemias com tranquilidade, com dignidade, com respeito e tolerância, onde a tecnologia possa ser, talvez, só mais recurso para o sucesso.**

REFERÊNCIAS

Beers, S.; **21 st Century Skills : Preparing Students for THEIR Future**. Mc Graw Hill Education, 2011. Acedido 05.03.2013 em: https://www.mheonline.com/mhmymath/pdf/21st_century_skills.pdf

Binkley, M., Erstad, O., Herman, J., Raizen, S., Ripley, M., and Rumble, M.; **Defining 21st Century Skills**. White Paper commissioned for the Assessment and Teaching of 21st Century Skills Project (ATC21S), 2010.

European Communities; **Key Competences For Lifelong Learning European Reference Framework**, 2007. http://ec.europa.eu/dgs/education_culture/publ/pdf/ll-

Government of Alberta; **Inspiring Action on Education**. Retrieved February 7, 2013, from <http://ideas.education.alberta.ca/media/2905/inspiringaction%20eng.pdf>

KLUZER S., PUJOL PRIEGO L.; ***DigComp into Action - Get inspired, make it happen***. JRC Science for Policy Report, EUR 29115 EN, Publications Office of the European Union, Luxembourg, 2018.

LUCAS, M., & MOREIRA, A.; **DigCompEdu: quadro europeu de competência digital para educadores**. Aveiro: UA, 2018.

OKADA, Alexandra. **Competências Chave para Coaprendizagem na Era Digital: fundamentos, métodos e aplicações**. Santo Tirso – Portugal: WHITEBOOKS, 2014.

PERRENOUD, P. **Por que construir competências a partir da escola? Desenvolvimento da autonomia e luta contra a desigualdade**. Porto: ASA, 2001.

SACRISTAN, José Gilmeno...[et al]; **Educar por competências: o que há de novo**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

ZABALA, Antoni; ARNAU, Laia. **Como aprender e ensinar competências**. Porto Alegre: Penso, 2014.

4. PAIS, FILHOS E ESCOLA: RESSIGNIFICAÇÕES EM TEMPO DE PANDEMIA

QUADROS, Deisily de¹⁵
CORDEIRO, Gisele do Rocio¹⁶

É curioso escrever sobre a educação em meio a uma pandemia. É curioso escrever a partir do olhar de mãe. Deixe-me explicar. Sou professora há 20 anos. Já atuei na Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. Há 9 anos, adentrei o Ensino Superior. E há 5 anos, engatinho pelo Ensino a Distância. Minhas pesquisas circulam pela literatura, mais precisamente pela formação do leitor. E hoje, sentei em frente ao computador para tentar sistematizar reflexões

CAPÍTULO 04

sobre o ensino durante a pandemia e mais: não do lugar de professora e pesquisadora, mas de mãe. Mãe do Théo. Um desafio e tanto. Vamos lá.

Homeschooling, home office, estudo remoto. Certamente, essas palavras passaram a fazer parte do seu vocabulário, se você tem filhos ou acompanha os estudos de alguma criança. Aqui em casa foi assim. Com a pandemia e, conseqüentemente, mudanças na rotina familiar, essas palavrinhas chegaram de supetão invadindo o nosso cotidiano.

Com a Covid 19, fomos convidados a alterar nossa rotina e a repensarmos nosso modo de ser e estar no mundo. Com o distanciamento social, passei a trabalhar em home office. Novos desafios para transmitir aulas fora dos estúdios e para realizar reuniões por plataformas on-line. Mas, meu desafio maior tem sido acompanhar meu filho de 6 anos em sua nova rotina escolar.

¹⁵ Profa. Dra. Deisily de Quadros é professora e coordenadora da área de Linguagens e Sociedade no Centro Universitário Internacional UNINTER.

¹⁶ Profa. Dra. Gisele do Rocio Cordeiro é professora e coordenadora da área de Educação no Centro Universitário Internacional UNINTER.

Iniciou o 1º ano em fevereiro, em uma nova escola. Estávamos nos adaptando à nova comunidade escolar, quando a pandemia chegou e os noticiários começaram a propagar incessantemente que a Terra parou (sempre me pergunto: parou mesmo?). No último dia de aula antes do forçado recesso, trouxe para casa muitos livros da biblioteca. Literatura! E assim passamos nossa primeira semana em casa: dividindo o espaço e o tempo com o trabalho, os brinquedos, as refeições, os afazeres da casa e a literatura. Antes de dormir, ao invés de escolher um livro da nossa biblioteca, Théo escolhia um livro que havia trazido da escola.

Na segunda semana, recebemos uma ligação da professora, para saber como estávamos e no grupo de Whatsapp de pais, chegou a informação de que no site da escola encontraríamos atividades de Língua Portuguesa e Matemática. Com a certeza de que a costumeira rotina não voltaria tão cedo, fizemos uma agenda com os afazeres de cada dia da semana e grudamos na porta da geladeira: ali, bem visível, como uma espécie de salvação para não nos perdemos na bagunça do tempo e espaço. Os desenhos do meu filho determinavam o café da manhã, higiene bucal, atividades escolares – elaborei mais algumas para acrescentar às tarefas da escola – almoço, higiene bucal mais uma vez, descanso, exercícios de fono e atendimento on-line nas segundas e quartas – sim, on-line –, brincar, café, brincar, banho, TV, janta, higiene bucal de novo, dormir.

Na terceira semana, nova relação de atividades de Língua Portuguesa e Matemática. No grupo de Whatsapp, as crianças começaram a enviar desenhos de presente para os colegas. Em casa, a rotina estampada na porta da geladeira continuava a ser seguida. Vez ou outra, tínhamos de mudar o horário de realizar as atividades, pois reuniões e outras demandas do trabalho assim exigiam, além da delimitação do espaço e do silêncio lembrado e lembrado pelo “xiiiiiiii” acompanhado do indicador em frente aos lábios.

Na quarta semana, novidades: a professora ligou, anunciando que começariam as aulas remotas e dando as orientações: duas vezes na semana, em horário previamente combinado, receberíamos uma ligação por vídeo via Whatsapp. A chamada seria realizada em grupos de 3 crianças. E as atividades já estavam no site da escola. Seguiriam o mesmo horário de aulas da turma. E

não era para deixar de ver a live de Artes, que aconteceria à tarde no Instagram da escola! Corre imprimir as atividades, corre baixar o Instagram para ver a live, corre separar o material que o professor de Artes estava pedindo, corre lidar com a frustração do filho, que cortou errado a folha colorida...

No dia seguinte, acordei o filho cedo para tomar café e assistir à aula remota. A atividade era de escrita de palavras. A professora se esforçava para atender as três crianças que ora falavam ao mesmo tempo, ora mexiam nisso e naquilo, ora faziam caretas, ora criavam hipóteses de escrita. A atividade não terminou, a professora precisava desligar para atender o grupo seguinte. Então, corre terminar a tarefa com o filho antes de a reunião do trabalho começar. Dessa forma, a quarta semana foi marcada por correria, ansiedade e uma quantidade danada de folhas de Língua Portuguesa, Matemática, Ciências Humanas, Ciências Naturais, até Yoga, que foram escaneadas e encaminhadas para a professora por e-mail.

Iniciei a quinta semana com medo de olhar o grupo de pais e o site da escola. E decidida a respeitar nossos limites. Então, notícias chegam no Whatsapp: acessem o site da escola e façam as atividades no horário mais adequado à rotina da família. Divirtam-se! Olhando o site, meus olhos sorriram. Um vídeo do professor de Educação Física ensinando uma brincadeira, músicas infantis para a aula de Inglês, um vídeo com exercícios de Yoga – fiz também! – e na aula por vídeo chamada atividades com dado, figuras, material concreto.

Vocês devem estar se perguntando: por que esse relato? Por que esse diário? Compartilho com vocês um exemplo de uma família e de uma escola tentando lidar com a aprendizagem durante a pandemia. E com qual propósito? Convidá-los à reflexão. Assim, Gisele e eu propomos aqui a discussão de alguns temas que surgiram com o contexto atual em que vivemos.

Homeschooling: nosso ensino domiciliar

O ensino doméstico ou domiciliar teve origem nos Estados Unidos e esteve em destaque nos noticiários durante as eleições presidenciais de 2018. Apontado como uma alternativa ao modelo engessado de educação que temos, tornou-se uma realidade com a pandemia: nós, pais ou responsáveis, estamos à frente da aprendizagem de nossos filhos. A educação domiciliar é uma

modalidade de ensino e possui duas características específicas: acontece no seio da própria família e os principais responsáveis pelo processo de ensino e aprendizagem são os pais.

Para John Holt (2006, p. 63), “as crianças aprendem a partir de qualquer coisa e tudo o que veem. Elas aprendem onde quer que estejam, e não apenas em lugares especiais de aprendizagem”. Sem dúvida, aprendemos além dos muros da escola. No entanto, o ensino domiciliar é bastante problematizado, principalmente por dois fatores: a socialização das crianças e a falta de formação dos pais.

Nossa experiência em casa tem nos mostrado que a criança pequena, ainda que interaja virtualmente com a professora e os colegas, precisa do toque, do tete a tete: “sinto saudades”, Théo se queixa constantemente. Sobre a formação dos pais, é uma preocupação muito relevante: a mim foi delegada a responsabilidade de acompanhar os estudos do Théo, pois sou eu a professora. No entanto, há muito tempo não acompanho estudos sobre alfabetização e não atuo com séries iniciais. Tem sido um desafio. Somando-se a isso, há ainda a questão de conciliar o home office, as tarefas domésticas e o acompanhamento dos estudos do Théo, o que me faz questionar: a educação domiciliar é apropriada para todas as famílias?

Ensino remoto

Ensino remoto, aprendizagem remota, educação remota. Remoto significa longínquo, distante. Assim, ensino remoto é o uso da tecnologia para ministrar, à distância, aulas síncronas. É o que muitas escolas públicas e privadas têm adotado como alternativa durante a pandemia, de modo a garantir o acesso à educação no período de isolamento social. As aulas são transmitidas ao vivo, pelos professores da turma/escola, que ministram os conteúdos de acordo com a grade curricular.

É importante ressaltar que ensino remoto não é o mesmo que educação a distância, visto que, apesar de também ser mediado pela tecnologia, continua seguindo os mesmos princípios da modalidade presencial. Vale questionar também se o ensino remoto é o mais adequado. Experimentamos uma semana em que se priorizou os conteúdos, seguindo fielmente os horários da escola, as

disciplinas que seriam ministradas em cada dia. Foi angustiante a sobrecarga que eu tive para conciliar trabalho, casa e escola e a falta de paciência do Théo, para assistir aos 40 minutos de aula e para realizar tantas atividades, o que me faz acreditar que a transposição das aulas presenciais para as remotas não é o suficiente.

Educação: mercadoria cara em nosso país

Acompanhando grupos de pais da escola do filho de uma colega e dos meus sobrinhos e tendo trabalhado em escola privada, compreendo a angústia dos professores: recebem salários para ensinar e precisam garantir o produto pelo qual os pais pagaram. É extremamente frustrante conceber que famílias e escolas possam pensar dessa forma. Para Bottomore (1998, p. 266), mercadoria é tudo o que pode ser comprado ou vendido, numa perspectiva de acúmulo de capital. Ou seja, o fato, é que educação se tornou mercadoria. E cara.

Assim, a escola, aflita, tenta encontrar caminhos para que os conteúdos – e o serviço que foi pago – chegue até a casa de seus alunos. Com isso, professores se desdobram em suas casas – também se adaptando à nova rotina, com afazeres domésticos e filhos – para descobrir plataformas e lutar com a tecnologia de modo a poder transmitir as suas aulas. E com isso, temos uma cópia, um tanto estressada, estranha, inacabada é verdade, das aulas presenciais. Só que não são presenciais! Exigem outras formas, metodologias, nuances, contornos. O que a pressa e a urgência que norteiam a compra e a venda da mercadoria educação não permitem observar.

Abismos sociais em tempos de pandemia

Conforme relatei, estamos em casa. Temos comida, banho quente, conforto e tecnologias que permitem o home office e o acesso à educação remota. E quem não tem? Estados e Prefeituras, assim como as escolas privadas, estão produzindo aulas remotas, ora veiculadas por canais de televisão, ora veiculadas por plataformas diversas na internet. Será que todos os estudantes têm as mesmas condições de acesso? O programa “Outra Estação”, da Rádio UFMG Educativa, afirma que o ensino remoto “expõe o abismo entre estudantes das classes sociais mais privilegiadas e os mais vulneráveis”. Segundo a secretária de Educação de Belo Horizonte, Ângela Dalben, uma das

entrevistadas do programa, é preciso preocupar-se com o acesso à internet e aos dispositivos tecnológicos necessários para que a aprendizagem remota aconteça. Faz-se necessário mencionar ainda as condições físicas da moradia e questões como alimentação adequada, necessidade de trabalhar, de cuidar dos irmãos e da casa.

Família, escola e parceria

Desde o magistério leio e sou convidada a refletir sobre a importância da relação da família com a escola. Afinal, esses dois sistemas têm objetivos que se interpenetram, uma vez que "compartilham a tarefa de preparar as crianças e os jovens para a inserção crítica, participativa e produtiva na sociedade" (Reali & Tancredi, 2005, p. 240). No entanto, o que observamos com frequência são professores reclamando da ausência dos pais na vida escolar do filho e pais questionando o motivo de terem de ir a reuniões na escola e de auxiliarem em tarefas escolares depois de um exaustivo dia de trabalho.

Com a pandemia, percebo que a relação da família com a escola se estreitou. Pais foram convocados a participar ativamente – ainda que nem sempre de forma entusiasta – da vida escolar do seu filho, auxiliando nas tarefas, compartilhando o espaço na mesa ou no escritório, dividindo o celular, o tablet, o computador. A necessidade (re)cria laços.

O que é realmente aprender?

O conhecimento, os conteúdos, a aprendizagem vem sendo questionados e, com isso, temos o crescimento de filosofias e pedagogias que vão na contramão do ensino como poder, disputa, competição pelo melhor lugar ao sol no mundo dos adultos, no mundo do trabalho. A expansão de escolas Waldorf, por exemplo, baseadas na filosofia do austríaco Rudolf Steiner, é um indicativo – ainda que tímido – de que há anseios por novas formas de aprender, por novos valores. Com 16 mil alunos e presente em 21 estados brasileiros, a Pedagogia Waldorf cresceu 200% no Brasil nos últimos 10 anos, segundo a Federação das Escolas Waldorf no Brasil (FEWB). Essa pedagogia valoriza a criatividade, os trabalhos manuais, as artes, a música, a natureza, o convívio.

Durante a terceira semana de isolamento social, com a tempestade de atividades nas folhas impressas, veio a reflexão: os conteúdos curriculares são tão importantes assim neste momento? Já não é tempo de desapegarmos do currículo fechado e austero e repensarmos o que esse estudante pertencente ao contexto atual precisa saber para (des)construir conhecimentos e atuar no seu entorno?

E as indagações continuam acerca do aprender: cozinhar em família, compartilhar os afazeres domésticos, ver filmes, ouvir músicas, ler literatura, jogar, brincar, descansar e conviver intensamente no mesmo tempo e espaço não são aprendizagens importantes?

Por fim, relendo esse texto para agora concluí-lo, vislumbramos que há mais inquietações do que respostas. Percebemos que este período de isolamento social provocou e segue provocando reflexões sobre o ensinar, o aprender, e as instituições escola e família. Observamos que na tessitura dessas linhas, a mãe e a professora se misturaram. E que essa pandemia vai, sem dúvida, deixar marcas profundas nas crianças, nas famílias, nos professores, nas escolas, sendo um convite à reinvenção.

REFERÊNCIAS

BOTTOMORE, T. **Dicionário do pensamento marxista**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

Federação das Escolas Waldorf no Brasil. Disponível em: <http://www.fewb.org.br/>. Acesso em: 25 abr. 2020.

HOLT, J. **Aprendendo o tempo todo**: como as crianças aprendem sem ser ensinadas. Campinas: Verus, 2006.

Reali, A. M. M. R., & Tancredi, R. M. S. P. **A importância do que se aprende na escola**: a parceria escola-famílias em perspectiva. *Paidéia*, 15 (31), 239-247. 2005.

Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em: <https://ufmg.br/comunicacao/noticias/a-educacao-nos-tempos-do-coronavirus>. Acesso em: 25 abr. 2020.

5. HUMANOS DEMASIADO HUMANOS: EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE COVID 19

LOPES, Luís Fernando¹⁷

LOPES, Maria Aparecida da Cunha¹⁸

Estamos vivendo um momento de muitos desafios. Nessa pandemia, do COVID-19, estamos sendo testados em muitos aspectos, mas um dos maiores desafios para as famílias nesse momento é ensinar em casa os conteúdos que costumeiramente são trabalhados na escola. Nos parece coerente dizer que o desafio fica ainda maior quando focalizamos atenção no Ensino Fundamental, anos iniciais.

CAPÍTULO 05

Pais e filhos estão vivenciando uma rotina muito diferente daquela que estavam acostumados. O novo é cheio de surpresas e, nesse caso, também muitos momentos de tensão por estar em *home office* e filho é sempre uma prioridade que nos toma por completo. Filhos são para sempre! Por um lado, estamos com os compromissos relacionados ao trabalho que temos que executar em casa, cumprindo prazos e o que nos é solicitado pelos nossos empregadores. Por outro, além da rotina da casa e o cuidado com os filhos, temos o papel de aprender para ensinar. É aí que aumenta a tensão, pois os filhos estão acostumados com seus professores em sala de aula, diariamente num ritmo próprio.

Se os professores que se prepararam para trabalhar com alunos em determinada faixa de idade e que contam com metodologias e didática específica para despertar o interesse das crianças encontram muitos desafios para exercer sua atividade laboral, quão maiores não serão os desafios para pais que

¹⁷ Mestre e doutor em Educação. Professor do Centro Universitário Internacional UNINTER.

¹⁸ Licenciada em Filosofia e especialista em Metodologia do Ensino Superior pelo Centro Universitário Internacional UNINTER.

precisam conciliar trabalho em casa com o cuidado e a educação dos filhos? Vale lembrar que professores e professoras também acumulam essas funções, pois além de encarar os desafios de trabalhar com metodologias que são próprias da modalidade a distância, com as quais muitas vezes não estavam habituados, também precisam dar conta dos afazeres domésticos e cuidar da educação escolarizada dos próprios filhos.

Em sala de aula o professor trabalha com um grupo que o respeita ou pelo menos espera-se que assim deveria ser. Já no ambiente doméstico, unimos o amor de pais, o querer que eles sejam melhores do que somos ou sonhamos ser ao compromisso de fazer com que eles aprendam, conquistem o que almejam e sejam realizados pessoalmente e profissionalmente. Mas esse é um trabalho intrincado quando não estamos preparados para fazê-lo. E o mesmo talvez se possa dizer daqueles que acreditam possuir preparação para tal, pois as incitações são multiplicadas quando consideramos o ambiente doméstico e a educação dos próprios filhos.

Os mais saudosistas talvez possam dizer que essas são preocupações hodiernas, pois acreditam que os antigos sabiam encontrar uma justa medida para uma boa educação, ainda que isso não possa ser considerado como tendo validade universal. Contudo, não obstante ao respeito que devemos ter pelos mais experientes é preciso destacar que a vida se tornou demasiada complexa nos últimos anos e uma das razões está relacionada com a presença cada vez mais marcante das tecnologias digitais no cotidiano dos indivíduos e sociedade. Assim, para não incorrer em anacronismos e repisar o discurso do conflito de gerações, talvez seja sensato dizer que cada época tem os seus desafios e um dos grandes desafios do nosso tempo nesse momento é a educação dos filhos no contexto da pandemia do Covid – 19.

De modo geral, os filhos parecem compreender desde o primeiro momento que entram em contato com a instituição escolar que com os pais o tratamento é diferente. Os pais, por sua vez, têm entre as suas preocupações, a de não traumatizar aos filhos, já que um adulto pode ter traumas que surgiram na infância. Diante dessa realidade, o que fazer? Amolecer para evitar problemas maiores no futuro?

Queremos que nossos filhos sejam adultos responsáveis. E cada pai e mãe ou responsável, pelo menos assim espera-se, dispensa todo amor, todo

suporte para que isso aconteça. Entretanto são muitas as singularidades que circunscrevem os desafios da educação de ontem e de hoje no ambiente doméstico.

Sentamos com nosso(s) filho(s), sem distrações de TV ou outra tecnologia que vá tirar sua atenção. Começamos a ler juntos as orientações do livro ou qualquer outro material recebido. Mas é demasiado fácil ficar confusos com algo que não tenha ficado claro. Como não tivemos tempo para uma preparação adequada do que realizar, pois estávamos com outros compromissos, certamente o que sucederá será insegurança. Geralmente quando chega a noite, estamos cansados da rotina de um dia exaustivo. E junto com o cansaço acumulamos essa insegurança de talvez não ter cumprido adequadamente com o dever de escolarização dos próprios filhos. Ora, o que mais queremos é atenção deles e com essa situação, começamos a perder essa concentração que já não era tamanha como esperávamos. Afinal, o que mais interessa a eles? Ver TV, brincar com o *pet*, desenhar, e o preferido de muitos... jogar *videogame*. Começamos a barganhar... Se você fizer tudo bem feito vou deixar você fazer o que gosta... E eles mais uma vez percebem que têm algum poder nisso tudo. Estamos com os pensamentos aqui nesse momento, mas não inteiramente, pois outro pensamento que nos envolve é sobre o trabalho que teremos a seguir, ou o almoço que será preciso preparar, a casa que precisa ficar em ordem e limpa... Mesmo a consciência ou preocupação de ter que viver apenas o presente pode nos deixar ainda mais ansiosos... Nesse momento voltamos e procuramos nos concentrar para entender o que precisa ser ensinado. Por alguns minutos conseguimos um pouco de atenção que logo desaparece e precisamos fazer malabarismos para recuperá-la.

Ao se referir à Filosofia da Infância, Lippman (1990, p. 220-221) ao questionar se os papéis das crianças podem ser úteis à filosofia social faz as seguintes considerações:

Como nossos pais, amamos o trabalho; por que nossos filhos o detestam tanto? Uma boa razão para considerar isto um problema na filosofia social é que é um exemplo do declínio da comunidade. Somente há algumas gerações atrás a unidade de trabalho básica da sociedade não era o indivíduo ou a fábrica, mas a família. A família era uma comunidade de trabalho, na qual indivíduos de todas as idades tinham suas tarefas a executar. Mas conforme o movimento para o sucesso pessoal substituiu o processo normal da sucessão de gerações, as crianças de tais comunidades, orientadas para o trabalho,

tomaram seu próprio rumo e trabalharam nele tão sinceramente quanto anteriormente tinham trabalhado no âmago de suas famílias. Elas tornam-se profissionais, cujo trabalho ético era pessoal em vez de social. Seu trabalho — como médicos, contadores, administradores — era algo que não poderiam mais compartilhar com seus filhos, porque a família não era mais a unidade de trabalho básica à qual eles pertenciam. As tentativas dos filhos em participar eram censuradas com comentários como “não perturbe o papai, ele está ocupado!” ou “por favor saia e vá brincar; você não vê que a mamãe está trabalhando?” Logo a criança começou a entender: que o que havia entre ela e os pais era esta coisa detestável chamada trabalho. Talvez os pais não pudessem ser detestados, mas o que eles estavam fazendo sim.

Apesar de Mathew Lempman ter escrito essas palavras há três décadas, provavelmente comentários muito semelhantes aos relatados na citação anterior talvez estejam sendo repetidos no cotidiano de nossas famílias atualmente. Com a necessidade de reservar parte da casa, ou mesmo todo o espaço do lar para dar conta das obrigações laborais ligadas ao emprego, convivemos com o risco de as crianças entenderem o trabalho de forma negativa, como uma atividade que as impede de ter a atenção e cuidado dos pais.

Não obstante ao fato de favorecer a interiorização e a reflexão, o isolamento social também dificultou muito nossas vidas. Não podemos programar uma caminhada no parque, tomar um pouco de sol. Isso poderia aumentar o nosso ânimo. Não podemos levar nossos filhos para brincar com os amigos. Eles precisam ser crianças apenas dentro de casa. Lembramos sobre o que ouvimos ou lemos, o que eles precisam é nos ter por perto para se sentirem seguros e amados. E eles não reclamam como nós reclamamos.

Outro fator que faz a diferença é o lugar onde se mora. Se dispusermos de uma casa com quintal, talvez consigamos sentir-nos menos presos. Mas se moramos em apartamento, o que é uma situação comum em grandes cidades, a sensação de aprisionamento se intensifica por estamos limitados pelas paredes do apartamento e os muros do condomínio. Vamos mais uma vez pensar no que podemos fazer para aproveitar essa energia acumulada e garantir distração. Um filho mais relaxado vai nos dar uma brecha para um entendimento e sintonia no que pretendemos mostrar.

Ainda precisamos falar sobre a divisão dos trabalhos. A mãe que agora tem dupla, tripla jornada, está tomada, desorientada com tantos afazeres. O que vou fazer primeiro? O que é essencial para esse momento? O que pode ser feito depois sem prejuízo? Falamos da mãe porque comumente essa atribuição

competete a ela. Essa mãe pede ajuda para o pai, ou responsável, porque sozinha a tarefa se torna impossível. Cada dia um assume essa função de "professor(a)" sem mesmo saber ao certo como fazê-lo. E em um caso ou outro particular, mesmo que a mãe não domine tanto o assunto a ser tratado, o filho diz que prefere que a mãe o ensine, provavelmente em razão do vínculo diário por ser ela que o acompanha a maior parte do tempo, criando condições para que o pai realize seu trabalho da melhor forma possível. E mesmo com todo o apoio, os pais ainda se questionam se estão dando seu melhor e qual a melhor forma de ensinar para seu filho.

Em tempos nos quais professores(as) e a educação de maneira geral é atacada, sabotada, ignorada, esquecida... o advento do covid-19, não obstante a todo sofrimento que já tem causado e poderá causar, reafirmou a importância e o valor dos professores e do seu trabalho em nossa sociedade. Educação é processo de humanização e talvez nunca estivemos tão necessitados de nossa humanidade quanto estamos agora.

Alguns falam da necessidade de reumanizar. Mas o que seria esse processo, senão devolver à escolarização e à educação de maneira geral a atenção e o cuidado sem os quais ficam esvaziadas? Ora, descuidar da educação é descuidar-se do ser humano em particular e da humanidade como um todo. A educação transforma! Lemos e ouvimos com frequência essa afirmação, assim como a de que é preciso ser parte das mudanças que desejamos. Os desastres provocados pelo covid-19 e todo sofrimento que acarretam trazem junto consigo oportunidades de transformação, de mudanças no modo de ser e estar no mundo, no modo de educar, de criar, de cuidar.

Conforme escreveu o Papa Francisco em sua Carta Encíclica *Laudato Si* a respeito das mudanças necessárias para que a humanidade recupere o equilíbrio na sua relação com planeta e os demais seres que nele habitam:

Muitas coisas devem reajustar o próprio rumo, mas antes de tudo é a humanidade que precisa mudar. Falta a consciência duma origem comum, duma recíproca pertença e dum futuro partilhado por todos. Esta consciência basilar permitiria o desenvolvimento de novas convicções, atitudes e estilos de vida. Surge, assim, um grande desafio cultural, espiritual e educativo que implicará longos processos de regeneração. (PAPA FRANCISCO, 2015, p. 155).

É preciso superar o egoísmo e a egolatria de nossa época. Não somos e não seremos plenamente humanos sem possibilitar que os outros também sejam. Em um país marcado historicamente pela negação da escolarização, sobretudo para classes menos favorecidas e que tende a responsabilizar apenas os indivíduos por todo o seu sucesso ou fracasso para ocultar a desigualdade de um sistema injusto, esperamos que as reflexões provocadas pela tragédia do coronavírus possa despertar nossa humanidade aprisionada na caverna do egoísmo e da egolatria que cegam o ser humano e o afastam de si mesmo.

O que é um justo? É alguém que põe sua força a serviço do direito e dos direitos, e que, decretando nele a igualdade de todo homem com todo outro, apesar das desigualdades de fato ou de talentos, que são inúmeras, instaura uma ordem que não existe, mas sem a qual nenhuma ordem jamais poderia nos satisfazer. O mundo resiste, e o homem. Portanto, é preciso resistir a eles – resistir antes de tudo à injustiça que cada um traz em si mesmo, que é si mesmo (SPONVILLE, 2009 p. 94-95).

O que realmente importa? A economia? O ser humano? A vida? O meio ambiente? Foi o ser humano feito pela e para economia? Ou foi a economia feita pelo e para o ser humano? Por que não a modificar quando ela se volta contra a humanidade ou contra grande parte dela?

O tamanho do nosso egoísmo provavelmente delimitará os limites de nossas respostas a essas questões. É fácil fazer apologia a mudanças quando elas consistem apenas em esperar que os outros mudem. O apego a um sistema injusto que naturaliza desigualdades e mantém privilégios talvez seja o maior empecilho nessa jornada de transformação que é ao mesmo tempo individual e coletiva e que passa necessariamente pelo desafio da democratização do acesso a educação.

REFERÊNCIAS

COMTE-SPONVILLE, André. **Pequeno Tratado das Grandes Virtudes**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

FRANCISCO, PAPA. **Carta Encíclica *Laudato si*** do Santo Padre Francisco sobre o cuidado da casa comum. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html. Acesso em: 11/02/2020.

LIPMAN, Mathew. **A Filosofia vai à Escola**. São Paulo: Sumus Editorial, 1990.

6. SOLIDARIEDADE, APRENDIZAGEM E MÚSICA: EM TODOS OS TEMPOS

MOCELIN, Márcia Regina¹⁹

MACHADO, Dinamara P.²⁰

A música, portanto,
expressa a essência verdadeira de todas as possíveis aspirações
e disposições humanas, há, por assim dizer, alma interior delas.
(Schopenhauer 2003, p. 234)

Que momento estranho está vivendo o nosso planeta! Estamos todos muito assustados com tudo que está acontecendo. Palavras circulam na mente o tempo todo como “vírus, medo, morte, xpandemia, hospital, respiradores, doenças crônicas”, e muitas com significados iguais ou similares que remontam a pensar, refletir, auto indagar-se, a antigas perguntas como: Para onde vamos? Por que isso tudo está acontecendo? Por que devo fazer isso ou aquilo? E depois

CAPÍTULO 06

disso tudo o que faremos? Como seremos?
Para onde vamos? O que vamos fazer de diferente? Que lição ficou? Pois é!..., e agora, José? Lembrando o poeta!

Esse texto fora desenvolvido na perspectiva do relato de experiência das atividades desenvolvidas no Instituto Música e Arte (IMA), e por derradeiro apresentamos considerações acerca das atividades de ensino desenvolvidas na educação formal em instituições diversas. As autoras do texto, profa. Márcia é maestrina e idealizadora do Instituto Música e Arte, professora em diferentes níveis de ensino, apaixonada por música. A profa. Dinamara P. Machado é professora e gestora na área Educacional, e diretora administrativa no Instituto

¹⁹ Profa. Dra. Márcia Regina Mocelin, maestrina e diretora geral do Instituto Música e Arte. Professora da FAEL/FANEESP e avaliadora institucional do Ministério da Educação – INEP/MEC.

²⁰ Profa. Dra. Dinamara P. Machado, professora e diretora no Centro Universitário Internacional UNINTER.

Música e Arte, e com extrema necessidade de realizar atividades sociais e apta para mostrar caminhos na gestão.

As pessoas têm tido as mais diversas ações e reações. Muitas se trancaram em casa e estão vivendo na sua mais absoluta solidão, outras adoeceram e se foram, outras adoeceram e se recuperaram, outras agem como se fossem imunes e não ligam para nada, simplesmente continuaram no seu batente diário e insano, outras seguiram as determinações das organizações de saúde à risca com luvas, máscaras, álcool gel, e outras que gostariam de seguir as orientações, mas, no entanto, nem sequer têm condições financeiras para se adaptar às condições necessárias. É nesse momento que novamente uma palavra se faz ouvir pelos quatro cantos do planeta: SOLIDARIEDADE.

Compreendemos solidariedade como uma criação histórica de indivíduos capazes de identificar-se com a vida alheia, o que também aprendemos com os ensinamentos cristãos. “O homem bom se compadece, e empresta; disporá as suas coisas com juízo; porque nunca será abalado; o justo estará em memória eterna.” (Salmos 112:5,6). Ou ainda, podemos a partir de Durkheim (1979), reforçar que existe dois tipos de solidariedade: a mecânica e a orgânica. A mecânica é conceituada como harmonização do indivíduo com o grupo, apesar de repressiva, e mesmo assim gera vínculo social entre os membros. Existe uma identidade social, a partir da consciência individual e coletiva. A solidariedade orgânica é aquela que resulta alto grau de dependência entre os indivíduos, há predominantemente atuação individual em prol do grupo, os participantes do grupo reconhecem que necessitam do apoio e conhecimento do outro. A participação é cooperativa.

A ajuda humanitária tem se mostrado nas mais diversas formas, como ajuda para fazer compras à turma da terceira idade (grupo de risco), doações de alimentos aos que perderam seus empregos, assistência psicológica aos que sofrem com a solidão e com o pavor da pandemia, enfim, a solidariedade está presente. E isso é bom. É necessário estender a mão, estar atento aos que precisam, pois, sabemos que qualquer um poderá precisar de ajuda e não é possível prever todas as reações.

No momento nosso trabalho remunerado se dá em 100% relacionado à educação nos mais diversos níveis e etapas de ensino, bem como em modalidades e realidades diferenciadas. A atividade desenvolvida na

perspectiva de compromisso social de ressignificação que iremos demonstrar é voluntário, constituído de forma solidária e, em julho de 2019, foi oficializado civilmente como Instituto Música e Arte.

Na educação formal, aparentemente, tudo está caminhando e os estudos continuam. Claro que existem adaptações, que existem os que conseguiram rapidamente e os que ainda não conseguiram, quiçá os que não irão conseguir. Mas a COVID-19 fez-nos um convite forçado a adaptações relâmpagos e a modificações necessárias para não pararmos e sermos solidários. Afinal, tudo vai passar, e não podemos permitir que os efeitos sejam avassaladores ou irreversíveis.

Por determinação da Secretaria de Educação e da Secretaria da Justiça e da Família, mantenedoras das instituições que trabalhamos, as aulas também sofreram adaptação.

As aulas presenciais nas escolas de educação básica e ensino superior também foram suspensas, e passamos a trabalhar com aulas ao vivo em aplicativos e plataformas que permitem o acesso de todos simultaneamente, ou seja, passamos a tele aula. E muitos precisaram se adaptar rapidamente para também conseguir realizar o seu trabalho e ter acesso aos seus alunos.

Passado o momento de adaptação também os nossos alunos que são adolescentes em conflito com a lei e em cumprimento de medida socioeducativa passaram a assistir às aulas gravadas por nós professores e a fazerem atividades das disciplinas que estão sendo aplicadas pelos pedagogos das unidades. Sim, alguns continuam no trabalho.

Em instituições que atuam em EAD percebeu-se aumento nas atividades pois foi necessário promover maior atendimento para manutenção da interação, sistema de avaliação e as videoaulas entre os estudantes.

Como anunciamos anteriormente o foco da discussão nesse pequeno texto é tratar da SOLIDARIEDADE, e para tanto partiremos das atividades desenvolvidas no Instituto Música e Arte.

Paixão compartilhada há mais de uma década com várias famílias que têm aprendizes de música e arte, e que no último ano tiveram o êxito de acompanhar o nascimento do Instituto Música e Arte.

O INSTITUTO MÚSICA E ARTE (IMA) é uma associação civil, entidade beneficente de assistência social, de personalidade jurídica de direito privado, sem fins lucrativos e econômicos, com autonomia trabalhista e financeira.

O IMA, fundado em 03 de julho de 2019, é constituído por tempo indeterminado e número ilimitado de associados, pessoas físicas e jurídicas, nos expressos termos da Constituição da República Federativa do Brasil, podendo atuar nos campos de ação: Cultural, Educacional e Esportivo.

É uma organização de defesa e garantia de direitos de forma continuada, permanente e planejada, presta serviços e executa programas e/ou projetos voltados prioritariamente para a defesa e efetivação dos direitos socioassistenciais, educacionais e culturais, construção de novos direitos, promoção da cidadania, enfrentamento das desigualdades sociais, articulação com órgãos públicos de defesa de direitos, dirigidos ao público da política de assistência social.

O IMA têm como uma de suas finalidades utilizar a musicalização como ferramenta de educação e inclusão social, com o compromisso de criar um ambiente favorável a partir dos conceitos: ética, socialização, cidadania, disciplina e moral e ainda criar condições e oportunidades para a participação de crianças e jovens, adultos e idosos no aprendizado de música, de instrumentos diversos.

Para tanto, o IMA tem um projeto chamado BANDA/ORQUESTRA IMA onde ofertamos a possibilidade de realizar aulas de música gratuita e colaborativa com a maestrina e seus multiplicadores. Nossas aulas presenciais e ensaios acontecem na **rua Rio Trombetas, 712, Weissópolis, Pinhais, Pr,** e divulgamos nosso trabalho através do site www.institutomusicaearte.com.br; <https://www.facebook.com/Institutomusicaearte>; e também pode ser por e-mail: diretoria@institutomusicaearte.com.br. O IMA, hoje conta com cerca de 80 associados.

Optamos em deixar explícito o endereço físico e virtual para que participe dessa corrente do bem e da solidariedade.

A seguir uma foto que demonstra nossa organização antes do isolamento social.

Foto 1. Ensaio no IMA – Presença Física

Foto: arquivo do IMA



Foto 2. Ensaio no IMA – Presença Virtual
Foto: arquivo do IMA



Foto 3. Membros do IMA – Divulgação do site
Foto: arquivo do IMA



No IMA temos um trabalho intenso de ensino de música, de resgate de cidadania pela música e de partilhamento de conhecimento com crianças, adolescentes, jovens, adultos, idosos, enfim, a todos os que desejam conhecer os mistérios desse mundo fantástico da música.

E agora, de repente, a pandemia nos fez parar, distanciar, e então precisamos nos reinventar. Como fazer? Seguimos o mesmo modelo educacional que a maioria tem realizado. Começamos a utilizar as plataformas mais diversas digitais para nos auxiliarem a manter o projeto mesmo de forma “on line”.

Como apontamos anteriormente, não temos fins lucrativos, nosso legado é a cidadania. O projeto funciona com multiplicadores voluntários, ou seja, vivenciamos a teoria exposta por Durkheim. Quem sabe mais, ensina quem sabe menos, e vamos nos ajudando para podermos chegar em todos. Tivemos as mesmas dificuldades de adaptação que todos tiveram nas escolas, mas os ensaios e as aulas permanecem. Além de que cada aprendiz é atendido individualmente pela maestrina e pelos colegas de naipe.

Acreditamos que a música transcende. É fantástico o poder que a música tem na vida das pessoas. Feche seus olhos por um instante! Imagine que não exista música! Que você não poderá nunca mais namorar ao som daquela belíssima canção, ou que não poderá louvar ao seu Deus com aquele lindo cântico, ou que não pode mais sentir-se comovido, triste, solitário com aquele acorde menor cintilando em seu ouvido. Pense em uma cena de filme, novela, série sem a música provocando suspense, pavor, euforia!

Pense no silêncio! Na ausência do som melódico!

É muito estranho, como tudo anda muito estranho.

O IMA está desenvolvendo várias formas de manter seus associados, as pessoas que nele existem estudando, sim, mas vai além. A questão era então como o IMA poderia ser SOLIDÁRIO? Lembra, quando no início deste texto falava sobre a grande palavra do momento que não é Pandemia e sim SOLIDARIEDADE? Então? O que o IMA poderia fazer?

Isso mesmo, ser solidário. E a forma encontrada foi de estar partilhando música com todos, então começamos com a iniciativa de distribuir música pela rede de comunicação mais utilizada no momento que é o Facebook, com lives, mesmo timidamente começamos a entrar nas casas, e nos corações de todos

com a nossa música. Distribuindo música para todos, executando nossos instrumentos de forma individual ou coletivamente a distância. Distribuindo a calma e a alegria que a música faz de maneira expressiva com cada um de nós.

Nós do IMA consideramos que a atividade musical é a atividade criativa essencial a uma vida boa e do bem. A educação musical nada mais é do que uma iniciação para esse modo de vida. E a educação para a cidadania é muito mais bem-sucedida através da prática artística musical do que de qualquer outra forma.

REFERÊNCIAS

SCHOPENHAUER, Arthur. **Metafísica do Belo**. Trad. Jair Barbosa. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

DRUKHEIM, Émile. **Da divisão social do trabalho**. Editora Abril. 1979.

7. O BIG BANG CAPITALISTA E A ERA DOS DINOSSAUROS MODERNIZADOS''

BECKER, Thiana Maria²¹

Ao ler o título dessa obra, provavelmente você pensará: Foi por causa do Big Bang que se extinguiram os Dinossauros e surgiu o capitalismo? A resposta é NÃO! Mas ao longo dessas linhas, você entenderá a analogia intencionada.

Vale lembrar que apesar de ser motivo de estudos, desde o ensino fundamental até além da graduação, não existe apenas uma teoria sobre o que foi esse evento apocalíptico que iniciou um processo grandioso de transformação. Têm-se da teoria mais aceita pela comunidade científica, que o Big Bang deu origem ao universo, há cerca de 14 bilhões de anos, através de uma grande explosão de um ponto material pequeno, quente e denso, como se fosse um núcleo minúsculo, e a partir dessa explosão originou-se o que chamamos de espaço-tempo.

CAPÍTULO 07

Desde essa explosão, que salvo inúmeras crenças, considera-se aqui como o marco zero da civilização, sabe-se que o Universo se encontra em constante expansão, mas também, resfriamento, a fim de garantir a possibilidade de vida. Teorias como a da Relatividade, do famoso Albert Einstein, bem como estudos de pesquisadores astrônomos como Edwin Hubble e Milton Humason afirmam que o universo não é imóvel, e que as galáxias, oriundas dessa grande explosão, estão afastando-se umas das outras. O que leva a crer que em algum momento da história, essas galáxias eram muito próximas.

Tendo em mente o que foi a Teoria do Big Bang, passa-se para os Dinossauros. Cronologicamente com bilhões de anos separando os acontecimentos, mas figurativamente, em se tratando de origem da vida, horas

²¹ Thiana Maria Becker, professora e nutricionista, mestranda no Programa de Mestrado em Educação e Novas Tecnologias no Centro Universitário Internacional UNINTER

após o “boom” e a criação do Universo, em uma das tantas galáxias, surgiu a Via Láctea, o Sistema Solar, nosso Planeta Terra, os primeiros resquícios de vida, seres unicelulares (formados por uma única célula), que permaneciam pairando pelo ar, até que outras novas formas de vida foram surgindo, os seres pluricelulares (formados por mais de uma célula) e, creiam, chega-se aos Dinossauros, o mais conhecido de todos os achados históricos mundiais.

Esses imperiosos animais dominavam absolutos a Terra durante todo o período Mesozoico (“compreendida entre 245 milhões e 65 milhões de anos atrás. Mesozoico significa “vida animal média”.” RIBEIRO, 2019).

Encontra-se pela literatura algumas curiosidades sobre esses animais, de certa forma, interessantíssimas. O Dinossauro fêmea cuidava de todos em seu entorno, principalmente dos filhotes, inclusive em todos os fósseis encontrados dos pequenos não se achou até então estruturas ósseas danificadas, ou sinais de rompimento, o que leva os estudiosos a crer que as crias eram superprotegidas de todos os perigos. Além de protetoras, eram as fêmeas (na maioria das espécies) que providenciavam o alimento, e ensinavam os menores a se alimentar, caçar e procurar abrigos. Possuíam dentes enormes (mesmo os herbívoros), e quando começavam a envelhecer, além de perder sua rapidez de movimentos, perdiam os dentes que não eram mais repostos como na juventude. Com isso, tinham que se adaptar ao meio, ou seja, comer o que era possível e acessível, e andar por lugares que não exigissem tanto esforço.

No entanto, em pleno período de sua significativa existência, os Dinossauros desapareceram, e indubitavelmente, esse acontecimento é até hoje, um dos mais intrigantes do planeta, pois assim como a Teoria do Big Bang, não existe uma única versão certa para explicar o que aconteceu. Com base em muitos estudos, através de análises de rochas provenientes do referido período acima (Mesozoico), acredita-se que um meteoro (ou até inúmeros deles) colidiu com a superfície da Terra formando uma enorme cratera e uma imensa nuvem de poeira que encobriu toda a atmosfera, fazendo com que a luz provinda do Sol não conseguisse mais penetrar nas camadas terrestres. Essa ausência da luz ocasionou a manutenção de baixas temperaturas, morte de plantas, dos animais por fome e frio, atingindo toda a cadeia alimentar, e consequentemente, o ciclo da vida.

Mais uma vez, após outra grande calamidade, o mundo se transformou, evoluiu, se adaptou. Com a extinção dos Dinossauros, várias espécies de mamíferos puderam povoar o planeta, e devido a todas as mudanças que se passaram, não poderiam ser mais os mesmos de antes, precisavam evoluir.

Estudando esse íterim, Charles Darwin, autor da Teoria da Seleção Natural, versa que é inevitável "se adaptar e modificar a corrida para um mundo em mudança". Cientistas afirmam que os répteis surgiram através de uma evolução dos Dinossauros, e que assim também surgiram os mamíferos, e por conseguinte, o HOMEM!

Nessa linha do tempo aqui estabelecida, e com incomensurável espaço entre cada acontecimento, pode-se perceber que o planeta Terra, assim como a vida, desde sempre, esteve em evolução. O tempo é a peça fundamental da transformação, e o estudo, as ciências, que nos permitem atualmente ter conhecimento sobre todos esses fatos, é uma das grandes conquistas da humanidade.

Nesse ponto da leitura, você deve ainda estar pensando: mas por que todas essas explicações? São pinceladas do que se retrata em livros didáticos do 4º ano do ensino fundamental. É na verdade, o que meu filho, bem como o filho de muitos de vocês, acadêmicos dos bancos escolares desde muito cedo, por diferentes motivos, mas que em um apanhado geral, reduz-se a necessidade dos pais por causa do trabalho, está aprendendo no momento.

E como eu sei disso? Sim, acompanho sempre os estudos, mas em tempos de Pandemia, como está se vivendo devido ao vírus COVID-19 que modificou a rotina em todo o mundo, esse acompanhamento tornou-se ainda mais intenso, pois a mãe TRANSFORMOU-SE também na professora, além de mantenedora do lar, cozinheira, nutricionista, cuidadora, recreacionista, enfermeira, profissional, amiga, conselheira e por aí vai.

Já li em algum lugar, num tempo remoto, em um texto qualquer, de que mãe é como um polvo, tem muitos tentáculos e está sempre envolvendo os seus e cuidando de tudo ao seu redor, executando todas as tarefas incumbidas. No entanto, depois de ter que explicar todas essas teorias de Big Bang, falar sobre evolução natural, transformações, adaptações, recomeços de vida.... arrisco a dizer que somos DISSONAUIROS, modernos sim, mas ainda DINOSSAUROS.

Em tempos ditos “normais” (sem pandemia), vivemos correndo, trabalhando arduamente para garantir uma “boa qualidade de vida” para nossa família. Abrimos mão de encontros, lazer, horas em frente à TV ou simplesmente, brincando com as crianças. Nossa sociedade capitalista, nos demanda essa presa. Para tudo precisamos de dinheiro, e esse, vem pelo trabalho (salvo os casos de agraciamento do bumbum virado para Lua que não precisam se preocupar com ganhos e dividendos), pelos nossos esforços e abdições. A situação que nos afere exige mudanças no comportamento, no pensamento e no trabalho. Pede-se que sempre que possível, as pessoas protejam os seus, incluam cuidados básicos de higiene constante das mãos e fiquem em suas casas.

Dentre tantas adaptações, está a utilização do homework como um meio de manutenção de ganhos, uma sobrevida a nossa existência capitalista. No entanto, não está sendo fácil ser a mãe Dinossauro moderna e perfeita. E como esse é um relato, posso escrever com propriedade de que enquanto atendemos uma videoconferência, preparamos o alimento, um filho estuda, a filha menor, abre as gavetas dos armários, joga tudo que há dentro pelo chão para brincar de cozinhar dentro desse espaço da gaveta e fica lá, achando o máximo estar brincando “nas alturas do segundo andar” de uma gaveta aberta. E como se isso não bastasse, enquanto se tenta exterminar esse redemoinho de caos, o verdadeiro Big Bang doméstico, o cachorro ainda sobe pela cadeira, chega à mesa e come o almoço preparado. Parece cena de filme de ficção? Não...é a vida real!

Nesses episódios acontecem nossos surtos, e milhões de imbróglios se formam em nossa mente: De onde vem esse vírus que nos faz repensar e readaptar as vidas? O que é o normal? A pandemia surgiu agora, ou vivemos há tempos em pandemia? Uma boa qualidade de vida vem somente através do capitalismo? Estamos construindo apenas uma previdência social ou esperamos uma providência divina para mudar nossas vidas? Nossos filhos serão capazes de aprender estando em casa? Devemos levar todas as traquinagens das crianças tão a sério? Podemos aprender com isso ou devemos apenas repreendê-los para que o mesmo não se repita?

Talvez seja esse o momento de um novo Bing Bang, um “boom”, uma “grande explosão” que nos permitirá recomeçar, nos resetar, refletir sobre

valores e comportamentos, nos possibilitar aprender o que é solidariedade, e que a segurança surgirá através das adaptações, que tirar um tempo a mais para ler, para a família, para se amar, brincar e ensinar não é perda de tempo ou retrocesso, e que sim, existe qualidade de vida além do capitalismo.

Assim como o Universo, que ainda se move, se modifica, mesmo que tão lentamente que às vezes não percebamos, e que todo esse processo tenha se iniciado através de uma grande ruptura, explosão, um acontecimento catastrófico, pois foi daí que evoluiu a vida, possamos nós, assim como os Dinossauros, a partir da obscuridade transformarmo-nos e replicar uma teoria de evolução das espécies, com seleção natural de tudo que pudermos elencar de bom nos seres humanos aproveitando cada minuto do nosso espaço-tempo!

REFERÊNCIAS

RIBEIRO, M.A. **Meio Ambiente & Evolução Humana**. Editora Senac. São Paulo, 6 de ago. de 2019 - 276 páginas . Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=fvyrDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT2&dq=mesozoico+dinossauros&ots=HaidZr2hhp&sig=iY6kdYdWmcKpUzYFLnJVmX_cLk0#v=onepage&q&f=false. Acesso em 25/04/2020.

8. VAMOS CONTAR E VIVER HISTÓRIAS INFANTIS: PRÁTICAS A PARTIR DO FACEBOOK

BURGO, Renata ²²

CORDEIRO, Maria Tereza Xavier ²³

A contação de histórias faz parte da docência, principalmente quando se fala em Educação Básica e formação de professores.

Encantar, desvendar mistérios, permitir-se entrar num conto fantástico e viver aventuras com os mais variados personagens do mundo da história é o que nos faz acreditar que durante este período de epidemia confortamos e despertamos o imaginário de nossos alunos e da comunidade como um todo.

CAPÍTULO 08

Por isso, iniciamos a prática da contação de histórias infantis para que conseguíssemos ativar as memórias de nossos alunos relativas ao período da infância. Brincar com situações que somente as histórias infantis nos permitem.

As histórias escolhidas foram baseadas nos autores com reconhecida riqueza vocabular, estética literária e ao mesmo tempo diversão e entretenimento.

Nossos momentos também foram recheados de contação que envolvesse a natureza e sua relação com o homem.

Além deste motivo, resgatar a infância de nossos alunos e participantes da Live, o momento que vivenciamos, a pandemia do Covid-19, exige de nós professores o revisitar da profissão, da docência, do ser aluno e de ser espectador via “Lives”, possibilitando a todos o encontro com obras que talvez nunca tivessem contato, ou por desconhecimento ou por oportunidades.

²² Renata Burgo, doutoranda Programa no Setor de Educação da UTP. Professora no Centro Universitário Internacional UNINTER.

²³ Maria Tereza Cordeiro Xavier, professora e coordenadora da Educação de Jovens e Adultos no Centro Universitário Internacional UNINTER.

BOAVENTURA (2020) nos auxilia na compreensão sobre este período de pandemia e de quarentena, pois novas alternativas e novas perspectivas tornam-se necessárias.

A pandemia e a quarentena estão a revelar que são possíveis alternativas, que as sociedades se adaptam a novos modos de viver quando tal é necessário e sentido como correspondendo ao bem comum. Esta situação torna-se propícia a que se pense em alternativas ao modo de viver, de produzir, de consumir e de conviver nestes primeiros anos do século XXI (p. 29).

Contar histórias à distância possibilitou confirmar que a criança que está dentro de nós pode ser exaltada e vivenciada dentro de nossos lares, pois agora os espectadores têm mais tempo e de certa forma, precisam de momentos que produzam bem estar em nosso organismo, que certamente são potencializados durante os momentos da contação de histórias infantis em nossa Live.

[...] necessidade universal de ficção e de fantasia, que de certo é coextensiva ao homem, pois aparece invariavelmente em sua vida, como indivíduo e como grupo, ao lado da satisfação das necessidades mais elementares. E isto ocorre no primitivo e no civilizado, na criança e no adulto, no instruído e no analfabeto. A literatura propriamente dita é uma das modalidades que funcionam como resposta a essa necessidade universal, cujas formas mais humildes e espontâneas de satisfação talvez sejam coisas como a anedota, a adivinha, o trocadilho, o rifão (CANDIDO, 1972)

A literatura, contada neste formato a distância, aproxima e possibilita novos leitores para ingressar no mundo dos livros. Preconceitos literários, certamente foram derrubados, pois, enquanto adultos, vivenciamos as histórias infantis, sem acanhamento. Quem já imaginou falar de um mistério que ronda uma toupeira e o proprietário de um cocô? Você certamente retornou e leu a palavra cocô para ver se não estava com um acento a mais, para ser lida como uma fruta, o famoso coco, não é mesmo?

Candido (1972) ressalta que “dado que a literatura, como a vida, ensina na medida em que atua com toda a sua gama, é artificial querer que ela funcione como os manuais de virtude e boa conduta”.

Nesta concepção, de que a literatura não pode ser compreendida como manual de boa conduta, histórias como essa de Werner Holzwarth, vencedor do prêmio “Fundação Nacional do Livro Infante Juvenil - O Melhor para Criança”

permite brincar com situações inusitadas, que despertam muitas gargalhadas, caras de nojo e de vergonha, todas intensas e claro, virtuais neste momento.

Despertamos para a infância, liberamos nossa imaginação e nos permitimos a palavras “proibidas”.

As protagonistas do projeto são professoras que atuam com educação de Jovens e Adultos, que preocupadas com as crianças que ficariam ao lado de suas famílias estruturam o projeto “Vamos Contar e Viver Histórias: práticas no Facebook”



Fonte: Acervo pessoal da autora.

A escolha da figura que conta a história, a bruxa, não é aleatória. Tradicionalmente se conhece a bruxa como uma vilã das histórias, entretanto com o passar dos tempos a figuração desta personagem tornou-se moderna, que foge aos estereótipos de má e cruel.

Esta bruxa traz consigo histórias que divertem, além disso, personagens dividem a cena, como a “caveirinha” pendurada ao chapéu. Esta personagem, tenta gargalhar como a bruxa, mas coitadinha, não consegue.

Outro personagem que a bruxa traz para seus diálogos é o “beija-abóbora”, um beija-flor que traz notícias sobre a natureza. E por fim, o “amigolindo” o morceguinho que vive com a bruxinha em seu chapéu, ajudando a lembrar das histórias.

Também contamos histórias das florestas com animais mascotes, viajamos nas florestas com chapéus, pois andávamos por locais muito quente enquanto conhecíamos os animais e resgatávamos histórias e conhecimentos de revistas que hoje já não se produz mais.

Também foi possível visitar a esplêndida obra de Darcy Ribeiro “Noções de Coisas” apresentada na contação de histórias, explorando conceitos sobre a Terra, seu tamanho, brincando até mesmo com os números.

Enfim, contar histórias fez parte das ações da EJA Uninter, em que foi possível observar que adultos e crianças criam laços através das histórias, e que com a nossa presença virtual na casa de mais de mil e duzentas pessoas nosso objetivo foi atingido, levar a história e aquecer os corações de todos nossos alunos e espectadores.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. In: **Ciência e Cultura**. SBPC, v. 24, n. 9, set. 1972.

SANTOS, S.B. **A Cruel Pedagogia do Vírus**. Edições Almedina, 2020.

9. JOGOS PSICOPEDAGÓGICOS: ENSINANDO OS PAIS PELO FACEBOOK

TEIXEIRA, Karyn Liane²⁴

As sugestões de atividades apresentadas no Facebook, na fanpage Educação do Centro Universitário Internacional Uninter Graduação possuem um foco psicopedagógico, que visam auxiliar crianças que podem apresentar algumas dificuldades de aprendizagem. Porém estas mesmas atividades podem ser utilizadas por qualquer pessoa e para qualquer criança. Não são jogos ou atividades classificadas como “psicopedagógicas”, pois são jogos e atividades

CAPÍTULO 09

do cotidiano de escolas e famílias. A diferença está no olhar investigativo para a atividade, que é psicopedagógico, e não necessariamente com objetivo de ensinar

algo.

Nesse sentido, esse olhar investigativo é conduzido de forma a verificar como as crianças interagem com a atividade ou com outras pessoas que participam deste processo. É possível perceber quais estratégias a criança usar para jogar ou realizar a atividade, como ela se comporta perante os desafios ou limitações do jogo, se segue regras, se respeita sua vez, se apresenta agressividade ou alguma carência emocional. Também é possível verificar em quais pontos, especificamente, a criança encontra dificuldades.

Esse tipo de observação, na psicopedagogia, é chamada de observação lúdica. O observador interfere o menos possível nas ações da criança durante a atividade ou jogo, apenas se coloca como mediador, questionando quando necessário e fazendo com que a criança procure ter maior autonomia durante esse processo. É possível verificar se a criança apresenta consonância em

²⁴ Karyn Liane Teixeira, é professora da área de Educação no Centro Universitário Internacional UNINTER

relação às palavras que verbaliza e o seu comportamento gestual. Ela manifesta estar feliz? Satisfeita? Entediada? Ansiosa? Motivada? Essas manifestações são condizentes com o que ela verbaliza? Muitas vezes a criança apresenta uma linguagem corporal de que não está a fim de jogar, mas verbaliza que está para agradar alguém. Este exercício de percebermos esses detalhes faz parte da observação para avaliações e intervenções psicopedagógicas. Porém é um exercício que qualquer pessoa poderá começar a fazer ao observar uma criança brincando.

Quando tratamos de dificuldades de aprendizagem, devemos pensar em questões mais profundas. Na psicopedagogia, dificuldade se caracteriza por uma limitação ou um obstáculo que está impedindo a aprendizagem naquele momento. Pode ser a falta de vínculo com a escola ou com o professor, um conteúdo mais complexo, problemas familiares, um ambiente de estudo não confortável, entre outros. Neste caso, removendo o obstáculo, remove-se a dificuldade. Todavia, há casos de transtornos e distúrbios que são inerentes ao indivíduo, como a dislexia, TDAH (transtorno de déficit de atenção e hiperatividade), discalculia, disortografia, transtornos do espectro autista entre outros. Nestes casos não há como remover os “obstáculos”, pois eles fazem parte do indivíduo, ou seja, possuem características neurobiológicas. Sendo assim, é preciso criar estratégias diferentes das tradicionais para que a aprendizagem ocorra de maneira mais efetiva.

Uma das estratégias que traz resultados muito eficientes são as estratégias que envolvem ludicidade e, conseqüentemente, jogos e brincadeiras. Para isto, a proposta é apresentar jogos e atividades que envolvem diversas concepções: jogos de construção, jogos clássicos, jogos pedagógicos e atividades de cunho socioafetivo.

Iniciando sobre os jogos de construção, é importante ressaltar que nesta modalidade a criança é quem cria a própria brincadeira por meio de diversos tipos de materiais. Pode ser um jogo de blocos de construção, grandes ou pequenos, para criação de personagens, cenários ou objetos. Neste caso, ela combina os elementos construídos com elementos do faz de conta, utilizando a imaginação para fazer com que aquele cenário ou aquele objeto tenha uma função na sua brincadeira.



Foto: arquivo pessoal da autora

Estas atividades são importantes para estimular a criatividade na criação de cenários e para estimular a oralidade e a imaginação no faz de conta. Envolve conceitos de formas, cores, lateralidade, orientação espacial e quantidade para crianças que apresentam discalculia. Para crianças com dificuldades de associação e organização em sequência como os disléxicos também é uma atividade recomendada. Para crianças com TDAH, os blocos de construção favorecem a concentração e para crianças com dificuldades psicomotoras, ajuda a desenvolver a coordenação motora fina.

A mesma proposta se apresenta eficaz quando se utiliza a massinha de modelar. Pode-se utilizar massinhas atóxicas, disponibilizadas comercialmente ou estimular a criança a construir sua própria massinha em casa. Para isto, basta combinar uma serie de ingredientes, como farinha de trigo, óleo vegetal, sal, vinagre, água e corante alimentício. Esta é uma possibilidade para crianças menores também utilizar a massinha com mais segurança, uma vez que podem levar acidentalmente à boca por ser “comestível”.

A brincadeira, a princípio pode ser livre para se observar como a criança interage com a massinha e depois sugerir a criação de objetos e cenários. Também é possível trabalhar com dificuldades específicas de leitura e escrita, propondo a formação de letras para construção de letras e formação de palavras. E criar jogos a partir delas, como palavras que rimam ou como construir uma mesma palavra com iniciais diferentes.



Foto: arquivo pessoal da autora

Também é possível utilizar areia de construção e obras ou areia magnética para desenvolver habilidades motoras. Neste caso, é possível esconder objetos e propor atividades como caça ao tesouro.

Uma outra sugestão de atividades de construção são os quebra-cabeças. São jogos que servem para todas as idades e possuem variados níveis de dificuldades. Além dos quebra-cabeças tradicionais que envolvem raciocínio e lógica, podem também ser combinados com outras propostas. É o caso do livro-jogo, em que cenários da história são montados por meio de quebra-cabeças. Há também quebra-cabeças que envolvem sequências, alfabeto e quantidades numéricas. É possível também construir quebra-cabeças com figuras impressas, cortando-as em diversos formatos e quantidades.

Os benefícios dos quebra-cabeças são inúmeros: para os idosos, mantém a estimulação cognitiva. Para todas as idades é possível trabalhar a construção de hipóteses, raciocínio, estratégias de montagem, orientação espacial, aprendizagem temática de conteúdos, além de ser uma atividade social. Com o conceito de quebra-cabeças, pode-se criar um mapa do tesouro em casa, escondendo partes do mapa com pistas para as crianças encontrarem algum objeto que representa o “tesouro”.

Dentre outros jogos muito utilizados em consultas psicopedagógicas, estão os jogos clássicos (dominó, memória, jogo da velha e baralho) e jogos pedagógicos (ábaco, dinheirinho, carta enigmática, alfabeto móvel, entre outros). Estes possuem funções muito específicas, mas visam trabalhar dificuldades no processo de aquisição da leitura e escrita, dificuldades matemáticas, socialização, concentração e quais estratégias são utilizadas pelas crianças para se desenvolver um desafio. No jogo de memória por exemplo, que trabalha com

funções executivas, é possível complementar com atividades que exercitem a memória. Por exemplo, apresenta-se uma quantidade de figuras e depois retira-se sem que a criança veja. Ela deverá descobrir qual figura foi retirada. Ou as figuras podem ser trocadas de posição e depois descobrir quais figuras foram trocadas.

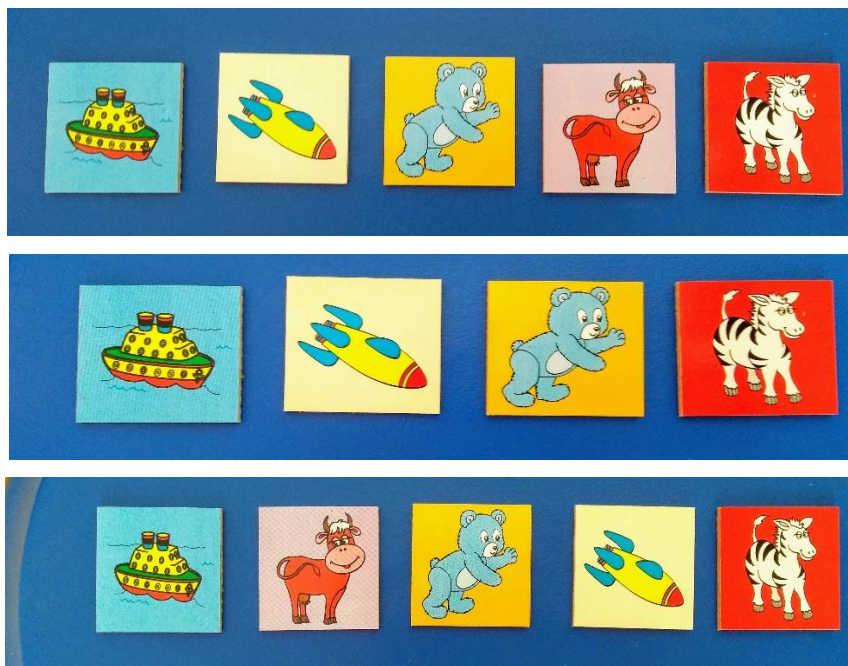


Foto: arquivo pessoal da autora

Atividades de cunho socioemocional também devem ser consideradas. O pote da calma ajuda na concentração e pode tranquilizar crianças pequenas. Há também o pote do tédio em que é possível escrever diversas atividades a serem colocadas neste pote. Quando a criança estiver entediada ou com tempo excessivo em jogos digitais ou televisão, pode ser sorteada uma atividade do pote.



Foto: arquivo pessoal da autora

Por fim há também a mensagem na garrafa. Esta atividade envolve uma história de faz de conta previamente, em que uma garrafa chegou de outra parte do mundo com mensagens positivas.



Foto: arquivo pessoal da autora

A cada dia, a criança tira uma mensagem que envolve amor, carinho, motivação, esperança, sendo que é possível conversar sobre a mensagem.

Além de motivadora, essas atividades visam, principalmente, estimular o potencial criativo e apresentar estratégias diferenciadas para tornar a aprendizagem mais efetiva.

REFERÊNCIAS

FARIAS, Elizabeth Regina Streisky de; GRACINO, Eliza Ribas. **Dificuldades e Distúrbios de Aprendizagem**. Curitiba: InterSaberes, 2019.

TEIXEIRA, Karyn Liane. **O Universo Lúdico no Contexto Pedagógico**. Curitiba: InterSaberes, 2018.

10. MATEMÁTICA SEM MISTÉRIO: COMO APRENDER MATEMÁTICA LUDICAMENTE A PARTIR DO FACEBOOK

RADVANSKEI, Sônia de Fátima²⁵

O passado criador deve revelar-se necessário e produtivo nas condições específicas de uma localidade, como uma humanização criadora dessa localidade, que transforma uma parcela do espaço terrestre num lugar histórico de vida para o homem, num espaço histórico do mundo [...] tudo é visível, concreto material nesse mundo, e, ao mesmo tempo, tudo nele está marcado por um pensamento e por uma atividade necessária [...].

(Mikhail Bakhtin, O romance de educação na história do realismo)

Essa relação que a epígrafe de Bakhtin traz para a reflexão sobre a experiência vivida pelas *lives* no momento de COVID-19 tem tudo a ver com essa relação de alteridade, na relação constitutiva entre o eu e o outro, essa constituição de individualidades: “é sempre o *outro* que dá ao *eu* uma completude provisória e necessária, fornece os elementos que encorpam e que o fazem ser o que é” (Geraldi, 2013, p. 13). Não somos sempre os mesmos,

CAPÍTULO 10

somos mutáveis nas nossas relações e mudamos conforme as experiências, somos incompletos e inconclusos.

E foi nessa incompletude que na relação como os outros (alunos, pessoas do Facebook, outros professores) que pensei: “Meu Deus! O que fazer agora? Foi essa expressão proferida quando fui avisada de que eu seria responsável pelas *lives* da “Matemática sem mistério”. Professora de língua portuguesa, que ama alfabetizar, agora deveria organizar práticas no ensino da matemática.

²⁵ Professora da área da educação da Uninter. Dutoranda em Educação da linha Cultura, Escola e Ensino pela UFPR (2017 – 2020). Mestre em Educação pela UFPR) na linha de Cultura, Escola e Ensino, possui graduação em Letras/ Português pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (2003). Especialista em Língua Portuguesa, Construção de texto e Estudos Literários. Professora das séries. Lives realizada em casa.

Coração acelerado, nunca tinha usado ou realizado nenhuma *live* pessoal ou fazer vídeo ao vivo, apenas na UNINTER e em estúdio. Gosto de dar aula, conviver com as crianças, realizar jogos e alfabetizar ludicamente, **ao vivo e a cores**, mas me mostrar, aparecer em vídeo, ser testada, julgada, analisada, avaliada publicamente, nunca passou pela minha cabeça.

Perguntas vieram: Será que minha internet funciona com boa qualidade, não tenho microfone nem tripé, como vou organizar? E ainda, o mais desesperador, era para organizar de um dia para outro.

Sim, todas essas reações e pensamentos foram sentidas em menos de 5 minutos, a cabeça fervilhando. Então, a ação mais pudente foi: calma, vamos por partes. Tenho um celular, vou ver como posicionar, peço ajuda do marido que já improvisou um apoio no rodo com o suporte do celular do carro, encostado em uma cadeira. Sim, essa foi a gambiarra realizada para a primeira live, como pode ser percebida na foto 1 e 2:



Foto 1: O que as pessoas veem – arquivo pessoal

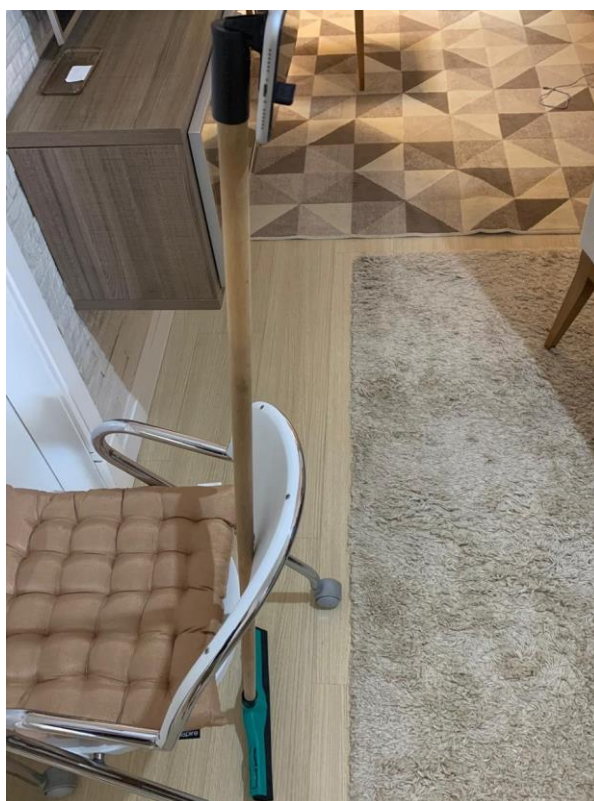


Foto 2 : A realidade – arquivo pessoal

A parte operacional foi pensada, agora que prática realizar. Opa, vi caixas de ovos que iriam para a reciclagem. Pensei: Será esse material que irei utilizar.

Vou organizar jogos de contagem de um a um, cores, relação número e quantidade. E foi isso que aconteceu, utilizando de caixas de ovos, papéis coloridos, canetinhas e dados, foi realizada a primeira *live*, como pode ser observada nas fotos 3 e 4:



Foto 3 - arquivo pessoal

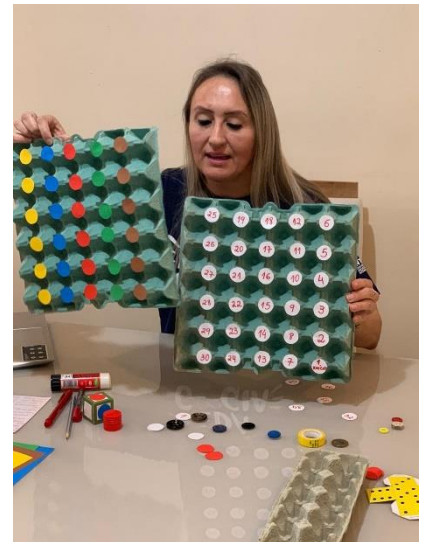


Foto 4 – arquivo pessoal

A próxima *live* já foi um pouco mais aperfeiçoada, meu marido comprou um tripé e ficou como diretor de cena. Fiz uma sequência de conteúdos matemáticos que poderiam utilizar materiais simples e de fácil manuseio, que na maioria das casas poderiam ter, papéis, caixas, cartas de baralhos, com propostas do processo de aprendizagem da matemática – contagem, sequência numérica, dobro, antecessor, sucessor, agrupamentos, raciocínio lógico, rapidez no raciocínio. Como podem ser observados na foto 5 a seguir:

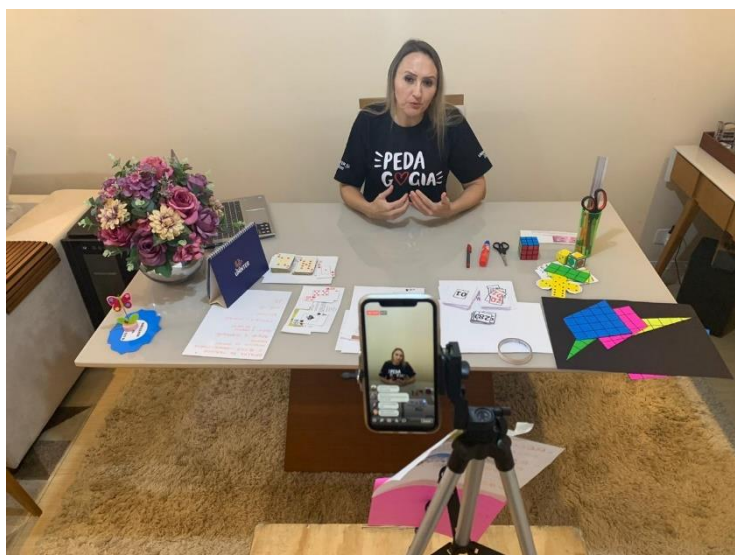


Foto 5 – arquivo pessoal

Com essa experiência e retomando as ideias de Bakhtin (2012), dessa relação entre o eu e o outro, ninguém sai inalterado, ninguém sai como entrou. Eu na minha experiência com a câmera, com o diálogo interativo, com os outros atrás da tela e os outros com a minha interação sai modificada, mais avaliativa e revendo os vídeos para ver observar vícios de linguagem, enquadramento e compreender essa experiência única.

Nas outras *lives*, foram enfocados os conceitos de dobro, qual a diferença, contagem de um a um, trilha da divisão com a operação inversa. Porém, salienta-se que um mero jogo não é capaz de desenvolver assim um conceito, mas possibilitar estratégias de pensamento e resolução de problemas. Deve-se tomar cuidado para que os jogos e ou atividades não levem a criança à indução ao erro ou apenas à abstração do material sem observar as possibilidades de realização. Como salienta Nacarato, Passos e Grando (2014) a simples manipulação de objetos não leva à compreensão dos conteúdos. Ainda Esteban (2001, p. 172) esclarece que

O cotidiano de sala de aula é um espaço de imprevisibilidade. O professor frequentemente se encontra diante de situações comuns que alteram a dinâmica da sala de aula, interferindo no processo ensino/aprendizagem. O planejado vai sendo atravessado pelos fatos que se impõem ao previsto, criando novas demandas, novas possibilidades, novos obstáculos, fazendo com que o reestabelecido precise ser constantemente revisto e reorganizado. (ESTEBAN, 2001, p. 172)

Observa-se que é nessa reconstrução que o professor se reinventa e possibilita pessoas que não são do meio da educação compreenderem porque se utiliza certos materiais, jogos, brinquedos para incentivar o conhecimento, o estudo e a aprendizagem.

Finalizo essa experiência me colocando a prova, essa constituição de nós mesmos através do olhar do outro é caracterizada por Bakhtin como “[...] uma dádiva que recebo dos outros e para os outros, mas disponho dela com toda ingenuidade e tranquilidade[...]” (BAKHTIN, 1997, p. 181). O que torna esse processo dialógico e encantador é a constatação de que, mesmo ao receber este “presente”, o autor dessa experiência compartilhada, quase que uma autobiografia, em seu íntimo, reconhece sua não coincidência com sua representação de si e que esta caricatura jamais constituirá seu todo, pois está dada, fechada, enquanto a vida prossegue para além das fronteiras da narração. Estamos em um continuum de experiências, possibilidades e incompletudes.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAKHTIN, M.M. (VOLOSHINOV) **Marxismo e filosofia da linguagem. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. 13ª ed. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: HUCITEC, 2012.

ESTEBAN, M. T. **Avaliação: Ato tecido pelas imprecisões do cotidiano**. In: GARCIA, R.L. (Org.). **Novos olhares sobre a Alfabetização**. São Paulo: Cortez, 2001, p. 175-192.

NACARATO, Adair Mendes; PASSOS, Carmem Lúcia; GRANDO, Regina Célia. **Organização do trabalho Pedagógico para a alfabetização matemática**. In.: **Pacto Nacional Pela Alfabetização Na Idade Certa: Organização do Trabalho Pedagógico**. Brasília: MEC, SEB, 2014.

11. BÁSICO EM GREGO E HEBRAICO: PARA O ESTUDO DAS SAGRADAS ESCRITURAS

ROSSI, Luiz Alexandre Solano²⁶

É possível dizer que Hebraico e Grego são duas das mais importantes disciplinas para a formação do teólogo (a). Uma afirmação que muitos poderiam considerar exagerada dada a presumida dificuldade de se aprender os idiomas. Às vezes parece fácil a leitura dos textos sagrados porque aparentemente Deus fala em “português”! Todavia, mesmo para nós que falamos português temos dificuldades em compreender as regras gramaticais e as peculiaridades das

CAPÍTULO 11

mais diversas regiões do nosso país continental. Todavia, ao não compreender os idiomas originais e, de forma consequente, não ler a Bíblia Hebraica e/ou o Novo testamento Grego, sucumbe-se diante das versões e interpretações de outras pessoas. Acaba-se, portanto, a autonomia do sujeito e, certamente, o aprendizado se torna precarizado.

São idiomas antigos e distantes de nós geográfica e cronologicamente, o que provoca uma grande alteração na maneira como nos relacionamos com eles. Quando sabemos, por exemplo, que o Antigo Testamento foi em grande parte escrito em hebraico, precisamos entrar na cultura desse idioma, isto é, como os autores pensavam. A linguagem revela o mundo das pessoas com as quais interagimos. Os escritores não escreviam aleatoriamente. Eles procuravam as palavras que melhor expressavam os conteúdos que desejavam revelar.

O estudo dos idiomas também é importante por conta das muitas versões das Sagradas Escrituras que temos em língua portuguesa. Uma comparação entre elas indica que há muitas semelhanças e muitas diferenças. Uma situação

²⁶ Prof. Dr. Luiz Alexandre Solano Rossi, professor do Programa de Mestrado e Doutorado em Teologia na PUC/PR e professor do Centro Universitário Internacional UNINTER.

que mostra o desafio de se estudar intensamente e honestamente o texto. Uma leitura desonesta seria estudar os textos segundo os critérios pessoais. Nesse caso, o leitor acaba por inserir no texto bíblico uma informação que jamais o autor quis dizer, ou seja, o leitor faz com que o autor bíblico fale apenas aquilo que se encontra em sua cabeça (seus conceitos, sua expressão de fé, suas doutrinas, enfim, seus “achismos”). A boa leitura deixa o texto falar por si mesmo ainda que o texto tenha uma narrativa muito diferente e contrária àquilo que se pensava a respeito dele. O texto sempre tem uma autonomia que lhe é própria.

Trata-se de um desafio agradável. Se temos uma boa formação em idiomas bíblicos a pesquisa e a leitura se tornam mais atraentes. O sermão, a palestra, a aula de escola dominical, a assessoria para o grupo de reflexão produzirá sentidos e conteúdo que de outra forma jamais seriam alcançados.

Uma vantagem que se tem atualmente para o estudo dos idiomas bíblicos é a razoável quantidade de material à disposição do estudante. Nossos alunos e alunas possuem em suas disciplinas específicas de idiomas um excelente material à disposição bem como as vídeo-aulas. Mas todos aqueles que desejam se aprofundar poderiam criar uma pequena biblioteca com gramáticas de ambos os idiomas. E, nesse sentido, encontramos no mercado editorial desde gramáticas mais simples quanto aquelas utilizadas pelas maiores e melhores universidades de teologia. Vejamos algumas delas:

1. MENDES, Paulo. Noções de hebraico bíblico. São Paulo: Vida Nova, 1981. Trata-se de uma gramática introdutória e indutiva.
2. LAMBDIN, Thomas. Gramática do hebraico bíblico. São Paulo: Paulus, 2016. Trata-se de uma gramática mais robusta. Didaticamente bem construída.
3. KELLEY, Page. Hebraico bíblico: Uma gramática introdutória. São Leopoldo: Sinodal, 2004. Trata-se de uma gramática intermediária entre as duas anteriores. Muito didática e repleta de exercícios construídos a partir da Bíblia hebraica, o que muito ajuda a fixação da gramática bem como dos textos bíblicos.

4. SWETNAM, James. Gramática do grego do Novo Testamento. Volumes I e II. São Paulo: Paulus, 2016.

Outra situação importante: como podemos iniciar o processo de descobrir qual a melhor versão que temos em português. A sugestão é a de sempre que se for estudar uma perícópe bíblica que jamais se dependa de uma única versão. Geralmente o estudante/leitor possui uma predileção que permanece com ele a vida toda. É importante que se tenha três ou quatro versões distintas. Por que? Porque a partir desse olhar sinótico das quatro versões o leitor pode comparar os textos e perceber as semelhanças e diferenças. Às vezes as versões são absolutamente iguais e, outras vezes, as mudanças são significativas. Quando se perceber as mudanças significativas, deve-se parar e com a atitude de estudante de teologia que deseja ter uma formação exemplar, fazer a pergunta: POR QUE? Inicia-se agora o processo de ir atrás de respostas. Afinal, algum motivo aconteceu para que o tradutor optasse por uma tradução diferente daquela que se estava acostumado. O próximo passo seria acessar o texto hebraico ou grego e encontrar a perícópe que se está estudando e verificar a palavra específica em questão. E mesmo que não se tenha no momento uma ótima formação em metodologia exegética, é possível abrir alguns dicionários, léxicos e comentários para se perceber como os experts traduzem e interpretam determinadas palavras. Também é necessário estudar os contextos históricos por trás dos livros a fim de se compreender como os múltiplos contextos influenciaram o sentido das palavras usadas, além, é claro, de pesquisar o gênero literário da perícópe estudada. A partir do momento que se compara os textos, o estudante estará diante de uma perspectiva nova. Diria que estará diante de uma suspeita exegética, teológica ou hermenêutica que permitirá ao dar um passo mais além do que está acostumado.

Exemplos no Antigo Testamento e Novo Testamento que afetam a teologia, a hermenêutica e a pastoral do texto:

1. Sofonias 3,12: muitas versões traduzem os adjetivos de povo como “modesto e humilde” e encontramos em outras versões lemos “pobre e fraco”. Percebem a grande diferença? Na primeira os adjetivos refletem condições subjetivas de toda e qualquer pessoas e, na segunda possibilidade as expressões dizem respeito a categorias sociais. Claro

está que o campo semântico das traduções propostas é muito distante. No texto hebraico a possibilidade de tradução não poderia ser outra a não ser aquela ligada a categorias sociais, ou seja, pessoas em processo de desumanização, de empobrecimento, pessoas brutalizadas por grupos sociais mais fortes do povo de Deus. Perceberam a diferença e conseguem projetar as diferenças entre as teologias, hermenêuticas e pastorais advindas de uma versão e de outra?

2. No Novo Testamento trago a percepção de pobres, econômica e sociologicamente pobre, em grego. Desde o século IV a.C. distingue-se na língua grega do Império entre *penês* (o pobre que vive de um trabalho duro) e *ptochos* (o despossuído de tudo, o que não tem do que viver). Quando Jesus se refere aos pobres, ele fala sempre destes últimos. Não sem razão que os estudiosos estimam que entre 95 e 97% dos camponeses judeus na época de Jesus não sabiam ler nem escrever. Percebem a maneira como uma informação advinda do estudo do idioma pode ajudar a compreender o projeto de Jesus bem como a missão da Igreja atualmente?

Sugestões práticas para estudar hebraico e grego:

1. Memorize o alfabeto. Não dê nenhum passo para a segunda unidade de uma gramática se ainda tem dificuldade em se lembrar do alfabeto.
2. Ganhe memória vocabular memorizando a maior quantidade possível de palavras.
3. Dedicção diária ao estudo de no mínimo 30 minutos.
4. Faça exercícios de fixação propostos nas disciplinas oferecidas pelas nossas disciplinas assim como os exercícios das gramáticas que você teve acesso. Faça, refaça. Aprenda com seus erros e se alegre com cada passo vitorioso.

12. DESAFIO DA PRANCHA/ISOMETRIA: POSSIBILIDADES DIÁRIAS PELO FACEBOOK

COELHO, Ana Lucia Zattar²⁷

MELLO, Rafael Luciano de²⁸

Em tempos da pandemia da COVID-19 e o consequente isolamento social/físico, é fundamental que as pessoas mantenham a saúde física e mental intactas, minimizando os possíveis danos oriundos do confinamento e da mudança de rotina repentina.

Nesta perspectiva, com mais tempo nos lares e menos oportunidades para a prática de atividade física durante o deslocamento (caminhada e ciclismo

CAPÍTULO 12

como meio de transporte), atividades de lazer e tarefas ocupacionais, o aumento do comportamento sedentário e a redução dos níveis de atividade física são inevitáveis. A

prática regular de exercícios físicos é imprescindível para a promoção da saúde e prevenção de doenças, fortalecendo o sistema imunológico e estimulando a liberação de substâncias benéficas à autoestima e bem-estar psicológico, como a serotonina, por exemplo.

Portanto, manter-se ativo fisicamente no momento atual, faz-se necessário para aumentar a qualidade de vida da sociedade como um todo.

²⁷ Ana Lucia Zattar Coelho, digital influencer e professora no Centro Universitário Internacional UNINTER.

²⁸ Rafael Luciano de Mello, mestrando em Educação Física na linha de Atividade Física e Saúde pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) e professor no Centro Universitário Internacional UNINTER.

O DESAFIO DA ISOMETRIA é uma das atividades propostas pela Escola Superior de Educação (ESE) - UNINTER, com transmissão ao vivo pelas mídias sociais, fornecido à população durante o período de distanciamento social/físico.

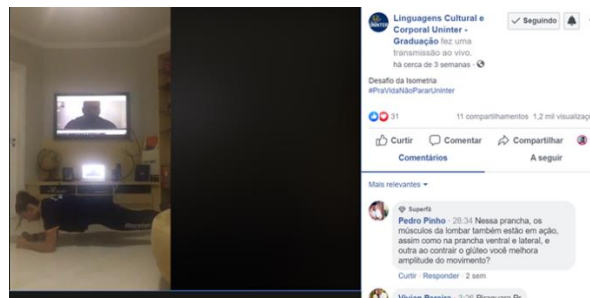
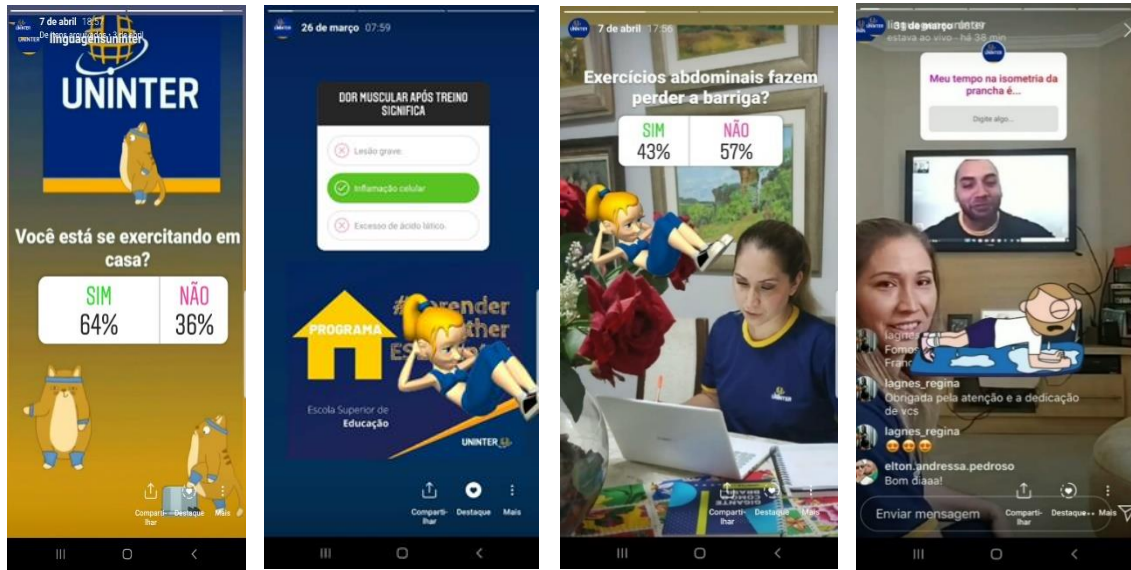
Trata-se de uma atividade com transmissão diária, duração de 30 minutos, conduzida pelos professores Ana Zattar¹ e Rafael L. de Mello², da área de Linguagem Cultural e Corporal, dos cursos de Bacharelado e Licenciatura em Educação Física.

O DESAFIO DA ISOMETRIA ocorre, primordialmente, pela realização de exercícios de isometria (desempenho da contração muscular sem que haja movimento articular, com equilíbrio entre os músculos agonistas e antagonistas) utilizando apenas o peso corporal ou equipamentos disponíveis nas residências, como cadeiras, bancos, escadas, paredes, dentre outros. A atividade proposta apresentou os seguintes objetivos:

- ✓ Apresentar exercícios físicos que possam ser realizados nas residências.
- ✓ Descrever o movimento correto e apontar os possíveis erros na execução.
- ✓ Motivar a prática regular dos exercícios físicos por meio do desafio proposto.

Antes do início, eram criadas e disponibilizadas enquetes relacionadas à atividade física e saúde. Ao iniciar a transmissão, era demonstrado e explicado o exercício isométrico de prancha, sendo lançado o desafio aos participantes, onde solicitava-se a realização do exercício, pelo maior tempo possível, dentro da técnica correta, com envio posterior do tempo de permanência pelo chat das mídias sociais.

A seguir imagens utilizadas:



Fonte: arquivo pessoal dos autores

Após a realização do desafio diário, era apresentado, descrito e demonstrado, exercícios que contemplassem os componentes da aptidão física relacionados à saúde (resistência cardiorrespiratória, força/resistência muscular, flexibilidade e composição corporal), conforme o planejamento do dia. Todos desempenhados dentro da proposta de utilizar apenas o próprio corpo, ou equipamentos comuns a maioria das residências.

Em todas as aulas os participantes interagiram pelo chat, com dúvidas, sugestões, participação nas enquetes ou apenas se apresentando e relatando o tempo desempenhado no desafio.

13. CONSTRUÇÃO DE INSTRUMENTO PARA E COM AS CRIANÇAS: PRÁTICAS EM TEMPOS DE ISOLAMENTO SOCIAL

SIQUEIRA, Alysson ²⁹

Latas, garrafas, potes de plástico, embalagens de papelão, entre outros materiais gerados pelas nossas atividades diárias são muitas vezes considerados lixo e descartados, na melhor das hipóteses, separadamente do lixo não reciclável. Mas para mentes criativas, todos esses materiais, conhecido também como sucata, é um verdadeiro tesouro.

Para quem gosta de música, o material que seria descartado pode dar

CAPÍTULO 13

vida a diversos objetos produtores de som. Quando utilizamos esses objetos para fazer música, podemos chamá-los de instrumentos musicais.

A utilização de materiais alternativos na construção de brinquedos pedagógicos é amplamente recomendada, já que oferece uma alternativa de atividade lúdica, aliada à conscientização ambiental (Gregório, 2016). Além disso, a reutilização criativa da sucata é vista também como alternativa de terapia ocupacional (Issa; Rodrigues; Oliveira, 2009).

No dia 24 de março de 2020, o Centro Universitário Internacional Uninter lançou o programa “Pra vida não parar”. Diversos professores, de todos os cursos da Escola Superior de Educação, passaram a transmitir oficinas através das redes sociais, pensando em levar conhecimento às pessoas recolhidas em quarentena, devido à Pandemia de Covid-19.

²⁹ Alysson Siqueira, engenheiro, musicista e professor no Centro Uiversitário Internacional UNINTER

Posso dizer que fui agraciado com a missão de oferecer a Oficina de Construção de Instrumentos, pois entendo que o tema contempla minhas duas áreas de formação: engenharia e música.

O programa das Oficinas de Construção de Instrumento segue sequencialmente, de acordo com a organologia proposta por Hornbostel e Sachs. Organologia é a ciência que se ocupa em classificar os instrumentos musicais. Hornbostel e Sachs propuseram, no início do século XX, um sistema que leva em conta a maneira com que o som é produzido pelo instrumento (Knight, 2017).

Este direcionamento teórico, porém, não é objeto de ensino, mas uma linha condutora para o planejamento das aulas. Assim sendo, as primeiras oficinas se dedicaram à construção de instrumentos de percussão, que no sistema Hornbostel e Sachs são chamados de idiofones. Dentro dessa família, temos ainda algumas subdivisões que foram contempladas, de modo que cada uma delas foi abordada em cada uma das duas primeiras oficinas: tambores e ganzás.

Os tambores consistem de instrumentos com corpo geralmente cilíndrico, revestido por pele (animal ou sintética) em uma ou em suas duas extremidades. Há tambores com corpo em outros formatos, como o de ampulheta: caso do *derbak*.

A aula de construção de tambores foi programada para ser a primeira porque há muitos potes, latas e outros materiais que podem ser utilizados como tambores sem qualquer adequação. Júlio Feliz, em seu livro “Instrumentos Sonoros Alternativos”, já recomendava o uso de “objetos como garrafas, mangueiras, potes e outros, que já estão “prontos” para serem utilizados como instrumentos sonoros” (Feliz, 2002, p.11). Foi o que demonstrei com uma lata de leite em pó para crianças, cuja tampa, que é de plástico, já cumpre o papel de pele do tambor.

Diversos materiais podem ser utilizados como corpo de um tambor, e como sugestão da nossa oficina, trouxemos o uso de balão de festa. Um pedaço dele pode ser utilizado como pele, e outro pode ser utilizado para amarrar e fixar

esta pele no corpo do instrumento. Nesse momento, apresentei o balão como um material muito versátil para a construção de instrumentos.

Um tambor sempre pode ser tocado com a mão, mas se for percutido por outro objeto terá um som, um timbre, diferente. Essa é uma ótima oportunidade de explicar e experimentar a ideia de timbre com as crianças. Assim, mostramos como unir sete palitos de churrasco para fazer uma baqueta. Além disso, pode-se, em uma das extremidades dessa baqueta, enrolar fita crepe para formar uma cabeça, deixando o som mais suaves.

Os tambores, de diversos tamanhos podem ser utilizados para desenvolver também a noção de altura entre as crianças: tambores maiores, geram sons graves e os menores produzem sons agudos.

Ganzás podem ser definidos como instrumentos de agitação, e o nome mais comum atribuído a eles é “chocalho”. Chocalhos também são instrumentos de construção simples. Na oficina, mostramos como um pote de bicarbonato de sódio preenchido com arroz pode se transformar em um chocalho de som bem agudo. Se preenchermos seu interior com feijão, porém, o som fica mais grave. Construímos diversos tipos de ganzá, e o resultado das primeiras duas oficinas pode ser visto na imagem a seguir:



Imagem 1 – Instrumentos produzidos

Fonte: foto produzida pelo autor

Esta imagem também foi utilizada para divulgação das oficinas, o que resultou em mais visualizações para as oficinas.

As oficinas de construção de instrumento têm sido acompanhadas por alunos do curso de Licenciatura em Música da Uninter e também por público externo. A partir da terceira oficina, as transmissões foram feitas, além do Facebook, também pelo Instagram, o que gerou um alcance maior e de um público distinto.

Tenho me desafiado a utilizar somente material que tenho em casa, compartilhando assim da realidade do público, que se encontra em regime de quarentena, e até mesmo incentivando que esta situação se mantenha até que vençamos esta batalha. Enquanto isso, seguimos dando nossa contribuição para a vida não parar.

REFERÊNCIAS

FELIZ, Júlio. **Instrumentos sonoros alternativos**: manual de construção e sugestões de utilização. Campo Grande: Editora Oeste, 2002.

GREGÓRIO, F. **O brinquedo de sucata como recurso de Educação Ambiental na pré-escola**. Educação Ambiental em Ação, v. 58, p. 2554, 2016.

ISSA, Daniele C.; RODRIGUES, Núbia A. B.; OLIVEIRA, Rosana M. S. G. **O Brincar**: A importância do brincar utilizando a sucata com crianças institucionalizadas de 0 a 6 anos. Disponível em: <http://www.unisaesiano.edu.br/encontro2009/trabalho/aceitos/PO22791271805.pdf>. Acesso em: 01 mar. 2012.

KNIGHT, Roderic C. **The Knight Revision of Hornbostel-Sachs**: a new look at musical instrument classification. Oberlin College Conservatory of Music, 2015, rev. 2017.

14. EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS - APRESENTAR USOS E CURIOSIDADES SOBRE A LÍNGUA PORTUGUESA

CESAR , Thays Carvalho³⁰

O contexto atual nos desafia a repensar nossas práticas de forma a proporcionar aos nossos alunos o conhecimento, sem com elas trazer o peso do pânico moral que já é vivenciado dia a dia através dos meios de comunicação. O isolamento nos incentiva a utilizar os meios tecnológicos disponíveis, para que, de dentro das nossas casas, possamos levar o conteúdo aos estudantes, mas sem o rigor técnico e as exigências do ensino formal.

CAPÍTULO 14

Pensando nas pessoas que se encontram em isolamento social, o Centro Universitário Uninter, desenvolveu o programa “Uninter vai até você” e mobilizou todos os cursos da Escola Superior de Educação a utilizarem suas especificidades, de acordo com as metodologias ativas de aprendizagem e as áreas de interesse de seus docentes.

Abordar assuntos leves, corriqueiros, que façam parte da vida cotidiana, torna a aprendizagem natural e prazerosa. Em minha prática, escolhi trabalhar com expressões idiomáticas, pois são assuntos que se relacionam com minha formação e com os quais tenho familiaridade. Busquei contextualizar as expressões de modo que cada aluno pudesse enxergar seu uso no dia a dia.

Durante os 30 minutos da *live*, realizada no dia 01/04, foram trabalhadas as expressões: pagar mico, chato de galocha, a preço de banana, presente de grego, santo do pau oco, ovelha negra, rodar a baiana, olha o passarinho, bode expiatório, sem eira nem beira, motorista barbeiro, dar com os burros n'água e casa da mãe Joana. Esta proposta está inserida no programa

³⁰ Thays Carvalho Cesar é professora no Centro Universitária Internacional UNINTER.

#PorDentroDaLíngua, cuja função maior é apresentar curiosidades sobre a língua portuguesa.

A pesquisa sobre a origem das expressões idiomáticas aliou fontes linguísticas a fontes históricas, uma vez que a origem das expressões, muitas vezes pode remeter à história de um povo, a um período da história e sobretudo às raízes culturais. Portanto, estudar a origem das expressões idiomáticas é resgatar elementos adormecidos da cultura brasileira e mergulhar na história do Brasil e do mundo.

Ainda para realizar a pesquisa, utilizei o livro “Viva a língua brasileira”, de Sérgio Rodrigues. Neste livro, o autor aborda de forma leve e descontraída algumas situações de uso da língua portuguesa. Ao me deparar com a forma como o autor expôs os assuntos, quis que minha exposição fosse acessível como a que ele faz em seu livro. Queria fazer algo que pudesse servir à todas as pessoas, independentemente da área de estudos.

As expressões trabalhadas são amplamente utilizadas de norte a sul do país e podem ter diferentes significados de acordo com o lugar geográfico, sendo assim, houve uma preocupação em contemplar esses diferentes usos durante a transmissão.

A partir da pesquisa elaborei um roteiro com as expressões de forma a relacioná-las entre si, estabelecendo uma sequência informacional lógica, para que o assunto e a interação não se perdessem ao longo da transmissão. Procurei construir uma sequência discursiva que dialogasse com os alunos, a partir da introdução das expressões e de seus significados. A apresentação contou com a participação de alunos e professores da instituição.

A explicação de cada uma das expressões resgatou conhecimentos dos dois cursos que compõem a área de Linguagens e Sociedade, Letras e História. As *lives* suscitam diálogos não só entre professores e alunos, mas também entre os professores da área, que procuram, cada qual a seu modo e lançando mão de seus conhecimentos, auxiliar na construção de um projeto coletivo.

As redes sociais aproximam as pessoas e não haveria motivos para ser diferente com professores e alunos. A linguagem utilizada nas *lives* pode ser

mais livre, menos preocupada com academicismos e mais focada em proporcionar um ambiente descontraído que proporcione aprendizagem de forma prazerosa.

Esses tempos nos levam a aguçar e desenvolver a empatia. Pensar de forma acolhedora no outro que está nos assistindo e que está, ao mesmo tempo, em um contexto semelhante e tão diferente, seja devido à distância territorial ou por suas condições de vida e trabalho.

A prática docente, em tempos de isolamento social, deve focar ainda mais a construção de vínculos do aluno com a instituição, uma vez que ele precisa se sentir parte e participe do processo de ensino e, nesse contexto, pode ter ainda mais oportunidades de interagir com os professores, tirar suas dúvidas e trocar experiências.

REFERÊNCIAS

RODRIGUES, Sergio. **Viva a língua brasileira**: Uma viagem amorosa, sem caretice e sem vale-tudo, pelo sexto idioma mais falado do mundo - o seu. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

15. CONVERSAR SOBRE FILMES COM TEMÁTICAS HISTÓRICAS

CAVAZZANI, André Luiz Moscaleski³¹

Foi lá pelo começo de setembro de 1664 que eu e os meus vizinhos ouvimos em conversa corrente que a peste estava de volta na Holanda mais uma vez, pois já fora bem violenta no ano de 1663, principalmente em Amsterdam e Rotterdam, onde, pelo que dizem, chegou entre mercadorias transportadas por navios da Turquia; uns diziam vindas da Itália, outros do Levante; também disseram que veio da Cândia, ou então do Chipre. De onde veio não interessava, todos estavam de acordo que a peste estava na Holanda outra vez. Naqueles dias, não tínhamos coisas que eu ainda viveria para ver em prática, como os jornais impressos para espalhar rumores e informar sobre os acontecimentos e para melhorar as coisas pela imaginação dos homens. Notícias como aquela chegavam nas cartas dos mercadores e de outros que se correspondiam com o exterior e depois as divulgavam somente em conversas. Assim, estas coisas não se espalhavam instantaneamente por toda a nação como acontece agora...

Daniel Defoe, 1722, Diário do ano da Peste.

O autor das linhas acima tinha quatro anos quando um surto de peste, bubônica, dizimou boa parte da população europeia. Num texto híbrido de história, ficção e jornalismo relembra este trágico momento de sua infância, deixando-o como herança para a posteridade. O volume seria chamado *Um diário do ano da Peste*. Ali conta, entre outros detalhes, o que faziam, como faziam, as pessoas isoladas nas suas casas para tentar sobreviver àquela peste.

CAPÍTULO 15

Tal como sobrevivem os séculos sobrevivem as pestes, as doenças a marcar de forma indelével as glórias e as tragédias humanas.

E, assim, nos veio de encontro, em pleno século XXI, uma nova peste a ceifar vidas, economias – psíquicas e financeiras

³¹ Prof. Dr. André Luiz Moscaleski Cavazzani, Professor Colaborador do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná - Linha Espaço e Sociabilidades. Líder da Linha de Pesquisa Intersecções: língua, cultura, história e tecnologias. Professor no Centro Universitário Internacional UNINTER

– que classificamos pandemia e que nos mantém dentro de nossas casas. Porém, se Defoe ao seu tempo maravilhava-se com os jornais impressos “*a espalhar rumores e informar sobre acontecimentos e para melhorar as coisas pela imaginação dos homens*”, certamente, ficaria assombrado com o arsenal tecnológico que temos hoje, para o bem e para o mal, a difundir as coisas “*quase que instantaneamente pelas nações*”.

O pequeno excerto de Defoe serve como uma espécie de espelho quebrado em que nos enxergamos em parte e nos coloca a pensar... em várias direções. Nunca estivemos tão distantes, nunca estivemos tão perto. Essas reflexões servem para compartilhar um momento pedagógico vivido nesse ano de 2020, o ano da pandemia COVID 19.

Visando diminuir as distancias e nutrir nossos alunos, em confinamento domiciliar, com mensagens benfazejas e repertório fílmico, literário e historiográfico a *Equipe de Mídias da Escola Superior de Educação*, em trabalho conjunto, com a Equipe de Linguagens e Sociedade (que abriga os cursos de História e Letras) deu início ao projeto *História em Cena*, integrante de um projeto maior, com os mesmos objetivos, batizado com a hashtag *#Unintervaiatévocê*. A ideia foi/tem sido concretizada com aparições periódicas em sistema de *Live Facebook* onde um professor do curso teve a liberdade de escolher uma obra cinematográfica, resenha-la, apresenta-la e sugeri-la aos alunos. O tempo de aparição ficou acertado em trinta minutos.

Coube a mim, entre o grupo de história, a estreia da iniciativa que ocorreu em 27 de março de 2020. Minha recomendação foi o filme *Nós que aqui estamos por vós esperamos*, do diretor brasileiro Marcelo Mazagão. Trata-se de um filme/documentário que costura instantâneos do século XX mostrando-o em suas dramáticas contradições, em seus extremos paradoxos: o século dos assombrosos avanços tecnológicos, médicos, científicos, que nos levaram para as cidades, que tornaram nossas vidas mais longas e confortáveis e, ao mesmo tempo, o século em que praticamos morticínios em massa, o século em que mais se matou e o século em que mais se morreu. O Século XX, no filme, é chamado de *Breve século XX*. Dessa forma, o autor assume uma de suas principais referências na construção do roteiro, a saber, o historiador Eric Hobsbawm que

classificou a era retratada no filme como breve e extrema. Os retalhos biográficos e os pequenos enredos mostrados quadro a quadro, com o século XX como pano de fundo, são de indivíduos anônimos – grandes histórias, pequenos personagens, pequenas histórias, grandes personagens, eis outro mote do filme. O filme foi construído há vinte anos atrás exatamente na virada do milênio e o título, bastante provocativo, chama a nossa atenção para o fato de que os personagens ali retratados já viveram suas vidas, ou boa parte delas, e nos esperam. Diante disso o que nós estamos fazendo com nossas vidas? Como a estamos vivendo? Trata-se, afinal, de um filme pedagógico e reflexivo.

O programa foi ao ar numa quinta feira de fins de março, 26/03. A quarentena começava, havia ainda corridas aos supermercados, e cenas deploráveis de auto abastecimento exagerado, as instituições, organizações se preparavam para uma transição inesperada de trabalho local para trabalho remoto. Não que não se tenham enfrentados desafios, porém, estar em uma instituição focada tradicionalmente no Ensino a Distância, facilitou e muito essa transição que ocorreu de forma rápida, segura e efetiva. Os esforços foram múltiplos dentro de um consenso entre as lideranças e o corpo docente de que o isolamento era realmente o melhor caminho para enfrentar a crise.

Estrear um programa naquelas circunstâncias, foi emocionante. A consciência histórica de que aquela situação se dava em meio a um marco de antes e depois na história do século XXI estava muito presente, não só em mim como, também, entre o público ouvinte. Do ponto de vista técnico, tivemos um alcance de 1.100 visualizações e dez compartilhamentos. Pelo menos 33 pessoas comentaram de forma síncrona, porém, o vídeo segue sendo visto e comentado de forma assíncrona. Abaixo algumas fotos:



O que se percebeu, com esta iniciativa, é que a instituição foi ganhando um público novo e, ao mesmo tempo, divulgando seu nome. O programa circulou entre o corpo discente, mas, não só. Foram contabilizados acessos de público leigo e não relacionado à instituição. Tratou-se, afinal, de uma experiência profícua que segue em curso. Que a pandemia acabe, e que possamos sair mais fortes e integrados dela.

REFERÊNCIAS

DEFOE, Daniel. **Um diário do ano da Peste**. Porto Alegre : Artes e Ofícios, 2002.

HOBBSAWM, Eric. **A era dos extremos: o breve século XX 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

Nós que aqui estamos por vós esperamos. Direção: Marcelo Masagão. Roteiro: Marcelo Masagão. Ano 1999. Distribuição: Rio Filmes

16. APRENDENDO DENTRO DE CASA: COMO AS PRÁTICAS SÃO ATIVIDADES IMPORTANTES (TAMBÉM) EM TEMPOS DE COVID-19

BENVENUTTI, Cristiane Dall' Agnol da Silva³²
HILGEMBERG, Larissa Priscila Bredow³³

Há um ditado, atribuído a Confúcio (China, 551-479 a.C.) que diz: “O que eu ouço, esqueço; o que eu vejo, lembro; o que eu faço, compreendo”. No processo de ensino aprendizagem, seja de uma criança, seja de um adulto, é necessário praticar.

No ensino superior, uma formação acadêmica sólida se ampara em uma teoria fundamentada aliada a práticas que sejam possíveis, transformadoras e

CAPÍTULO 16

significativas. Assim, destacamos a Resolução nº 2 de 1º de julho de 2015, a qual define 400 horas de atividades práticas a serem vivenciadas durante as graduações em

licenciatura. Ainda, corroborando à Resolução citada, a Resolução nº2 de 20 de dezembro de 2019, afirma que a formação de professores deve estar alicerçada em ações práticas, além do momento do estágio, e que estas práticas devem ser desenvolvidas desde o início do curso. Verificamos, assim, que para uma formação expressiva, os estudantes devem associar a teoria apreendida à prática desenvolvida e vivenciada.

Por isso, mesmo à luz do conhecimento de estudiosos e pesquisadores, se torna imprescindível o aprender a aprender por meio do hands-on ou como muitos conhecem “mão na massa”, a prática em como experiência.

32 Profa. Me. Cristiane Dall' Agnol da Silva Benvenuti, doutoranda na UFPR e professora no Centro Universitário Internacional UNINTER.

33 Profa. Larissa Priscila Bredow Hilgemberg, professora no Centro Universitário Internacional UNINTER.

Um aspecto que norteia a mobilização das práticas, são os dilemas, situações-problema que fazem parte do dia-a-dia das pessoas e dos estudantes, pois se tornam desafios que se refletem na vida pessoal, profissional e social, constituindo espaços dos quais emergem a aprendizagem. Os envolvidos desenvolvem sua própria ação, a partir de um ir e vir entre o que já sabem e o que ainda precisam vir a saber, entre o que fazem, mas podem aprimorar o fazer, entre o que experimentaram em momentos anteriormente da vida e uma necessidade de se reinventar por intermédio de um novo conhecimento.

Para isto, o diálogo se coloca como ponto de partida para o despertar de uma formação de interatividade entre diferentes pessoas que em seu próprio processo de aprendizagem passam a refinar a escuta e o olhar para o outro com base numa experiência compartilhada e reflexiva.

Para Alarcão (2005, p. 33) [...] a criação de novos espaços de aprendizagem deve trazer reflexividade individual e coletiva, um olhar voltado para o ato de ensinar e aprender. É preciso que ocorra um diálogo com a situação posta, consigo próprio, com os teóricos, e assim uma aprendizagem se desenvolva como um processo transformador da experiência que ocorreu.

Por isso é incapaz de experiência aquele que se põe, ou se opõe, ou se impõe, ou se propõe, mas não se “ex-põe”. É incapaz de experiência aquele a quem nada lhe passa, a quem nada lhe acontece, a quem nada lhe sucede, a quem nada o toca, nada lhe chega, nada o afeta, a quem nada o ameaça, a quem nada ocorre. (BONDÍA, 2002, p. 25)

A experiência, conforme Bondía (2002) é o que nos toca, é aquilo que nos faz sentido no momento da ação, possibilita transformar o contexto atual, experimentar é experimentar, provar. E ainda,

Quantos de nós, quando criança, dizíamos “não gosto de comer isso ou não gosto de comer aquilo” e a maioria de nossos pais respondia, “mas já experimentou?”. Assim, só podemos dizer se nos é palatável aquilo que já foi sentido por nosso paladar.

Nós aprendemos e apreendemos aquilo que faz sentido e significado em nosso interior e tem o poder de mudar o nosso modo de vida, trazer à tona uma nova forma de aprendizagem, uma outra leitura de mundo até sobre aquilo que um dia já provamos. Para isto, é necessário fazê-los provar a comida que lhes

parece saborosa, mas no íntimo do seu ser provoque e proporcione conexão com a sua leitura de mundo, estabeleça relações.

Na educação formal, em especial, na educação superior, a elaboração das práticas conectadas à aprendizagem do aluno é de responsabilidade dos professores e da Instituição de Ensino. Neste sentido, a organização das práticas deve estar pautada em conteúdos específicos das áreas de conhecimento do estudante, além de tecer relações com a sua formação humana e profissional, proporcionando um movimento de Ação – Reflexão – Ação.

Neste contexto, a prática se coloca pautada num processo reflexivo, o estudante se apropria de uma condição, que lhe é necessária para o seu desenvolvimento diante do processo de ensino e aprendizagem e para a sua condição enquanto ser humano em sua totalidade.

A prática reflexiva se destaca aqui como um constante exercício para que o estudante possa se conhecer e intensificar o seu processo de aprendizagem diante de atividades práticas, como estudos de caso e portfólios, desenvolvidas durante suas ações acadêmicas e pedagógicas.

Desse modo, a prática reflexiva é vista como subsídios para a práxis, o aprofundamento em torno da fundamentação teórica em diferentes espaços e tempos e o seu constructo sobre fazer pedagógico em parceria com os seus pares e a comunidade acadêmica.

Para tanto, a boa prática reflexiva necessita do uso de instrumentos relevantes que impulsionam a ação do estudante e este, de fato, realize hands-on. Por isso, o registro é um dos caminhos, como aponta Freire (1992.p.72) é durante a prática de registrar que o observar, comparar, selecionar, estabelecer relações entre fatos e coisas se estabelecem. Um estudo, pesquisa ou conteúdo ao ser registrado passa a ressignificar e reorganizar uma ação, e lhe imprime significado para a construção de um novo conhecimento. Freitas (2000, p. 219), destaca que “o registro permite que a riqueza das ideias que foram aprimoradas não fique perdida na rotina”.

Vivenciamos uma ruptura daquilo que conhecíamos da nossa sociedade. Vivemos em um período tão díspar na história da sociedade contemporânea que por muitos é comparado ao período das duas Grandes Guerras. Escolas e Universidades fechadas para o atendimento presencial pode passar a sensação ao estudante que ele está sozinho no seu percurso de aprendizagem.

Entretanto, a alegação anterior não se estende ao Ensino a Distância, uma vez que este possibilitou uma quebra nos paradigmas de ordem pedagógica tradicional. Pelas plataformas on-line que disponibilizam vídeos, apresentações, debates e materiais de estudo, o que torna o ensino dinâmico integrado à outras áreas do conhecimento.

As propostas de práticas como estudos de caso e portfólios possibilitaram aos estudantes da Educação a Distância diversificar experiências de aprendizagem, por meio de métodos e suportes tecnológicos interativos como apoio à criação de uma rotina diversificada que muitos estudantes do ensino superior, jovens, adultos e idosos conhecem, e que agora estão à frente de um cenário de tantas mudanças.

[...]antes o aluno estava em sala de aula. Agora, continua no laboratório (organizando a pesquisa), na Internet (atividades à distância) e no acompanhamento de práticas, projetos, experiências que ligam o aluno à realidade, à sua profissão (ponto entre a teoria e a prática). Por isso, ambos, professor e aluno precisam aprender a como gerenciar também atividades à distância, visitas técnicas, orientação de projetos que são parte integrante da carga horária do seu curso Moran (2004, p. 3).

Em um momento histórico atípico do que vivíamos, deixar um espaço físico e mergulhar em estratégias de ensino remotos que perpassam o grande cerne da EaD, professores reinventaram formas de inserir a teoria numa sala virtual para que seus estudantes apreendessem um conteúdo.

Em meio à pandemia, a prática floresceu e o que era impossível em uma sala de aula presencial, como a dificuldade de inserir recursos tecnológicos para possibilitar um maior entendimento sobre um conteúdo, a ampliação de uma discussão em rede e a socialização pela falta de estrutura e materiais. Percebe-se que está máxima se esvazia e, o contrário, pelas práticas pode-se promover a concretude do processo de aprendizagem, além de proporcionar a ação reflexiva dos estudantes durante um período de afastamento social.

As práticas em meio ao isolamento motivam os estudantes em sua jornada acadêmica, aproximam estes de seus colegas e professores de forma on-line, bem como propiciam momentos de “mão na massa” e de produção significativa.

Quanto aos percalços citados anteriormente, todos têm possibilidades de resolução: no caso da socialização das práticas, há fóruns, redes sociais e outros

canais interativos em que o estudante expõe as suas produções, pesquisas e resoluções. Ele passa a dialogar com outros estudantes e com seus professores, e que pela Universidade pode-se, inclusive, proporcionar estes espaços e momentos em seus Ambientes Virtuais de Aprendizagem.

Sobre à falta de estrutura e de material para a realização de atividades práticas, a solução vem com pequenas substituições, criatividade e bom senso. Por exemplo, uma pesquisa de campo precisará ser modificada de forma que o estudante não precise se deslocar de sua casa e se expor ao vírus, assim, utilizará sites e pesquisas on-line. Mas é possível também, adaptar práticas sem a necessidade da internet, do estar conectado. No caso de uma pesquisa, adaptá-la e fazer *in loco* com seus familiares e aqueles que estiverem próximos para coleta de dados e informações da pesquisa.

No caso de materiais, a adaptação destes por outros que o estudante tem em casa e estão disponíveis, e irão possibilitar que um estudante de Artes Visuais, por exemplo, ao realizar uma prática de desenho, substitua um lápis específico por outro mais simples ou por um lápis de cor, giz de cera ou até carvão. Ao realizar o registro da atividade, a sua reflexão será fundamentada na teoria descrevendo passo-a-passo como resultou o desenho sobre uma determinada técnica a partir de adaptações de materiais diferentes.

Mas quais são as práticas possíveis para o Ensino Superior durante o isolamento social?

Dentre tantas práticas possíveis no Ensino Superior, elencamos três que englobam de maneira satisfatória a ação reflexiva sem a necessidade constante do estudante estar no espaço físico da Universidade.

O Estudo de Caso, por ser uma metodologia de pesquisa e estudo, visa retratar a realidade de forma contextualizada. De acordo com Marli André (2013, p.97) o estudo de caso permite “descrever ações e comportamentos, captar significados, analisar interações, compreender e interpretar linguagens, estudar representações, sem desvinculá-los do contexto e das circunstâncias especiais em que se manifestam”.

Desta forma, é necessário que o estudante se depare com uma situação, um caso ou problema e, baseado em referenciais que podem ser pré-determinados ou não, busque resolver as questões colocando-se como personagem protagonista na resolução destas. Esta é uma prática importante

para que o estudante se coloque como profissional da sua área de pesquisa e é totalmente possível de ser realizado no isolamento social, uma vez que é necessário apenas a leitura do estudante da situação registrada e uma base teórica a ser estudada.

O debate crítico pode ser desenvolvido por meio de diálogos entre pelo menos dois participantes até mesas redondas com vários participantes. É uma metodologia que desenvolve no aluno a habilidade da oralidade, da organização das suas ideias e linhas teóricas, bem como da empatia e da escuta ativa.

O estudante desenvolve determinado assunto expondo seu ponto de vista e seus estudos, ouve o que seus colegas têm a dizer acerca do mesmo assunto e compara, determinando aproximações e diferenças em seus diálogos. O debate, embora não possa ser desenvolvido em um espaço físico neste período de pandemia, pode ser adaptado para espaços virtuais, fóruns, chats e outros canais disponibilizados pelos próprios estudantes ou pelas instituições de ensino.

O Portfólio é um guarda-chuva de muitas práticas. A metodologia supõe leitura e pesquisa inicial e posterior produção, desenvolvendo no estudante habilidades de leitura, escrita e oralidade.

Conforme Hernández (1998, p.100) o portfólio é um “continente de diferentes classes de documentos [...] que proporciona evidências do conhecimento que foi construído, das estratégias utilizadas e da disposição de quem o elabora em continuar aprendendo”. Assim, um portfólio pode ser composto por artigos, fotografias, maquetes, vídeos, vídeoaulas, dramatizações, linhas do tempo, experimentos, entre tantas outras possibilidades. O que é necessário para que o Portfólio possa ser desenvolvido durante um período de distanciamento social é a substituição de espaços, materiais e algumas práticas, de forma que o aluno possa realiza-los a partir de sua casa.

As três metodologias acima demonstram que é possível e é necessário manter práticas para os estudantes reclusos em suas casas. De maneira que os possibilitem a aprendizagem significativa, a experiência, a formação holística em sua graduação. Assim, possibilita novas aprendizagens e novas leituras de mundo. Retomando Bondía (2002), “a experiência não é o caminho até um objetivo previsto, até uma meta que se conhece de antemão, mas é uma abertura para o desconhecido, para o que não se pode antecipar nem ´pré-ver` nem ´pré-

dizer`. Desta forma, cada prática, cada ação reflexiva, sendo experiência, possibilita que novas práticas sejam desenvolvidas.

REFERÊNCIAS

ALARCÃO, Isabel. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. São Paulo: Cortez; 2005.

ANDRÉ, Marli. **Questões sobre os fins e sobre os métodos de pesquisa em Educação**. Revista Eletrônica de Educação. São Carlos, SP: UFSCar, v. 1, n. 1, p. 119- 131, set. 2007. Disponível em: <http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/6/6>. Acesso em: 27 abril 2020.

BONDIA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. *Rev. Bras. Educ.* [online]. 2002, n.19, pp.20-28. ISSN 1413-2478. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>. Acesso em: 27 abril 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **O registro como instrumento da prática profissional do “professor reflexivo”**. Porto Alegre: Educação, 2000.

HERNÁNDES, Fernando. **Transgressão e mudança na educação: os projetos de trabalho**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

17. APRENDIZAGEM MÓVEL: HERANÇA PARA EDUCAÇÃO NA ESTEIRA DOS TEMPOS DA PANDEMIA COVID-19

MUNHOZ, Antonio Siemsen³⁴

KRAVISKI, Mariane Regina³⁵

Esse ensaio acadêmico tem como principal motivador e orientação desvendar o que poderá acontecer, em tempos de criação de novas formas de ensinar e aprender, após a vivência de um tempo de crise criado pela pandemia nominada como Covid-19. Não tivesse sido estabelecido o isolamento social como a arma mais eficiente, contra um vírus desconhecido e que ainda não tem uma vacina para proteção, a caminhada para que a aprendizagem móvel se

CAPÍTULO 17

estabelecesse como a única forma de oferta de ensino seguiria seu trânsito normal. A contraposição entre as diversas formas de oferta de atividades de ensino e aprendizagem

cria dicotomias e atrasos na escolha de uma forma que se configure como a mais adequada. Assim, nesse momento, essa discussão se torna primordial, devido ao fato de que ainda existe muito preconceito com relação à educação a distância. Mas, acredita-se que, a realidade pós-pandemia, ela será vista com outros olhos, quem sabe até mais procurada por pessoas que até então descreditavam nessa modalidade.

Ambientes e tipos de oferta

Na educação de hoje, temos ofertas educacionais convivendo em diferentes ambientes, como elencados a seguir:

- tradicionais, em iniciativas totalmente presenciais;

34 Prof. Dr. Antonio S. Munhoz, é professor no Centro Universitário Internacional UNINTER.

35 Profa. Mariane Regina Kraviski, é professora no Centro Universitário Internacional UNINTER.

- tradicionais, em iniciativas que combinam momentos presenciais e momentos não presenciais, nominadas como aprendizagem mista (*b-learning*) consideradas como o início de um processo disruptivo inovador;
- não presenciais, mas que apresentam pontos de ancoragem presenciais. A modalidade recebe a mesma nomenclatura anterior (*b-learning*);
- totalmente não presenciais nominadas como *e-learning* ou *eletronic learning*.

(Fonte: o autor)

Consideramos que esse não é o momento mais correto para comparar a superação qualitativa entre vantagens didáticas e pedagógicas de cada caminho. Isso decorre, principalmente, porque elas estão na dependência da atuação combinada, consciente, intencional e com elevado nível de sinergia, das instituições de ensino, professores e alunos. Todo este processo é potencializado por tecnologias em adiantada evolução. Dessa forma, é possível garantir acesso, não importa a forma ou local como ela possa ser efetivada, nos ambientes anteriormente relacionados.

A busca de uma hipótese

É necessário observar o que está conduzindo às afirmativas feitas neste material. Elas refletem a busca de confirmação de uma hipótese para ser questionada em pesquisas mais aprofundadas que superam os limites de um ensaio e postulam que: *a aceleração das necessidades de atender a continuidade dos processos de formação educacional em tempo de isolamento social é responsável pela aceleração da implantação e uso da aprendizagem móvel, como forma de oferta que unifica todas as formas hoje existentes ignorando, assim, a existência de entraves para criação de novas metodologias educacionais.*

Um pouco mais sobre a aprendizagem móvel

Esta forma de oferta tem, já há algum tempo a defesa da própria UNESCO iniciada no trabalho desenvolvido pelos pesquisadores Shuler, Winters e West (2014), corroborado por diversos outros pesquisadores que consideram

que, na época atual vivemos em uma era móvel e de revoluções móveis (nomeadas como disruptivas), a educação não pode fugir a ser adjetivada como tal. A aprendizagem móvel nos coloca à beira de transformações contundentes, agora aceleradas em uma época de convivência com uma pandemia que deve deixar heranças (boas ou más) em diferentes áreas de conhecimento criadas pelo gênio humano.

Aos poucos se enxergará como possível a queda, quando a pandemia for considerada como encerrada, de qualquer resistência em colocar todas as pessoas em comunicação. É possível prever a queda de todas os entraves tecnológicos, que hoje são utilizadas como barreiras (com propriedade maior ou menor). Todos os governos mundiais poderão, finalmente, aceitar que existe um novo mercado (denominado marketplace) que concentra a venda de tudo e acesso a tudo, em dispositivos móveis. A internet gratuita para todos é uma decisão já tomada em algumas iniciativas pontuais e deve ser estendida. A miniaturização conduz à mobilidade que será iniciada na própria casa de cada pessoa, com o trabalho desenvolvido na perspectiva do *home office*.

A permeabilidade de nossa vida aos dispositivos móveis se torna cada vez mais em uma dependência. Eles se tornam cada vez mais potentes, funcionais e baratos e o apoio a todas as iniciativas educacionais se revela como inadiável, somente não vigente devido ao fato das resistências que devem cair. A justificativa que muitas pessoas não têm acesso à tecnologia deve cair, quando a internet estiver ativa em todas as casas, acessível via dispositivos que podem até atingir o nível de gratuidade, uma visão que, aos poucos, deixa de ser uma utopia para se tornar uma realidade inquestionável.

Qualquer pessoa que tem, e sabe como utilizar algum novo conhecimento, poderá colocar à disposição de uma comunidade subjacente em processos de formação que podem estar apoiado em iniciativas *crowdfunding*. Monopólios são quebrados com o rateio de custos, que permitem ganho econômico para os produtores. O encurtamento da distância física entre escola e aluno será efetivado (com possíveis vantagens) pelo ensino e aprendizagem desenvolvidos na modalidade de aprendizagem móvel.

A UNESCO desenvolve projetos no sentido de permitir que qualquer estudante possa ser transformado em um mini cientista. Desta forma, a visão que a aprendizagem móvel deve ocorrer em um mundo conectado e atingir de forma indistinta a todos, evitando a criação de elites, se torna uma realidade que já ocorre em algumas situações tais como:

- aumento do nível de alfabetização de mulheres em comunidades com poucos recursos, que em cada casa ou em centros comunitários poderá dar acesso a dispositivos móveis;
- oferta de um computador por aluno (projeto existente no Brasil) expandido à cessão de acesso gratuito a dispositivos móveis;
- Orientação à criação de inovações (como são consideradas as metodologias ativas);
- A criação de comunidades que deem aos professores um elevado nível de independência em relação ao domínio hoje efetivado pelas instituições de ensino, que deverão vestir as novas roupas da busca de uma condição social evoluída, ao invés de apenas estarem concentradas em ganhos financeiros;
- Expansão da transmissão dos conceitos das *mídias sociais*, elemento altamente influente na criação de novos conhecimentos, ou captação das formas de utilização daqueles já existentes.

Fonte: Shuler, Winters e West, Op. Cit.

Qualquer semelhança com o incentivo a propostas de formação continuada, desenvolvida para toda a vida, com os conteúdos que os alunos necessitam, desenvolvidas nos locais e horários que lhes sejam mais adequados, não é mera coincidência com a oferta do ensino e aprendizagem desenvolvidos a distância. Esta é a proposta do EaD – Educação a Distância, sigla que pode ser substituída por uma nova visão que considera tais atividades, mais propriamente, como AaD – Aprendizagem a Distância, visão já antecipada por Litto (2010).

A tecnologia educacional poderá, no contexto futuro, ser reconhecida como ciência de valor, aplicada ao processo de ensinar e aprender. Poderá assumir um papel como colaborativa e cooperativa, sem nenhuma intenção de

criar condições para que a tecnocracia³⁶ (indesejável) venha a se estabelecer, receio que hoje ainda cria um conjunto de resistências incompreensíveis, no que diz respeito à utilização integral, em todas suas possibilidades, das metodologias ativas, uma das principais resultantes da tecnologia educacional.

Em busca de uma definição para aprendizagem móvel

Estamos nos referindo de forma extensiva e intensiva sobre a aprendizagem móvel, sem ainda ter trazido uma definição simples e clara para todos os tipos de leitores (leigos ou especialistas), apresentada para facilitar a implementação futura de diferentes projetos de aprendizagem móvel, com maior ou menor abrangência e maior ou menor aprofundamento da tecnologia educacional envolvida. As tecnologias móveis trazem a tiracolo um olhar mais detido sobre afirmativas sobre a ubiquidade, adjetivo que foi encarado como uma impossibilidade, devido ao fato de as pessoas interpretarem literalmente esta afirmativa e não como uma aproximação possível ao conceito, passível de ser observado em muitas iniciativas inovadoras. Não é mais uma proposta incomum ver um estudante, enquanto aguarda o horário de seu voo em um aeroporto, desenvolver tarefas e até efetivar provas, enquanto em *segundo plano* está na espera da chegada de seu voo. É neste sentido que a mobilidade é referenciada como uma possibilidade de uma aproximação à ubiquidade, com a permissão que as pessoas façam mais de uma coisa ao mesmo tempo, ainda que estando em local distante, que pode ser assemelhado a presença física que não ocorre na realidade.

Antes de definir a aprendizagem móvel é interessante saber quais seus componentes, aqueles que permitem sua efetivação. Primeiramente ela utiliza dispositivos eletrônicos, a partir de celulares transformados em máquinas aproximadas aos grandes computadores. Aqui são incluídos também outros dispositivos tais como *tablets*, leitores *touch screen*, *bluetooth* entre outros. A miniaturização traz a possibilidade de desenvolvimento a custos insignificantes que podem ser bancados por governos ou empresas, permitindo a efetivação do conceito *acesso a todas as informações por todas as pessoas*.

³⁶ Sistema de organização política e social fundado na supremacia dos técnicos.

Pode ser difícil imaginar que as pessoas terão a possibilidade de carregar toda uma diversidade de *recursos multimídia* compartilhando a captura e disseminação de novas informações (prossumidores³⁷), mas isto já se mostra uma realidade que pode ser expandida tanto quanto se deseje e permitirem os recursos financeiros colocados à disposição.

Todas as portas devem ser abertas para os processos de ensino e aprendizagem, fazendo com que eles não mais se limitem aos ambientes formais, com grande abrangência que inclui crianças, jovens, adultos, grupos sociais, grupos familiares, em propostas de abrangência completa de todos os níveis do sistema educacional em nosso país. Todos poderão ser considerados como de acordo com as políticas públicas, validando o reconhecimento social oferecido por certificações reconhecidas. Este é outro aspecto que logo deverá entrar na mira do mercado: se a pessoa estuda e tem as competências e habilidades necessárias, a certificação poderá ser ignorada. É uma forma de avaliação que ganha corpo e traz possibilidades de uma mudança de larga escala nas estruturas formais nas quais o ensino e aprendizagem é ofertado.

Para crianças e escolas projetos como o citado (UCA – Um computador por aluno) podem garantir o ingresso sem restrições das gerações mais jovens, aos processos educacionais criando um nível de integração nunca antes observado em nenhuma das sociedades que nos antecederam. Aos poucos a proposta *BYOD – Bring Your Own Device* (traga o seu próprio dispositivo) ganha corpo e a orientação ao *DiY – Do It Yourself* (faça por você mesmo, que pode ser convertido para aprenda fazendo) devem aportar com todo o acréscimo de possibilidades que trazem para os processos de ensino e aprendizagem em ambientes virtuais.

A informalidade (educação informal) deve trazer a efetivação, que já se encontra em andamento, da proposta da educação aberta. Ela pode ser observada em sites que distribuem os *MOOC – Massive Open Online Courses* (Cursos massivos abertos oferecidos de forma online) e movimentam números altos, ainda que também seja alta a percentagem de desistências, logo ao seu início, quando são solicitadas tarefas que exigem estudo e dedicação, o que

³⁷ Junção dos vocábulos produtor e consumidor, papel assumido por aqueles que acessam as redes sociais

muitos não esperavam, achando que eram iniciativas caça-níqueis que vendiam diplomas, o que não acontece com as principais ofertas, ainda que possam surgir falcaturas, com as quais se deve tomar cuidado. Consideramos ter chegado ao ponto de definir, sem que isto cause espanto, o que seja a aprendizagem móvel.

A aprendizagem móvel representa uma forma de ofertar atividades de ensino e aprendizagem, que utiliza uma vasta gama de dispositivos eletrônicos, em diferentes níveis de miniaturização e potencialidades que trazem consigo formas diferenciadas (e muito) do que acontece em ambientes tradicionais e em alguns ambientes com propostas inovadoras, mas colocadas com as mesmas características do comportamento dos atores como eles o fazem nos ambientes de origem (instituições, professores e alunos (o que equivale à colocação de vinho novo em odre velho, conforme antigo ditado popular).

Com ela fica possível enxergar, para além de propostas democráticas da educação para todos, uma forma de desenvolver os estudos de forma totalmente independente e sob controle do próprio aluno, que apenas necessita comprovar as competências e habilidades que o processo forma em seu perfil profissional, para obtenção da certificação social necessária. Além disso, os conteúdos são trazidos para os interessados, novos mecanismos, apoiados em tecnologias de ponta (descritas adiante) para a criação de atividades pedagógicas as mais diversas. Em um mundo que se aproxima perigosamente do número de 9 bilhões de seres humanos, o que segundo estudos, a se manter o mesmo nível de consumismo, exigiria a existência de três planetas (BANCO MUNDIAL, 2016) atinge o vultoso número de cinco milhões de assinaturas em linhas telefônicas celulares, segundo estudo mais recente desenvolvido por Waka (2019). Estas colocações têm por detrás de si o suporte de uma infraestrutura tecnológica que precisa ser citada.

Os avanços tecnológicos

O que foi dito no capítulo imediatamente anterior, pode ser considerado como uma definição para que o leitor possa formar a sua conceituação própria, dentro da abrangência que deseja aplicar, no que tange à aprendizagem móvel. É preciso voltar a dizer que tudo o que está sendo feito tem uma infraestrutura de suporte, transformada em uma arena de aprendizagem. As tecnologias

envolvidas recebem a designação de tecnologias exponenciais, definidas como aquelas capacitadas a provocar mudanças de comportamento e atitude significativas em situações em que elas atuam como suporte para bases inovadoras.

É a aplicação do conceito de *indústria 4.0* que se apoia em nove pilares de sustentação, todos eles capacitados a desempenhar o mesmo papel no que diz respeito à efetivação acelerada da aprendizagem móvel. Elas envolvem: a *análise de dados*, considerando a evolução no campo da informação e sua circulação em nível global; a *robótica* incorporada a processos inteligentes; a *simulação* que libera o uso de laboratórios sem riscos; a *integração de sistemas*, que permitem uma coesão educação – mundo, como nunca antes foi possível observar; a *Internet das Coisas* que promete iniciativas que ainda não foram testadas, pela profundidade das mudanças que ela irá tornar possível; a *cibersegurança* para proteção de ambientes conectados, de ações politicamente incorretas; a *computação em nuvem*, que garante a preservação e recuperação seletiva de dados em grandes servidores; a *manufatura aditiva ou impressão 3D* que já mostra sua utilidade diminuindo custos de modelagem; a *realidade aumentada* deve trazer imensas possibilidades de aprendizagem em ambientes construídos e transportados, fazendo com que a pessoa possa considerar-se como parte integrante do contexto criado (Fonte: Altus, 2019). Ainda que fora dos nove pilares temos ainda, a *inteligência artificial*, as *tecnologias vestíveis*, a *realidade virtual* e o que vier pela frente, devem ser incorporadas a este arsenal.

Uma visão do que ocorre em tempo de Pandemia

A chegada da pandemia, em meados de março de 2020 no Brasil, trouxe consigo alertas de um receio e um excesso de informações que chegaram próximo de causar comoção social. O que causou impressão foi o chamado ao isolamento social, como o único remédio capaz de fazer com que a travessia para seu final, considerando que sua ação fosse a mesma de outras epidemias e pandemias, não provocasse o colapso da assistência social, o que está ocorrendo em diversas localidades do mundo. Se ele protegia as pessoas, corroía a economia global e local, a ponto de as considerações de recuperação serem as mais pessimistas possíveis. Isto traz a certeza da veracidade das informações que a uma *nova sociedade* deve se instalar. O que foi possível

observar aparece como a ponta de um iceberg de dimensões gigantescas. Conforme colocamos anteriormente, uma visão global exigiria um ou mais livros, estudos e pesquisas. Focando no contexto educacional, o relato que será apresentado nos dá a certeza de que o que foi dito até este momento, terá aplicabilidade total.

O contexto está definido e o incentivo à criatividade foi posto em movimento e colocou em ação e destaque, iniciativas ofertadas como EaD. Toda uma série de iniciativas foram tomadas. É possível visualizar, na lista seguinte algumas destas iniciativas:

- Atividades presenciais eliminadas;
- Uso de *lives* efetivando a *VCL – Video Conference Learning* e sua distribuição como material gravado para consulta, desenvolvida em estúdios ou diretamente da casa dos professores em plena efetivação do isolamento social;
- Aulas ao vivo efetivadas diretamente no *youtube* e com utilização do *facebook*, inserindo as mídias sociais no processo;
- Efetivação de defesa de trabalhos (TCC – Trabalhos de Conclusão de Cursos) e de provas desenvolvidas de forma online, com o aluno diretamente em sua casa ou no polo de apoio presencial, com todos os cuidados recomendados pelos órgãos de saúde;
- Gravação de orientações e recomendações em *Vídeocast*;
- Uso de *Podcasts*;
- Uso de *Screencasts*;
- Uso do *Whatsapp* com a criação de grupos para troca de informações em arquivos de texto digitais, imagens, fotos e vídeos;
- Reuniões entre professores e alunos;
- Reuniões entre coordenadores de área e seus professores;
- Reuniões entre diretores e coordenadores de área;
- Procura e utilização de uma série de aplicativos colocados à disposição, muitos dos quais sem custo, tomando como

exemplo o programa Microsoft Teams, utilizado para as comunicações aqui relacionadas.

(Fonte: o autor)

O que está aqui sendo descrito aqui, representa a realidade da instituição de ensino superior na qual os autores trabalham e, assim, tem a possibilidade de observar de perto toda uma movimentação de fatos que, quando reunidos ganham força inaudita e dão a possibilidade inferir as conclusões que serão apresentadas a seguir.

Conclusões

Muitos dos professores mal sabiam como utilizar todas estas facilidades descritas. Foi possível observar que aqui a cooperação e colaboração se revelaram como uma grande e agradável surpresa. Ela foi completa e total por parte de todos, por mais assustados que estivessem com algo que nunca tinham enfrentado e que não se sabe (a triste realidade) o que vai deixar para trás, além de mudanças significativas no segmento educacional. Não foram poucos os professores que consideraram não mais conseguir voltar a dar aula em meio tradicional, sem os suportes tecnológicos aqui descritos, o mesmo acontecendo com muitos alunos e com gestores dos polos de apoio presenciais (PAP).

Dessa forma, a aprendizagem móvel ganha o destaque que a esperava para alguns anos adiante e pode ser propriamente considerada como uma herança deixada pelo tempo de crise, que se espera venha a acabar, como aconteceu com todas as desgraças enfrentadas pela humanidade ao longo de sua história. A necessidade é a mãe da inovação e, por paradoxal que possa parecer, os tempos de guerra, àqueles nos quais os investimentos criam novas tecnologias, aceleram as que já estão em desenvolvimento, ou financiam as inovações. O que estamos vivendo, é o que pode ser denominado como uma guerra branca. Ela destrói pessoas, mantendo em intactas e em pé todas as edificações. Espera-se que ela tenha surgido da natureza e não do homem, o que representaria um dos maiores horrores já imaginados por uma mente ou um conjunto de mentes doentias. O que estamos observando é, então surgir, de todos os pontos, iniciativas inovadoras. Em todas elas, é comum o sentimento que vivenciamos a transição para uma nova era.

Não são poucos, número no qual se inserem os autores desse ensaio, que consideram que o tempo pós-pandemia, será um novo tempo que irá afetar todas as áreas e o trabalho humano. O seu trabalho de meio século com as salas de aula, tendo vivenciado diferentes *revoluções* educacionais, autoriza-os a dizer com propriedade que na educação o mesmo irá ocorrer. Não voltaremos a vivenciar a escola, não mais acompanhando a evolução social e corporativa, sendo a recíproca uma verdade que surge como incontestável. Que a própria sociedade e suas corporações irão enxergar a aprendizagem como única, sem divisões, voltada para recuperação do *Welfare State* ao qual nos referimos no início deste trabalho. O medo de que a tecnologia seja soberana e traga consigo a tecnocracia, desfalece frente ao elevado nível de cooperação e colaboração vivenciado nestes tempos. Destarte, é possível considerar serem possíveis as considerações aqui colocadas sobre a emergência da aprendizagem móvel, como uma herança de tempos que a humanidade espera nunca mais ter que vivenciar ou sequer assistir ou ouvir, a partir de relatos de outras pessoas.

REFERÊNCIAS

ALTUS. Conheça os nove pilares da indústria 4.0 e sua relevância para a atividade industrial. Online. Disponível em <https://www.altus.com.br/post/212/conheca-os-nove-pilares-da-industria-4-0-e-sua-relevancia-para-a-atividade-industrial>. Acesso em abril de 2020.

BANCO MUNDIAL: Serão necessários 3 planetas para manter o atual estilo de vida da humanidade. Online. Disponível em <https://nacoesunidas.org/banco-mundial-serao-necessarios-3-planetas-para-manter-atual-estilo-de-vida-da-humanidade/>. Acesso em abril de 2020.

LITTO, F. M. **Aprendizagem a distância**. São Paulo: Editora IOESP – Imprensa Oficial do Estado de São Paulo. 2010.

SHULER, Carly; WINTERS, Niall, WEST, Mark (UNESCO). **O Futuro da aprendizagem móvel**: implicações para planejadores e gestores de políticas. Online. Disponível em <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000228074>. Acesso em abril de 2020.

WAKA, Wagner. Mais de 5 bilhões de pessoas já contam com celulares em todo o mundo. Online. Disponível em <https://canaltech.com.br/smartphone/mais-de-5-bilhoes-de-pessoas-ja-contam-com-celulares-em-todo-mundo-149165/>. Acesso em abril de 2020.

18. OBSERVATÓRIO SOLAR ÍNDIGENA E JARDIM ASTRONÔMICO NA EDUCAÇÃO

NADAL, Thaisa Maria³⁸

AFONSOL, Germano Bruno³⁹

Neste trabalho, mostramos como fazer, principalmente em tempos da pandemia do CONVID-19, uma maquete de dois equipamentos didáticos, que idealizamos e construímos em diversas localidades da Brasil, chamados Observatório Solar Indígena e Jardim Astronômico, que utilizam os conhecimentos tradicionais indígenas. Esses equipamentos didáticos têm como objetivo auxiliar, na prática, por meio da observação da natureza, no processo

CAPÍTULO 18

de ensino e de aprendizagem de astronomia e botânica. Eles também contribuem para a implementação da Lei 11.645/2008, que tornou obrigatório o ensino de história e cultura

indígenas em todas as disciplinas da educação básica.

Devemos ressaltar que o exemplo aqui apresentado, foi realizada em Curitiba, PR, cidade situada ao Sul do Trópico de Capricórnio, que tem como principal regulador da natureza a temperatura (frio ou calor). Outros lugares, como por exemplo, São Gabriel da Cachoeira, AM, localizado sobre a Linha do Equador, tem a precipitação pluviométrica (chuva e estiagem) como principal regulador da natureza. Fornecemos alguns dados necessários para que a maquete possa ser construída em outros lugares.

Para os indígenas, o Sol é o principal regulador da vida na Terra e tem grande significado religioso. Todo o cotidiano deles está voltado para a busca da força espiritual do Sol. Os Guarani que habitam o sul do Brasil, por exemplo, nomeiam o Sol de *Kuarahy*, na linguagem do cotidiano e de *Nhamandu*, na religiosa.

³⁸ Mestre em Gestão Ambiental. Professora do Centro Universitário Internacional UNINTER.

³⁹ Doutor em Astronomia. Professor do Centro Universitário Internacional UNINTER.

Os indígenas conectam o céu com a Terra, como as posições do Sol com períodos de chuva ou seca, calor ou frio. Deste modo, constroem seus calendários solares locais, que marcam os horários de trabalho agrícola, floração, frutificação, reproduções (tanto humanas quanto de peixes e animais), festivais, aparições de doenças e procedimentos de proteção realizados pelos xamãs. Para eles, a Terra nada mais é do que um reflexo do céu, e, nesta perspectiva, tudo o que acontece no céu, também acontece na Terra. Assim, a astronomia indígena tem por função auxiliar na sobrevivência da sociedade.

O Gnômon, é constituído de uma haste cravada verticalmente em um terreno horizontal, no qual se observa a sombra da haste projetada pelo Sol. Ele é considerado mais simples e antigo instrumento da Astronomia e foi utilizado no Egito, China, Grécia e em diversas outras partes do mundo. O Gnômon é chamado de Kuarahy Ra'anga, em guarani e Cuaracy Ra'angaba, em tupi antigo. Ele teve um papel muito importante e às vezes subestimado no desenvolvimento da Astronomia.



Fig. 1 - Observatório Solar Indígena de Curitiba, PR



Fig.2 - Observatório Solar Indígena de São Gabriel da Cachoeira, AM

O meio-dia solar é o instante em que o Sol passa do lado Leste para o lado Oeste, ou seja, quando ele se encontra sobre a linha Norte-Sul, no ponto mais alto no céu e sua sombra é mínima.

A palavra solstício significa “Sol parado”, isto é, quando o Sol para no ponto mais afastado da linha Leste-Oeste, para voltar no outro extremo, no seu movimento aparente no horizonte. A palavra equinócio significa dia e noite com a mesma duração. O solstício de inverno ocorre no primeiro dia do inverno,

quando o Sol nasce e se põe mais para o Norte e o de verão, ocorre no primeiro dia do verão, quando o Sol nasce e se põe mais para o Sul, em relação à linha Leste-Oeste. Os equinócios ocorrem no primeiro dia da primavera (equinócio da primavera) e no primeiro dia do outono (equinócio do outono), quando o Sol nasce no ponto cardeal Leste e se põe no ponto cardeal Oeste.

Ao Sul do Trópico de Capricórnio, como em Curitiba, PR, ao meio-dia solar, o Sol sempre se encontra sobre o ponto cardeal Norte. Então os pontos cardiais podem ser determinados, com precisão, das seguintes maneiras:

Em primeiro lugar, determinamos, por meio do Gnômon, ao meio-dia solar, o ponto cardeal Norte, que fica oposto à sombra mínima do Gnômom, localizada da direção do ponto cardeal Sul. Assim, tendo à nossa frente o ponto cardeal Norte; às nossas costas teremos o Sul; à direita o Leste e à nossa esquerda o ponto cardeal Oeste.

Entre os Trópicos, esse procedimento é menos fácil, pois o Sol pode se encontrar, ao meio-dia solar, sobre o ponto cardeal Norte ou Sul, dependendo do lugar e da época do ano. Nesses lugares, ficando de frente para a linha Norte-Sul, ao meio-dia solar, apontamos o nosso braço direito, estendido, para o lado em que o Sol nasce e, conseqüentemente, ficamos de frente para o ponto cardeal Norte. Em São Gabriel da Cachoeira, AM, por exemplo, ao meio-dia solar, na primavera e no verão, o Sol se encontra no Sul e no outono e inverno, no Norte. Nos dois dias de equinócios, ele se encontra no ponto mais alto do céu (Zênite).

Ao redor do Gnômon indígena, há rochas menores (seixos) que formam uma circunferência. Para os Guarani, os seixos representam ovos de Ema, que Nhande Ru Ete (Nosso Pai Sagrado, em guarani) deixou para os quatro deuses auxiliares criarem a vida na Terra. A circunferência de seixos representa a Terra, como vista na antiguidade, circular e plana. Partindo do Gnômon, também há seixos orientados para os quatro pontos cardiais e para as direções do nascer e pôr do sol nos solstícios e equinócios.

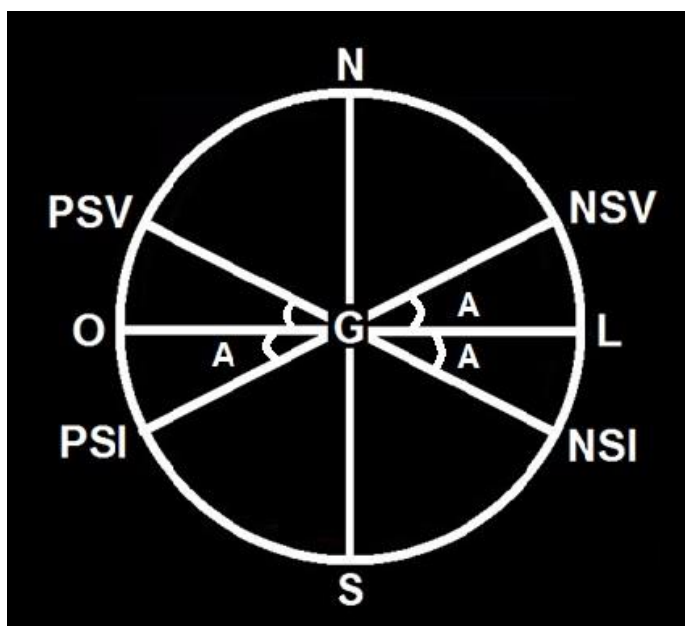


Fig. 3 - Esquema Observatório Solar Indígena

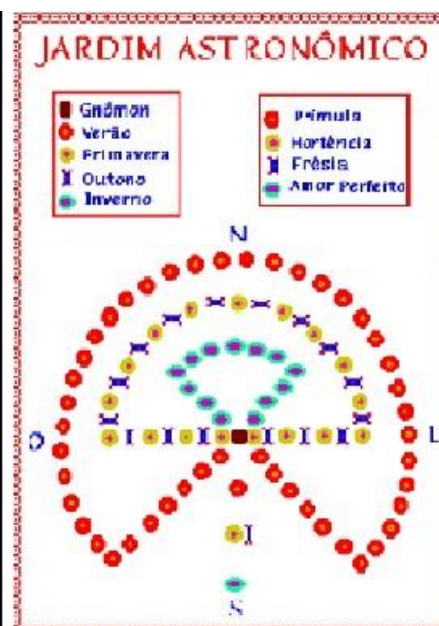


Fig. 4 - Esquema Jardim Astronômico

Em volta da circunferência, com centro no Gnômon, há oito indicadores escritos, com os seguintes significados:

N = ponto cardeal Norte;

S = ponto cardeal Sul;

L = ponto cardeal Leste e direção do nascer do sol nos equinócios da primavera e do outono;

O = ponto cardeal Oeste e direção e do pôr do sol nos equinócios da primavera e do outono;

NSI = direção do nascer do sol no solstício do inverno;

PSI = direção do pôr do sol no solstício de inverno;

NSV = direção do nascer do sol no solstício do verão;

PSV = direção do pôr do sol no solstício de verão.

A = ângulo entre a linha Leste-Oeste (LGO) e as direções do nascer e do nascer e do pôr do sol nos solstícios.

Os quatro ângulos (A) são iguais e seu valor depende da latitude do lugar. A seguir, fornecemos o valor desse ângulo, para algumas cidades brasileiras, com latitudes diferentes. A partir desses valores, podemos calcular, aproximadamente, o valor para cada cidade, sendo que o valor correto vem das observações no local.

Curitiba, PR, (Latitude = $25,43^0$): A = $26,2^0$

São Paulo, SP, (Latitude = $23,45^0$): A = $25,7^0$

Salvador, BA, (Latitude = $12,57^0$): A = $24,1^0$

Macapá, AM, (Latitude = $0,0^0$): A = $23,5^0$

Para um observador no Hemisfério Sul, o nascer e o pôr do sol, em relação à linha Leste-Oeste, ocorrem um pouco mais para o Norte no inverno e um pouco mais para o Sul no verão.

Ao lado dos seixos, que formam a circunferência e os alinhamentos do Observatório Solar Indígena, plantamos flores da região, que florescem nas diferentes estações do ano e construímos, o que chamamos de Jardim Astronômico. O objetivo do Jardim Astronômico é ensinar botânica, além de astronomia, aos alunos da Educação Básica, principalmente do Ensino Fundamental

As experiências de astronomia realizadas no Jardim Astronômico são as mesmas que podem ser feitas no Observatório Solar Indígena. Além delas, diversas atividades de botânica são desenvolvidas, tais como, reconhecer algumas espécies do reino vegetal e observar os vegetais que florescem em cada uma das estações do ano, de acordo com a duração da insolação (fotoperiodismo).

A energia luminosa (ou luz) influencia diretamente muitas fases do metabolismo dos vegetais. Direta ou indiretamente, branda ou intensamente, todo vegetal necessita de luz, pois é através da energia luminosa que o vegetal consegue realizar o processo de fotossíntese, onde produz seus compostos orgânicos. Essa energia luminosa é proveniente do Sol.

Para Curitiba, PR, as flores utilizadas nas linhas do Jardim Astronômico, passando pelo Gnômon (G), em função da época de floração, por exemplo, são as seguintes:

- Nascer e pôr do Sol no outono ou na primavera (pontos L, G e O): Copo-de-leite (*Zantedeschia aethiopica*) e Hortênciã (*Hydrangea macrophylla*). Os Guarani consideram a Copo-de-leite uma flor do tempo bom ou tempo novo (Ara Pyau) pois a época da sua floração é a primavera, verão e outono, enquanto que a Hortênciã é do tempo ruim ou tempo velho (Ara Ymã), pois floresce no outono, inverno e primavera.

- Nascer e pôr do Sol no inverno (pontos NSI, G e PSI): Azaléia (*Rhododendron simsii*).
- Nascer e pôr do Sol no verão (pontos NSV, G e PSV): Margarida (*Chrysanthemum leucanthemum*)
- Linha Norte-Sul e a circunferência: Flores do ano todo, tais como Álisso ou Açafate (*Alyssum benthami*), Maria-sem-vergonha ou Beijo (*Impatiens balsamina*), Onze horas (*Portulaca grandiflora*).

Para outros lugares, as flores podem ser diferentes. Durante as apresentações, solicitamos que os participantes visitem o Jardim Botânico, em diversas épocas do ano. Assim, eles poderão verificar, também, que certas flores não seguem exatamente a época prevista para sua floração. Isso é um dos impactos das mudanças climáticas, que são bem observados pelos indígenas.



Fig. 05 - Elaboração da maquete do Jardim Astronômico

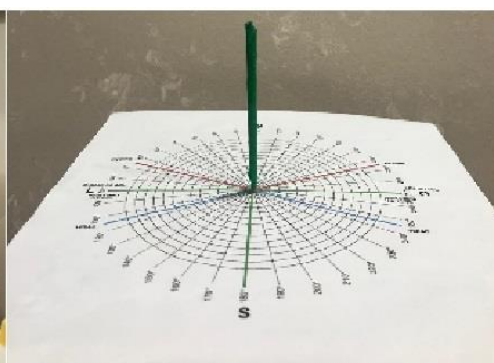


Fig. 06 - Maquete do Jardim Astronômico

Podemos construir uma maquete do observatório indígena, da seguinte maneira:

Material:

- Um círculo graduado com marcação de 10 em 10 graus (encontrado na internet) para impressão.
- Uma placa de papelão do tamanho de uma folha A4.
- Estilete
- Cola
- Um palito de churrasco que deverá ser cortado do tamanho do raio do círculo graduado.

Montagem:

- Verificar os ângulos, em relação à linha Norte-Sul, do nascer e pôr do sol na sua região do Brasil;
- Marcar no círculo graduado esses quatro ângulos iguais;

- Imprimir o círculo graduado, com os ângulos marcados;
- Colar sobre a placa de papelão;
- Fixar o palito no centro do círculo;
- Fazer as marcações da Figura 3;
- Começar as observações, direcionando o Sul ou o Norte da maquete, para a direção da sombra mínima diária.

O desenvolvimento de equipamentos didáticos, como o Observatório Solar Indígena e o Jardim Astronômico, pode contribuir para apoiar o ensino da astronomia indígena e de botânica, na Educação Escolar Indígena e Não Indígena.

Depois que acabar a pandemia, com base na maquete, poderá ser construído um Jardim astronômico, com flores.

REFERÊNCIAS

- AFONSO, G. B., CREMONEZE, C.; BUENO, L. *Ensino de história e cultura indígenas*. Curitiba: Intersaberes, 2016.
- AFONSO, G. B. *Experiências Simples com o Gnômon*, Revista Brasileira de Ensino de Física. 18, 149-154, 1996.
- AFONSO, G. B., Nadal, Th. M. *Un Jardin Astronomique*. Cahier Clairaut. 63, 11-15, 1993.

19. EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA E EDUCAÇÃO REMOTA EMERGENCIAL: CONVERGÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS

SANTO, Eniel do Espírito⁴⁰

DIAS-TRINDADE, Sara⁴¹

A pandemia da Covid-19 se alastrou rapidamente por todo o mundo e, em função do isolamento social imposto do dia para a noite, as práticas educativas presenciais foram deslocadas abruptamente para os mais diversos cenários e ambientes virtuais de aprendizagem, demandando competências digitais dos professores para atuar no ciberespaço educativo.

Neste novo cenário, um colega professor que trabalha em uma

CAPÍTULO 19

conceituada instituição de ensino superior brasileira desabafou suas angústias ao relatar que todos os docentes foram convocados a continuar ministrando suas aulas, valendo-se

de um sistema de conferência web contratado pela universidade. Ocorre que os professores precisam estar online com os estudantes, durante todo o período em que estariam em suas salas presenciais, gerando grande desgaste para professores e alunos diante do elevado tempo de exposição à tela. Para assegurar que o corpo docente cumpra sua carga horária online, a instituição estabeleceu um sistema de acompanhamento eletrônico de presença, obrigando-os a permanecerem conectados sob pena de redução de sua remuneração.

Nesta situação de pandemia, o fazer pedagógico que transpõem práticas pedagógicas presenciais para os espaços virtuais tem sido descrito por muitos como educação remota emergencial, com algumas variações do termo, tais

⁴⁰ Doutor em Educação. Professor adjunto do Centro de Cultura, Linguagem e Tecnologias Aplicadas (CECULT) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). E-mail: eniel@ufrb.edu.br

⁴¹ Doutora em Letras. Professora da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (UC). E-mail: sara.trindade@uc.pt

como ensino remoto emergencial, educação remota online, aula remota online entre outros. A própria busca de uma terminologia específica para esta prática pedagógica online evidencia a compreensão de que não se trata de educação a distância, na essência, embora utilize das suas ferramentas de mediação pedagógica. Assim, este capítulo visa revisar os principais conceitos da educação a distância (EaD), correlacionando-os com a chamada educação ou ensino remoto emergencial (ERE), mesmo considerando-se as limitações da construção de uma narrativa concomitante à sua efervescente implementação.

Educação a distância

A educação a distância pressupõe a utilização de ampla gama de modelos pedagógicos institucionais que contribuem para a criação de uma comunidade virtual de aprendizagem, ou seja, “um grupo de pessoas unidas no ciberespaço com o fim de realizar uma tarefa e obter um produto, tratando-se, claramente, de um tipo específico de aprendizagem colaborativa” (MOREIRA; DIAS-TRINDADE, 2019, p. 150).

A implementação de uma comunidade virtual deste tipo resulta na construção do conhecimento de forma colaborativa e, sobretudo, fundamentada em um constante diálogo reflexivo entre os seus participantes. Não é por acaso que o Modelo Pedagógico Virtual da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) está assentado em pilares que pressupõe uma aprendizagem “de natureza humanista, centrada no desenvolvimento de competências e promotora de multiletramentos, construtivista, colaborativa e investigativa alicerçada em comunidades virtuais e nos princípios da flexibilidade, interação e inclusão digital”, asseveram Cardoso, Santos, Santo e Moreira (2018, p. 13).

Tais ideias apoiam-se na necessidade da EaD estabelecer uma relação próxima entre o docente e os seus estudantes, num modelo socioconstrutivista de aprendizagem e na construção do conhecimento individual. Este conceito aproxima-se da proposta de Garrison, Anderson e Archer (2010) denominado *Comunidade de Investigação*⁴², capaz de favorecer uma diversidade de perspectivas e promover a investigação, a crítica e a criatividade, deixando ao estudante a tarefa de ser responsável pelo controle da sua aprendizagem,

⁴² Em inglês *Community of Inquiry*.

através da negociação de significados com o grupo, no dizer de Moreira e Dias-Trindade (2019).

Desta forma, temos por um lado o estudante, indivíduo ativo comprometido com o seu processo de aprendizagem e assumindo o papel central da experiência educacional e, por outro lado, o professor enquanto moderador do processo de ensino e aprendizagem, guiando, motivando, acompanhando, dialogando como um líder e e-moderador, como já destacava Salmon (2000), visando a minimização do distanciamento transacional (comunicacional e psíquico) que podem se instaurar nos cenários e ambientes virtuais, como aponta Moore (2002).

Estas abordagens nos ajudam a refletir que a preparação de um modelo virtual de ensino e aprendizagem deve ancorar-se num design instrucional/educacional centrado no desenvolvimento de competências e em princípios como o construtivismo, a autonomia e a interação.

Ademais, é preciso levar em consideração a necessidade de se instaurar a proximidade dialógica entre docente e estudantes, possibilitadas pelas ferramentas das tecnologias digitais, desenvolvendo assim um ecossistema educativo adaptável às necessidades, capacidades e competências de todos os envolvidos, com etapas bem definidas para o planejamento e execução, tais como evidenciadas na Figura 1, logo abaixo.

Percebemos então que o fazer pedagógico da educação a distância está alicerçado na comunicação bidirecional e construção conjunta do conhecimento. Consequentemente, o planejamento do ecossistema educativo se constitui em um dos elementos-chave para que as atividades de aprendizagem sejam bem estruturadas nos ambientes virtuais de aprendizagem (AVA).

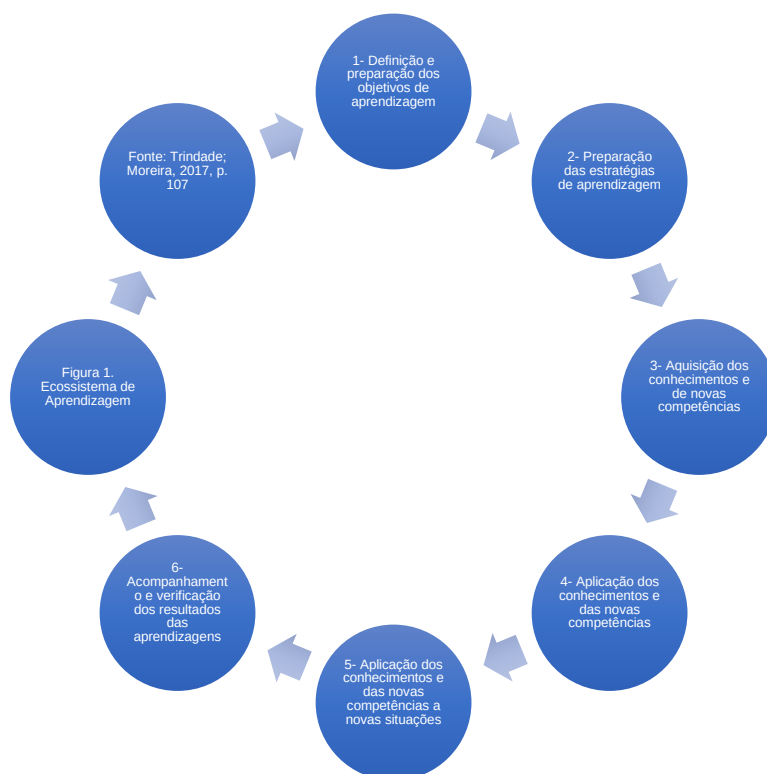
Além das diversas atividades assíncronas desenvolvidas nos AVA, muitos modelos pedagógicos da educação a distância preconizam a realização de atividades síncronas, visando a exposição de tópicos de conteúdos que depois deverão ser alvo de tarefas ou trabalho individual, além de fornecer devolutivas, planejar ou mesmo esclarecer junto aos estudantes o trabalho a ser desenvolvido, explicar objetivos e elucidar dúvidas que possam subsistir etc.

Quanto à avaliação das aprendizagens, os ambientes e cenários virtuais de aprendizagem permitem diferentes estratégias com a utilização das ferramentas digitais, tais como, questionários com questões abertas ou

fechadas, debates, construções de textos colaborativos *online*, a autoavaliação, avaliação por pares, dentre outras.

Todavia, independente do instrumento utilizado a avaliação necessita ser vista como um processo articulado com o modelo pedagógico, proporcionando possibilidades de promover, sobretudo, a reflexão, o diálogo e a colaboração entre os envolvidos, com o inequívoco protagonismo docente, refletem Bianchi e Araújo (2018).

Figura 1. Ecosistema de Aprendizagem



Fonte: Trindade; Moreira (2017, p. 107)

Percebemos que o campo da educação a distância possui um *corpus* teórico e prático consolidado ao longo das últimas décadas. Pressupõe planejamento criterioso tendo-se em conta os objetivos de aprendizagem, competências a ser desenvolvidas, além de um design instrucional/educacional com a estruturação de sequências didáticas contemplando as variadas possibilidades oportunizadas pelas tecnologias digitais, com vistas à promoção das aprendizagens e emancipação do estudante.

Educação remota emergencial

A educação ou ensino remoto emergencial (ERE) surge a partir do aparecimento de pandemias e outras situações catastróficas, impedindo estudantes e professores de realizar suas atividades presenciais nos espaços escolares. Trata-se de uma alternativa para a continuidade das atividades educativas, visando minimizar os prejuízos decorridos da suspensão das aulas presenciais.

Neste cenário de incertezas resultantes da pandemia Covid-19, são oportunas as declarações de Tomazinho (2020) ao afirmar que a ERE trata-se de ensino remoto, visto que professores e estudantes estão impedidos de frequentar a escola, em virtude do isolamento social para conter a disseminação do vírus. Ademais, também é emergencial pois todo o planejamento pedagógico realizado para o ensino presencial foi engavetado, dando lugar a um planejamento improvisado e realizado em tempo real, obrigando gestores e professores a tomarem decisões intempestivas. O autor reflete que "[...] nunca pensamos na possibilidade dos nossos alunos e professores não poderem vir até às nossas salas de aulas. Mas chamar isso de educação a distância é um afronto à ciência da educação e às teorias educacionais" (2020, s.p.).

Deveras, a mera transposição para o disruptivo espaço virtual de práticas pedagógicas exitosas no ensino presencial não se configura como educação a distância, pois esta demanda especificidades que não podem ser desconsideradas, que vão desde o planejamento do design instrucional/educacional e modelagem pedagógica até a sua implementação, especialmente quando se deseja uma educação com qualidade.

Desta forma, ao arremessar os professores do ensino presencial para os ambientes virtuais de aprendizagem sem formação prévia, ou mesmo com uma formação aligeirada, poderá resultar num desserviço ao processo educativo e na formação dos estudantes, visto que tal formação não se trata tão somente da instrumentalização para a utilização das ferramentas digitais disponibilizadas no ciberespaço. Cardoso e Santo (2020), afirmam que a mediação pedagógica *online* pressupõe o desenvolvimento de competências digitais dos professores que extrapolam a técnica e se relacionam, sobretudo, com a reflexão crítica da utilização da tecnologias digitais como elemento estruturante de formas de ser, pensar e agir, no dizer de Lucena (2016).

Desta forma, a educação remota emergencial apresenta limitações, especialmente ao deixar de contemplar o planejamento preconizado pelo design instrucional/educacional, consolidado nos modelos pedagógicos da educação a distância. Entretanto, sua maior valia consiste em apresentar a possibilidade de continuidade dos estudos em tempos de isolamento social, pois neste contexto professores e estudantes estão aprendendo a utilizar novas ferramentas como suporte ao processo de ensino e aprendizagem.

Entretanto, mesmo compreendendo as distinções entre a educação remota presencial e educação a distância, as instituições que transpuseram suas práticas educativas para os ambientes virtuais precisam ficar atentas para alguns cuidados mínimos no tocante à utilização das tecnologias digitais.

Inicialmente, percebe-se uma tendência em utilizar amplamente os sistemas de conferência web para as aulas interativas. Tais sistemas são oportunos, pois possibilitam a interação síncrona entre alunos e professores, por meio da exposição de conteúdos, sanando dúvidas, realizando atividades *online* entre outras possibilidades. Entretanto, é preciso atentar para o tempo de exposição à tela recomendado para a idade dos estudantes, por exemplo, a Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP, 2019) recomenda que:

- crianças até 2 anos, nenhuma exposição à tela;
- crianças entre 2 a 5 anos, limitar no máximo a 1 hora/dia, sob supervisão de pais ou responsáveis;
- crianças entre 6 a 10 anos, limitar no máximo entre 1 a 2 horas/dia, sob supervisão de pais ou responsáveis;
- adolescentes entre 11 e 18 anos, limitar o tempo de tela entre 2 a 3 horas/dia.

Para estudantes adultos, Tony Bates, estudioso da educação a distância, recomenda que as aulas síncronas não ultrapassem a 30-45 minutos, inserindo-se intervalos para trabalho individual ou discussão em grupo, por exemplo, 15 minutos síncronos, 15 minutos de trabalho individual, mais 15 minutos em grupo, entre outras possibilidades (BATES, 2020).

Deveras, Bates (2017, p. 266) nos ajuda a refletir que embora as aulas ao vivo por meio dos sistemas de conferência web apresentem as vantagens da interatividade, os benefícios de aprendizagem seriam maiores se os estudantes tivessem flexibilidade de acesso, ou seja, gravações de videoaulas assíncronas, com indicações de leituras adicionais e "atividades embutidas, tais como testes e feedback, e pontos para os estudantes pararem a aula e fazerem alguma pesquisa ou leitura extra, e então voltar ao ensino".

Tal como é habitual, para quem regularmente trabalha com a EaD, é importante que exista uma definição muito bem estruturada e orientada do trabalho individual, autônomo, a ser realizado por cada aluno, que compreenda não só o acesso às plataformas digitais, mas também o trabalho com os materiais físicos de que dispõem nas suas casas (o manual e todo o equipamento que teriam na escola e que terão de adaptá-lo, neste momento, em casa). Na preparação destas tarefas, que serão também de aprendizagem, naturalmente, é importante ter em conta a sua adequação temporal, ou seja, que o tempo para dedicar à sua execução seja pensado de forma realista. Ocupar os alunos com uma multiplicidade de tarefas e trabalhos não é, na Escola, uma boa ação pedagógica, muito menos o será quando estes se encontram face à necessidade de aprender a partir da educação remota em casa.

Outro aspecto que não pode ser ignorado ao se implementar a educação remota presencial é o acesso às tecnologias pelos estudantes. Embora a pesquisa TIC Domicílios 2019 revelou que 70% da população brasileira está conectada, ainda assim restam 30% sem acesso, especialmente nos extratos mais pobres da população dos grandes centros urbanos e na zona rural, aponta Lavado (2019). Assim, desconsiderar tais excluídos digitais impacta na democratização da educação, ampliando-se ainda mais as desigualdades sociais e promovendo a elitização do conhecimento, fato que as instituições de ensino de todos os níveis não podem simplesmente fechar os olhos. Falta-nos a implementação de políticas públicas efetivas para a inclusão digital de milhares de brasileiros excluídos do ciberespaço.

Ressaltamos a iniciativa da política pública para o acesso de estudantes da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo que anunciou o patrocínio de planos móveis de internet, destinado para que alunos e professores tenham acesso aos conteúdos das aulas remotas, via telefone celular, sem custo (SP,

2020). Como esta política pública está em fase de implementação, urge que se acompanhe sua efetividade, avaliando-se como os estudantes e professores paulistas que não possuem aparelhos celulares foram contemplados no acesso às aulas remotas.

Para além disso, é importante ainda destacar que muitos pais se encontram em casa, em teletrabalho ou *home office*, tendo que partilhar com seus filhos, não só o acesso à rede *wifi* mas, mais importante ainda, os próprios equipamentos tecnológicos e digitais que permitem o acesso à internet. Ademais, em cada residência podem existir vários filhos em idade escolar e, todos eles, com necessidade de uso dos equipamentos e do acesso à rede para a realização das suas atividades escolares. Nesse sentido, as escolas precisam considerar tais questões verdadeiramente díspares e que em muito influenciam a forma como cada estudante pode, efetivamente, contatar com a Escola e continuar a sua atividade de aprendizagem.

No contexto das aulas remotas emergenciais a avaliação da aprendizagem terá, necessariamente de continuar a ser realizada. Porém, e tendo em conta por exemplo diferentes documentos internacionais, bem como a Base Nacional Comum Curricular (WEF, 2015; BRASIL, 2017; UNESCO, 2018), que veiculam a necessidade do desenvolvimento de competências transversais para além das científicas. Este será o momento de colocar em prática, de fato, um processo avaliativo que contemple todas as áreas de competências, de uma forma transversal, e que não se resume a testes escritos. Sendo avaliados a partir de casa, será essencial criar formas diversificadas para o fazer, através de pequenas atividades, quer em formato digital quer físico. A este propósito, chama-se a atenção para a Taxonomia Digital de Bloom, adaptada por Churches (2008), ou seja, criar, avaliar, analisar, aplicar, compreender, recordar.

Finalmente, sem ter a pretensão de esgotar a discussão da temática, a educação remota emergencial, especialmente para o ensino fundamental nos anos iniciais, depara-se com a necessidade de tutoria dos pais. As aulas *online* com as atividades ministradas pelos professores frequentemente são limitadas a pequenas sessões até o limite máximo do tempo preconizado para exposição à tela, de acordo com a idade da criança, cabendo aos pais ou responsável o papel de mediação pedagógica que ultrapassa aquilo que estavam acostumados ao ajudar nas lições de casa. Neste sentido, os pais ou responsáveis também

precisam de orientações claras dos professores, detalhando-se questões tais como os objetivos das atividades, as competências que se deseja desenvolver ou aprimorar, além da sequência didática da atividade, pois em sua maioria os pais/responsáveis não possuem formação pedagógica e a educação remota emergencial impõe que atuem como tutores, sem competências para isso.

Não restam dúvidas que nesta relação de acompanhamento da escola/acompanhamento a partir de casa, o planejamento a ser realizado por cada docente será fundamental para uma boa concretização do plano de estudos. Todas as atividades pedagógicas devem ser planejadas e comunicadas à família com o tempo necessário para que estas se possam organizar.

Ao comentar os desafios da educação remota emergencial, Figueiredo (2020) sintetizou afirmando que "atravessamos um raro momento de valorização. Uma oportunidade única para os professores examinarem as suas próprias práticas à luz dos desafios que a distância lhes coloca e tornarem-se ainda melhores professores."

Notas finais

A educação a distância e o ensino ou educação remota emergencial apresentam pontos convergentes e divergentes que impactam no fazer pedagógico. Enquanto a educação a distância se apresenta como uma área consolidada de estudos e prática, a educação remota emergencial apresenta-se como alternativa para continuidade dos estudos, em situações emergenciais, utilizando os recursos e ferramentas digitais, numa tentativa de transpor para o espaço virtual as estratégias exitosas utilizadas há muito no ensino presencial.

Novos paradigmas exigem pensar reflexivo e a educação ou ensino remoto presencial não pode se furtar à constante análise dos resultados obtidos, reavaliando e buscando melhorias contínuas no processo educativo. As aulas ao vivo ou conferência web precisam ser repensadas à luz das recomendações que a educação a distância propõe como resultado de sua vasta experiência acumulada, pois não há mais tempo para improvisos ou experimentações. Ademais, o acesso à tecnologia não pode ser despercebido, sob pena de se ampliar ainda mais o fosso da cruel exclusão social, diante do elevado quantitativo de estudantes que estão em situação de vulnerabilidade social que sequer têm acesso à internet.

Esperamos que este período de pandemia e isolamento social seja capaz de trazer à tona professores reflexivos, conscientes da necessidade de desenvolver e aperfeiçoar continuamente suas competências digitais, a ponto de utilizar as tecnologias digitais num contexto híbrido, no cotidiano de sua sala de aula, com naturalidade tal que os estudantes sequer percebam que estão aprendendo.

REFERÊNCIAS

BATES, T. **Educar na era digital: design, ensino e aprendizagem**. *E-book*. São Paulo: Artesanato Educacional, 2017. Disponível em http://www.abed.org.br/arquivos/Educar_na_Era_Digital.pdf Acesso em 20 abril 2020.

BATES, T. **Advice to those about to teach online because of the corona-virus**. Online Learning and Distance Education Resources, march 9th, 2020. Disponível em <https://www.tonybates.ca/2020/03/09/advice-to-those-about-to-teach-online-because-of-the-corona-virus/> Acesso em 28 abril 2020.

BIANCHI, P. C. F.; ARAÚJO, C. L. S. Avaliação da aprendizagem na educação a distância. In: MILL, D. (Org.). **Dicionário Crítico de Educação e Tecnologias e de Educação a Distância**. Campinas/SP: Papirus, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular: educação é a base**. 2017. Disponível em <http://basenacionalcomum.mec.gov.br> Acesso em 25 abril 2020.

CARDOSO, A. L.; SANTOS, A. G.; SANTO, E. E.; MOREIRA, J. A. **Modelo Pedagógico Virtual UFRB: por uma educação aberta e digital**. *E-book*. Cruz das Almas: UFRB, 2018. Disponível em https://www2.ufrb.edu.br/ead/images/Modelo_Pedagogico.pdf Acesso em 25 abril 2020.

CARDOSO, A. L.; SANTO, E. E. Literacia digital: um mosaico de experiências no contexto da formação docente. In: DIAS-TRINDADE, S.; MOREIRA, J. A.; FERREIRA, A. G. **Pedagogias digitais no ensino superior**. *E-book* Coimbra: CINEP/IPC, 2020. Disponível em <https://bit.ly/35e7ab7> Acesso em 25 abril 2020.

CHURCHES, A. **Bloom's Digital Taxonomy**. jan., 2008. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/228381038_Bloom's_Digital_Taxonomy Acesso em 27 abril 2020.

FIGUEIREDO, A. D. **O caminho nunca dantes percorrido**. 27 de março 2020. Acesso em: <https://eagoraead.wixsite.com/ensinaradistancia/post/o-caminho-nunca-dantes-percorrido> Acesso em 25 abril 2020

GARRISON, D. R. ; ANDERSON, T.; ARCHER, W. The first decade of the community of inquiry framework: a retrospective. **Internet and Higher**

Education, n. 13, p. 5-9, 2010. Disponível em <https://bit.ly/3bKto7f> Acesso em 20 abril 2020.

LAVADO, T. **Uso da internet no Brasil cresce, e 70% da população está conectada.** G1 Economia, Tecnologia, 28/08/2019. Disponível em <https://glo.bo/3bMOSQQ> Acesso em 27 abril 2020.

LUCENA, S. Culturas digitais e tecnologias móveis na educação. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 59, jan./mar., p. 277-290, 2016. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/er/n59/1984-0411-er-59-00277.pdf> Acesso em 14.abr.2019.

MOORE, M. G. Teoria da Distância Transacional. **Revista Brasileira de Aprendizagem Aberta e a Distância**, São Paulo, agosto, p. 1-14, 2002. Disponível em <https://bit.ly/2xvvtVe> Acesso em 15 mar. 2020.

SBP. **Manual de Orientação.** Grupo de Trabalho Saúde na Era Digital (2019/2021). Sociedade Brasileira de Pediatria, dez. 2019. Disponível https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/_22246c-ManOrient_-_MenosTelas__MaisSaude.pdf em Acesso em 28 mar. 2020.

MOREIRA, J. A.; DIAS-TRINDADE, S. Comunidades virtuais de aprendizagem. *In*: JARDIM, J.; FRANCO, E. (Org.) **Empreendipédia: Dicionário de Educação para o Empreendedorismo.** Lisboa: Gradiva, 2019.

SALMON, G. **E-Moderating.** The Key to Teaching and Learning Online. Londres: Kogan Page, 2000.

TOMAZINHO, P. **Ensino Remoto Emergencial:** a oportunidade da escola criar, experimentar, inovar e se reinventar. SINEPE/RS, Sindicato do Ensino Privado do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 17 abril 2020. Disponível em <https://bit.ly/2YkZrpx> Acesso em 28 abril 2020.

TRINDADE, S.D.; MOREIRA, J. A. Competências de Aprendizagem e Tecnologias Digitais. *In*: MOREIRA, J. A. C; VIEIRA, P. (Coord.). **eLearning no Ensino Superior.** E-book. Coimbra: CINEP/IPC, 2017. Disponível em <https://bit.ly/2VIXd2b> Acesso em 27 abril 2020.

UNESCO. **Skills for a connected world.** Paris: UNESCO, 2018.

WEF. WORLD ECONOMIC FORUM. **New Vision for Education:** Unlocking the Potential of Technology. Cologny/Geneva: World Economic Forum, 2015.

20. EDUCAR PARA O INCERTO: ENSINAMENTOS DOS TEMPOS DE PANDEMIA PELA ÓTICA DA COMPLEXIDADE

MARTINELLI, Líliam Maria Born⁴³

INTRODUÇÃO

O presente texto surgiu em meio à busca de ideias que ajudem a pensar o processo educativo que está sendo desafiado pela pandemia da COVID-19. A imersão no turbilhão de demandas delegadas aos professores e gestores de qualquer nível da educação brasileira em função do isolamento social traz inquietações diversas, pois a maior certeza reside no fato de que vida e a educação não serão as mesmas no contexto pós-pandemia. Sendo assim, se

CAPÍTULO 20

fez necessário recorrer aos conhecimentos construídos nos muitos anos de trabalho docente e na pesquisa. E entre os muitos livros lidos, textos escritos saltaram aos olhos ideias pedindo articulações como se dissessem: estamos aqui, precisamos de tessitura!

A opção pelo pensamento complexo de Edgar Morin se dá em função da aproximação dos estudos deste pensador de grande influência desde os meados do século XX e que até o presente momento se apresenta lucidamente contribuindo com a compreensão do mundo em transformação constante.

E assim, nasceu o texto que ainda não segue a metodologia científica com rigor, mas representa o início de processos reflexivos profundos de alguém que não abre mão da busca de meios para construir uma educação de qualidade para o século XXI.

AS INCERTEZAS DA PANDEMIA E A EDUCAÇÃO: CAMINHOS PARA REFLEXÕES E ESCOLHAS

⁴³ Profa. Dra. Liliam Maria B. Martinelli, professora da FAEL e da Faculdade Santa Cruz.

Eis que de repente todos os planos mudam em questão de meses e semanas, dias, horas... O mundo silencia, busca respostas, mas é preciso antes acudir os acometidos pela COVID-19 e ajudar que os outros não se contaminem, por isso, isolar-se socialmente se torna respeito próprio e aos demais seres humanos. E, de modo surpreendente, emergem as brechas geradas pela falta de percepção do outro e de cada um de nós.

É fato que se quebram as ilusões de que o futuro resultava de um passado incerto, que foi devidamente planejado num presente que presumidamente era conhecido. Ou seja, como diz Morin (2010, p. 11): “a causalidade simplista acredita que passado e presente são conhecidos, que os fatores de evolução são sentidos, que a causalidade é linear, e, por conseguinte, que o futuro pode ser predito”. Nesse sentido, os tempos de pandemia mostram que a lógica linear da causa e efeito desenhou uma relação entre passado, presente e futuro capaz de fazer acreditar seguramente na previsibilidade do futuro, de modo que nem foram percebidos os sinais da necessária transformação.

Assim, o presente constrói o passado, pois a ele atribui aquilo que considera plausível e importante para que seja justificado. E pela simplificação dá-se sentido ao passado gerando “uma racionalização incessante e inconsciente, que encobre os acasos sob as necessidades, transforma o imprevisto em provável, e enterra o possível não realizado sob a inevitabilidade do ocorrido” (MORIN, 2010, p. 12).

Porém, quando a previsão de um futuro vicejante se desfaz em bilhões de pedaços totalmente fora das formas previstas e muitos deles invisíveis aos olhos entende-se que a

[...] primeira dificuldade de pensar o futuro é a dificuldade de pensar o presente. A cegueira sobre o presente nos torna, ipso facto, cegos em relação ao futuro [...] com certeza, o estado do mundo presente carrega consigo, potencialmente, as situações do mundo futuro. Mas ele contém embriões microscópicos, que se desenvolverão, e que são ainda invisíveis aos nossos olhos” (MORIN, 2010, p.13)

Ou seja, a visão cartesiana de mundo traz em seu bojo a diversidade de opções para uma vida de menor esforço físico e maior desenvolvimento de habilidades ligadas aos meios tecnológicos, e isso é bom. Mas, trouxe o individualismo, a competição, a tradução da realidade em números, o outro como concorrente, a formação especializada, a educação fragmentada e assentada

em quantidade de conteúdos transmitidos e assimilados pelo estudante, entre tantas outras coisas. E isso foi criando os embriões de uma crise que toma formas desproporcionais cujo controle é desconhecido em sua maior parte.

Pandemias já ocorreram em tempos passados, mas nenhuma delas como essa que torna o ano de 2020 inesquecível. Diante da realidade do isolamento ou distanciamento social, como forma de frear a velocidade do vírus para que os vierem a ser acometidos possam ter acesso ao tratamento adequado, há uma pergunta que se repete de pessoa em pessoa: E agora?

Tudo muda em grande velocidade, mas ao mesmo tempo não se sabe lidar com essa mudança voraz. Percebe-se que faltam recursos cognitivos, emocionais, atitudinais, manuais, enfim, habilidades e competências para entender os problemas e apresentar respostas. Quando se chega a esse limite parece plausível que se busque apoio naqueles que se encorajam a dividir ideias, percepções, pesquisas, considerações e com isso ajudar a orientar o pensamento de tantos outros.

Neste sentido, o trabalho com a educação por anos a fio e em todos os níveis da educação brasileira, exceto a educação infantil, tanto no regime presencial como na Educação à distância, permitiu construir uma rede de aprendizados face a inúmeras experiências. Neste tempo aconteceram tantos momentos delicados, mas nenhum como esse da pandemia causada pelo Corona Vírus e a COVID19. O isolamento longo, coisa inimaginável até então, se torna momento de reflexão, de recarregar a energia para alimentar as esperanças e a força para buscar novos caminhos. Só que isso precisa ser rápido e nem sempre sabemos ser rápidos e encarar a incerteza que uma decisão rápida inclui.

A pergunta que não quer calar é: e como será a vida depois da pandemia, se é certo que não será possível ter a mesma vida de volta? Sendo a vida desta autora a educação, a pergunta pode ser refeita: Como será a educação depois da pandemia, se é certo que é possível e necessário fazer diferente?

A busca da resposta a tais perguntas inclui considerar que no decorrer do século XX instalou-se o que Morin (2001) chama de policrise. O autor caracteriza tal ideia afirmando que a visão de mundo linear foi promovendo a instalação de crises nos diversos setores da vida no planeta, como por exemplo: a crise econômica, a social, a ética, ambiental, entre outras.

Um exemplo disso é a crise ambiental que se torna evidente a partir da década de 1970 deixando à mostra a irreversibilidade do quase esgotamento de alguns recursos. Lançando um olhar cuidadoso, Enrique Leff (2010) indica que é resultado da crise do conhecimento, dos seus fundamentos epistemológicos, da racionalidade. Não é uma crise que envolve apenas elementos concretos, mas sim do conjunto de ideias que orientam a produção do conhecimento científico. Ela não pertence a essa ou aquela ciência, mas sim ocorre nos entremeios das ciências com limites definidos. A emergência da crise ambiental abriu espaço para a formação do saber ambiental (LEFF, 2012) que se construiu às margens das ciências e assim se constituiu um campo de produção de conhecimento que demanda uma racionalidade que busque incluir, juntar, relacionar ao invés de excluir, separar, individualizar.

E é por tais circunstâncias que revisitar a concepção de mundo, de ciência e de educação pode ser um caminho interessante para pensar a educação para o século XXI no período pós-pandemia.

Neste sentido, é importante lembrar que por meio dos avanços da ciência ocorridos, de modo especial, no início do século XXI foi possível perceber que os sistemas naturais guardavam em si segredos importantes. Os seus elementos mantinham o seu funcionamento por meio de relações de dependência a partir de interações diversas definidoras dos processos que ocorrem no interior dos diferentes sistemas naturais. Percebeu-se também que os próprios considerados fundamentais da matéria eram também sistemas, pois foi revelada sua estrutura, como por exemplo nas moléculas e nos átomos. (BEHRENS, 2011; MORAES, 1997). Sendo assim, é preciso considerar a complexidade da realidade em que o século XXI se desenrola.

Para tanto, considera-se importante dar atenção à visão complexa de mundo, sustentada pelo pensamento complexo que possui princípios organizadores, dos quais destaca-se o princípio sistêmico. É por meio destes que se buscou, neste texto, trazer elementos importantes para a compreensão da realidade e, conseqüentemente, do desenho da educação que o novo tempo requer.

O princípio sistêmico trata da relação entre o todo e as partes que o constituem. Coloca que o todo está em constante transformação e que isso ocorre por conta das diferentes interações entre suas partes, do modo que a

soma das partes pode ser maior ou menor que o todo. Ou seja, há momentos em que as interações fazem surgir elementos novos ao todo e aí o todo é maior que a soma das partes. Por exemplo, quando pessoas se unem para organizar uma instituição de atendimento social surgem formas de colaboração antes inexistentes e isso torna o todo maior que a soma das partes, pois características das pessoas e do trabalho desenvolvido encorparam o todo. Por outro lado, há momentos em que as interações fazem suprimir elementos importantes e, nesse caso, o todo será menor que a soma das partes. Por exemplo, quando um grupo se organiza para desempenhar uma tarefa que exige o compromisso de todos os participantes e um ou dois começam a descumprir prazos ou entregam trabalhos sem qualidade, ocorre a quebra de confiança e da palavra, ou seja, o grupo como um todo perde parte importante (a confiança) e por isso fica menor que a soma dos seus elementos formadores. (MORIN, 1997, 2001; PETRAGLIA, 2001)

Deste modo, a complexidade apresentada por Edgar Morin, pesquisador francês, convoca a compreender que a realidade é dinâmica, sustentada por uma causalidade não-linear sendo possível que a transformação pode ocorrer por meio de catástrofes (grandes ou pequenas) capazes de gerar fenômenos geradores de situações diversas e nem sempre previsíveis. Portanto, o que se tem de mais certo é justamente o incerto. (MORIN, 1997)

Voltando o olhar para a educação, percebe-se que o que mais se ensina nas escolas é a busca das certezas apoiando-se na racionalidade que construída na fragmentação, na exclusão, na medida como prova. A partir destas considerações é possível entender que a educação da simples transmissão de conteúdos pelo professor e da recepção e assimilação do conteúdo pelo aluno não dará mais conta da realidade ainda desconhecida. A educação advinda da visão cartesiana prioriza a certeza (BEHRENS, 2011). A educação pós-pandemia precisa admitir a incerteza e incluí-la como elemento presente e de grande influência no contexto que apresenta problemas em grande quantidade demandando soluções.

Neste sentido, educar para o incerto inclui ensinar a enfrentar a incerteza, como sugere Morin (2000): admitir e reconhecer a incerteza inclusa em todas as ações humanas, na natureza e, de modo especial, na construção da ciência. Então, isso inclui aprender a pensar de modo amplo adotando a estratégia como

modo de organização flexível da ação sem desprezar o uso dos programas para aprender e agir. Ou seja, reconhecer que todo o conhecimento é importante e que as escolhas das fontes precisam priorizar a fidedignidade; que o planejamento é fundamental mas que não pode ser inflexível; que seguir passos (programas) é importante mas, precisa ocorrer em momentos específicos e sem prender-se cegamente a eles; que conhecer a tecnologia e as possibilidades que ela oferece pode ajudar a atender as diversidades naturais entre os estudantes, mas não é a única saída; que considerar o ser humano com as suas várias dimensões pressupõe que o processo educativo envolva tais dimensões e extrapole a transmissão e a recepção de conteúdo; que sejam revistas as concepções de educar, ensinar, aprender, ser professor, ser estudante.

Numa abordagem mais profunda encontra-se a necessidade da educação para uma nova ética humana baseada no fato de que cada ser humano é ao mesmo tempo indivíduo, parte da sociedade e parte de uma espécie. Assim, educar para o incerto demanda o desenvolvimento individual, assim como da capacidade de participar da vida comunitária e da consciência de pertencer à espécie humana e ao planeta Terra. (MORIN, 2000). E o mesmo autor denomina como antipoética pressupondo uma regeneração da democracia, do civismo, da solidariedade, da responsabilidade e que define a sala de aula “como um local de aprendizagem do debate argumentado, das regras necessárias à discussão, da tomada de consciência das necessidades e dos procedimentos de compreensão do pensamento do outro, da escuta e do respeito às vozes minoritárias e marginalizadas” (MORIN, 2000, p. 112-113).

É certo que não há receita já formalizada e aprovada, mas que há caminhos sendo construídos e outros a serem construídos na medida em que se dá o caminhar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todos os processos, sendo previsíveis ou não, apresentam sempre oportunidades de crescimento. Para que isso seja efetivo, se faz importante ter clareza da visão de mundo que organiza e define as escolhas, o modo de agir e de tratar os problemas que dela surgem.

Ao ter clareza da origem da orientação que damos ao pensamento e produção de conhecimento ou de bens ampliam-se as oportunidades de

percepção das interações e relações que mantém o sistema em funcionamento. E isso inclui olhar a educação do presente e de um futuro muito próximo considerando que as mudanças trazidas pela vivência de uma emergência geram a demanda de ações rápidas a partir de reflexões e escolhas consistentes.

A visão complexa de mundo desafia o olhar cartesiano formado pela educação recebida a se abrir e acolher os muitos novos que se apresentam diante de toda a comunidade educativa. Mostra que a realidade é dinâmica e que as interações que forem desenvolvidas em torno do ato de educar no novo contexto definirão o cidadão que desde já atua na sociedade.

Assim, a ideia de crise é frutífera e o desafio de educar para o incerto se tornam instrumentos de saltos qualitativos em direção à construção de um caminho uno e diverso para a educação que certamente não pode mais retornar à simples transmissão, recepção, acúmulo e esquecimento.

REFERÊNCIAS

BEHRENS, Marilda. **O paradigma emergente e a prática pedagógica**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

LEFF, Enrique (Coord.). **A complexidade ambiental**. Tradução de Eliete Wolf. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

LEFF, Enrique. **Aventuras da epistemologia ambiental**. Tradução de Silvana Cobucci Leite. São Paulo: Cortez, 2012.

MORAES, Maria Cândida. **O paradigma educacional emergente**. 16. ed. Campinas: Papirus, 1997.

MORIN, Edgar; KERN, Anne Brigitte. **Terra-pátria**. 2. ed. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

MORIN, Edgar; CIURANA, Emílio-Roger; MOTTA, Raúl D. **Educar na era planetária: o pensamento complexo como método pelo erro e incerteza humana**. Tradução de Edgard de Assis Carvalho. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2003.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução de Catarina E. F. da Silva e Jeanne Sawaya. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000a.

MORIN, Edgar. **O método I: a natureza da natureza**. Tradução de Maria Gabriela de Bragança. 3. ed. Lisboa: Publicações Euro-América, 1997.

PETRAGLIA, Izabel. **“Olhar sobre o olhar que olha”**: complexidade, holística e educação. Petrópolis: Vozes, 2001.

21. COVID19: UM RELATO DAS ESTRATÉGIAS CANADENSE E AS POLÍTICAS PÚBLICAS DE SUPORTE NA CIDADE DE REGINA, SASKATCHEWAN

TEIXEIRA, Alex V.⁴⁴

INTRODUÇÃO

A vida é uma sucessão de escolhas, e eu e minha família escolhemos mudar para o Canadá em 2018 como residentes permanentes após a conclusão do doutorado no Brasil. Com o ingresso no doutorado em 2015, surgiu a oportunidade de passar um período de seis meses na Universidade de Regina, na Província Canadense de Saskatchewan, e assim ocorreu. Após a experiência dos seis meses vivendo a cultura Canadense surgiu a ideia de tornar a cidade de Regina nosso endereço final como residentes permanentes, e aqui estamos em meio a pandemia por conta da COVID, vivendo e acompanhando os procedimentos de controle desta triste situação mundial, em uma cidade com trezentos mil habitantes que integram os 3 milhões de pessoas vivendo na Província de Saskatchewan.

CAPÍTULO 21

Já devidamente aculturados e na qualidade de residentes permanentes desde 2018, gozamos de todos os direitos locais, como acesso aos sistemas público de saúde e educação e acesso as oportunidades de trabalho. Neste mesmo período e já como professor universitário, a satisfação e tranquilidade de viver em um país estável, atuando como docente e na área científica participando de pesquisas envolvendo o uso de Sistemas Inteligentes de Informação, serviços públicos digitais, cidades digitais estratégicas e inteligentes. Entretanto, a

⁴⁴ Prof. Dr. Alex V. Teixeira é professor na Universidade de Regina – Canadá.

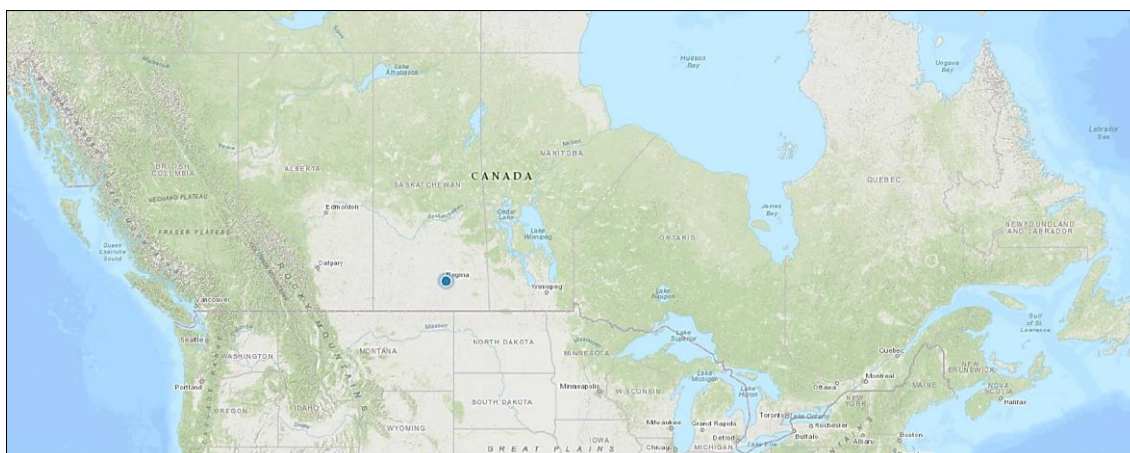
história de nossas vidas correu livre e não estão subjugadas às vontades ou necessidades particulares, mas sim, seguindo seu próprio rumo junto com a Pandemia COVID 19.

Assim, em fevereiro de 2020 surgiram as primeiras informações e movimentações estratégicas para o contingenciamento da propagação do vírus COVID19, por meio de ações articuladas dos Governos Federais e Provinciais. A experiência vivida se traduz neste relato, por meio de observações, acesso à informação local, documentos técnicos e depoimentos especializados acerca dos procedimentos adotados e da relação cotidiana da vida de seus cidadãos, que segue curvilínea e ainda sem um desfecho definitivo para o controle viral pandêmico.

O CONTEXTO GEOGRÁFICO E REFERENCIAL

A Província de Saskatchewan está localizada nas pradarias Oeste Canadenses, habitada há milhares de anos por grupos indígenas e situada nas terras originais dos Cree, Saulteaux, Dakota e terra natal da nação Métis. A cidade de Regina, conhecida como *The Queen City* está localizada ao sul da Província e orgulhosamente se apresenta como uma cidade multicultural, com a presença de vários imigrantes em sua população, como os representantes do Sudeste Asiático (3,5%), Sul da Ásia (2,6%), Leste Asiático (2,2 %), latino-americano (0,7%) e árabe e oeste da Ásia (0,6%) registrado no *Census Profile* (2016). Geograficamente Saskatchewan não apresenta barreiras naturais e em seus mais de 650 mil quilômetros quadrados de área, e desta forma faz fronteiras com as Províncias Canadenses de Alberta, Manitoba e mais ao sul com os Estados Unidos da América, como representado esquematicamente pela Figura 1 a seguir.

Figura 1 - Mapa customizado do Canada



Fonte: adaptado pelo Autor (2020), de *Sask Interactive Mapping*.

No contexto georreferencial do acesso as informações públicas, a Província reconhece o direito de acesso do público às informações das cidades e está comprometida com um governo transparente. o Canadá possui lei regulamentar de acesso à informação promulgada em 1983 e reconhecida em seu idioma nativo como *Access to Information Act* complementada pela lei *Privacy Act*⁴⁵, do mesmo ano, com intuito de prover o direito ao acesso à informação de relatórios sob controle de instituições governamentais de acordo com os princípios de que a informação governamental deveria se tornar disponível ao público.

Assim sendo, as cidades deixam de ser apenas físicas, com suas construções e ruas, transformando-se em cidades digitais, onde a circulação da informação assume papel relevante, ultrapassando o senso comum que remete à ideia de criar um site oficial da cidade como forma de tornar a cidade digital (REZENDE, 2012; REZENDE et al, 2016; TEIXEIRA, 2018).

POLÍTICAS PÚBLICAS E O ISOLAMENTO SOCIAL

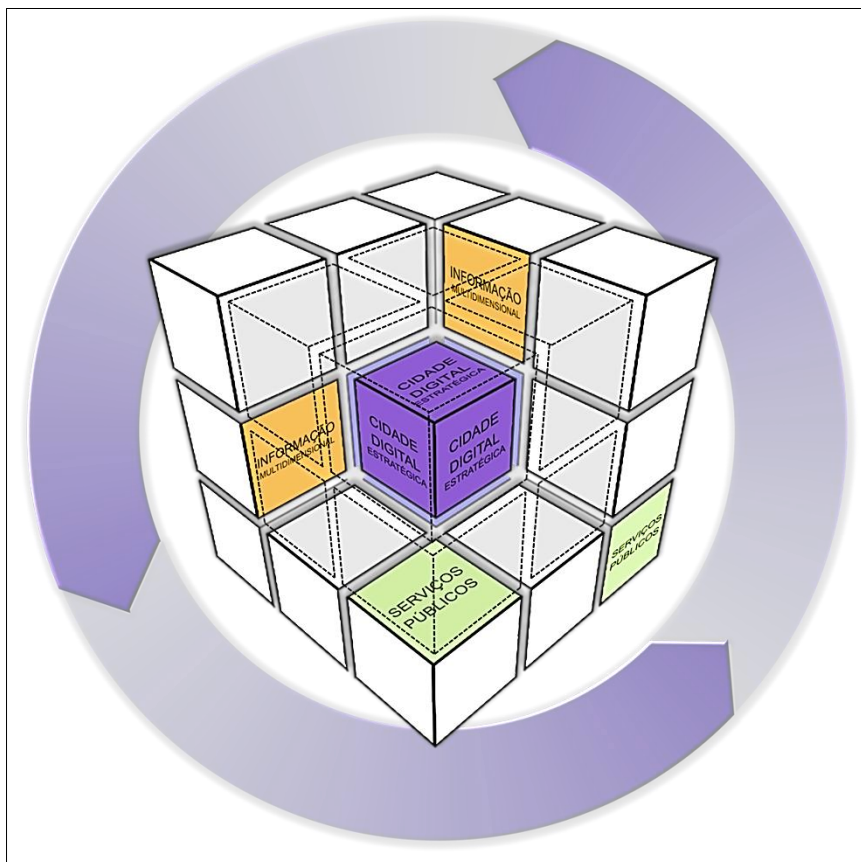
Com as informações oriundas da China já em meados de marco de 2020, os governos, as entidades civis organizadas e os comitês de pesquisas

⁴⁵ Legislação específica canadense no idioma original, com intuito de manter a especificidade das ideias. Disponível em: <https://static.poder360.com.br/2018/02/PrivacyAct.pdf>. Acesso em 2 de mai. 2020.

Canadenses indicavam que a COVID19 tratar-se-ia de uma ameaça real, a despeito das informações distorcidas vastamente encontradas nas redes sociais e propagada pelos diferentes meios particulares de comunicação. Desta feita, o Conselho de Segurança Federal do Canada após analisar os dados técnicos dos primeiros casos, cancelados pela comunidade científica deu início a um amplo plano de ação para segurar a propagação do vírus.

Vale ressaltar que os serviços públicos locais assim como suas informações estão vinculadas a um modelo Multidimensional, que por sua vez está conectado a diferentes sistemas informacionais como segurança pública, serviços digitais, saúde pública etc. O modelo fornece uma base de dados convergente, que oferece diferentes possibilidades de análises estratégicas, como representado pela Figura 2.

Figura 2 – Modelo de informação para cidade digital Estratégica

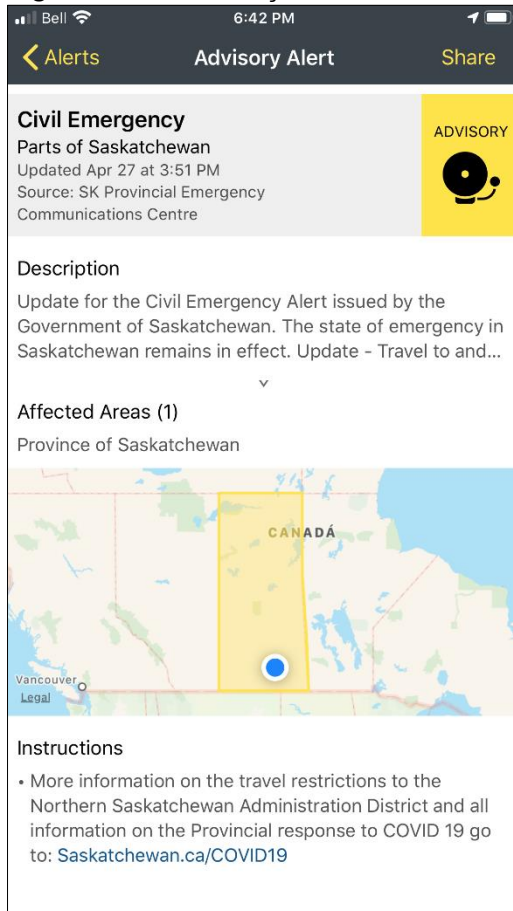


Fonte: elaborado pelo autor (2018).

A estrutura espacial, característica da multidimensionalidade, está representada no modelo utilizado por meio das articulações das variáveis onde a cidade digital estratégica, promove o ordenamento informacional nos diferentes Sistemas que integram a gestão da cidade. Neste contexto, o dado é o meio de conexão dos diferentes gerenciadores informacionais, em diferentes sistemas e níveis hierárquicos, que por sua vez compõem os sistemas complexos de gestão informacional multidimensional da cidade. De outro lado, a customização do Dado em Informação, ultrapassa as barreiras dos sistemas de gerenciamento e níveis hierárquicos informacionais pela sua dinamicidade e composição multidimensional de representar diferentes significados aos cidadãos usuários.

Neste contexto tecnológico e com intuito de barrar uma eventual movimentação da informação falsa - *fake News* foi implantada a customização da informação multidimensional, confirmando cada notícia oficial e vinculando seu endereço técnico. Desta forma foi barrado, pelo menos uma parte, as notícias fantasiosas ou sem fundo científico, daquelas reais e com amparo na realidade local, confirmando a letalidade e capacidade de propagação do vírus, que se transformaria em pandemia. Ainda no mês de março a Província adotou cautela extrema e foi decretado o Estado de Emergência, que acionou todos os canais de comunicação para a transmissão das informações e explicações do procedimento emergencial. No dia 16 de março de 2020 foi utilizado o canal Mobile, e desta forma os cidadãos receberam uma chamada telefônica de emergência da cidade, como demonstrado pela Figura 3.

Figura 3 – Notificação do Estado de Emergência



Fonte: autor 2020.

Nesta data foram implementadas diferentes medidas, entre elas o cancelamento das aulas presenciais, o fechamento de estabelecimentos públicos ou privados que por sua natureza tivessem acúmulo ou alta frequência de pessoas, salvo mercados e estabelecimentos afins, restando fechados até o dia 4 de maio todos restaurantes, escolas, faculdades, universidades, centros comerciais, serviços públicos, entre outros. Neste mesmo período, iniciou uma grande campanha social de conscientização dos procedimentos profiláticos, assim como uma sensibilização geral da comunidade em ajudar a conter o vírus. Em atenção ao dispositivo de acesso à informação, relatórios diários começaram a ser disponibilizados em todos os meios de comunicação, informando a população sobre os dados de contaminação, procedimentos adotados e resultados esperados. Ainda na mesma linha informacional, o Secretário da Saúde da Província passou a contactar diariamente os cidadãos, por meio televisivo e redes sociais, socializando os dados e informações com foco na estabilidade da movimentação social.

Assim, como medidas de prevenção foram adotados os procedimentos (tradução livre do autor)⁴⁶;

Procedimentos Gerais:

- 1) O novo vírus se espalha principalmente através de gotículas respiratórias da tosse e espirros durante o contato pessoal próximo, tocando as superfícies com o vírus e, em seguida, tocando sua boca, nariz ou olhos antes de lavar as mãos.
- 2) Limpeza e desinfecção frequentes ajudam a prevenir a propagação da doença. Áreas tocadas devem ser limpas e desinfetadas duas vezes ao dia ou sempre que estiverem visivelmente sujas.

Procedimento Reuniões Públicas e Privadas:

- 3) Estão proibidos encontros, internos ou externos, com mais de 10 pessoas. Isso inclui reuniões de não residentes em casas particulares. Os locais de trabalho estão isentos da restrição de reuniões internas e externas de 10 ou mais pessoas.
- 4) Deve ser mantida uma distância de 2 metros entre os indivíduos no local de trabalho, a menos que os trabalhadores não possam, por razões de segurança.
- 5) Limite as saídas públicas apenas às necessidades essenciais, como mantimentos, coleta de prescrição etc.
- 6) Recomenda-se que as instalações do evento e os planejadores das próximas reuniões de massa, como casamentos ou reuniões, cancelem ou adiem os próximos eventos nos próximos meses. Ofereça atividades virtuais ou de transmissão ao vivo em vez de eventos presenciais. Se você optar por realizar o seu evento, ele não terá mais de 10 participantes e todos os presentes deverão praticar o distanciamento social, mantendo-se 2 metros de distância

⁴⁶ Tradução livre pelo autor. Texto em língua inglesa disponível em *Saskatchewan COVID-19 Public Health Measures*. <https://www.saskatchewan.ca/government/health-care-administration-and-provider-resources>

- 7) Se você planeja ou precisa realizar um evento dentro das restrições dos participantes, deve levar em consideração o risco envolvido na realização de um evento e implementar medidas de mitigação.

Produtos alimentícios

- 8) Com base nas pesquisas atuais, o risco de adoecer com COVID-19 pela ingestão de alimentos ou contato com as embalagens de alimentos é muito baixo. Para minimizar ainda mais os riscos, lave as mãos ou use um desinfetante para as mãos antes de comer, antes e depois das compras e depois de manusear as embalagens de alimentos.
- 9) Lave as frutas e legumes depois de voltar para casa ou antes do uso.
- 10) Siga as instruções de distanciamento social fornecidas pelo supermercado e mantenha uma distância de 2 metros de outros clientes, mesmo na fila do caixa.
- 11) Não faça compras se estiver doente ou sintomático. Utilize os serviços de entrega e entrega sempre que possível.
- 12) Estabelecimentos comerciais autorizados a permanecer abertos devem fornecer procedimentos regulamentados de desinfecção e limpeza para cada cliente, assim como proceder a desinfecção de todos os objetos internos como carrinho de compras, cestos bancadas etc.
- 13) Os estabelecimentos autorizados deverão regradar a entrada de seus clientes identificando com avisos visuais o distanciamento de 2 metros, respeitada a capacidade de cada ambiente e sua lotação com o aumento do distanciamento.

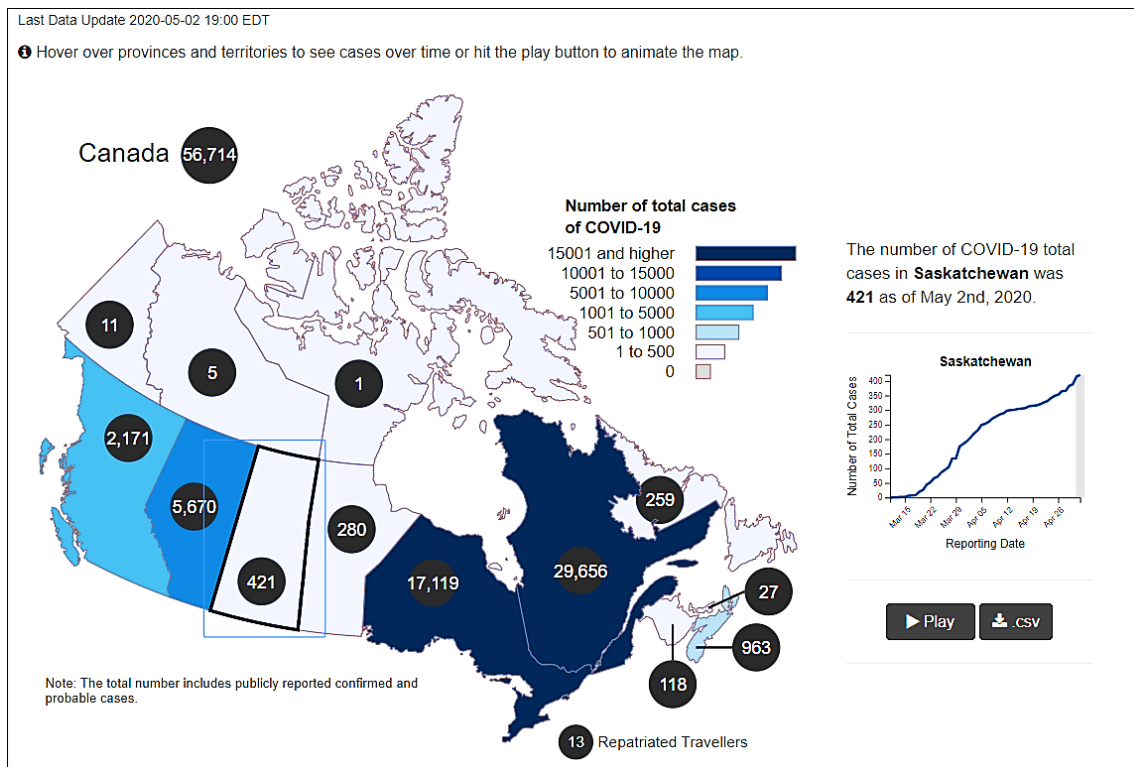
Políticas de auxílio e benefícios

- 14) Os voos internacionais ficam suspensos até segunda ordem, restando apenas aqueles emergências e/ou casos especiais.
- 15) As escolas permanecerão fechadas, a partir do dia 16 de março de 2020, e as aulas serão mantidas por meio de uso das tecnologias digitais disponíveis.
- 16) Os alunos em situação de risco devem ser acompanhados pela orientação de forma virtual, e os relatórios elaborados normalmente

- 17) Os alunos e docentes que não possuem acesso as tecnologias ou equipamentos poderão solicitar as respectivas escolas o empréstimo dos mesmos, assim como o acesso a um pacote de dados temporário.
- 18) Todos os trabalhadores que entrarem em suspensão salarial pelo isolamento social ou perda do emprego terão direito ao *Canada Emergency Response Benefit* (CERB) no valor de \$ 2,000.00 Cnd (dois mil dólares canadenses), que serão depositados automaticamente na conta do requerente.
- 19) Aos solicitantes do CERB restou assegurado o direito ao Seguro Desemprego Canadense de acordo com as regras específicas pagos mensalmente até 14 meses.
- 20) As empresas ou organizações que tiveram suas atividades suspensas pelo decreto de estado de emergência poderão solicitar o *Canada Emergency Business Account* (CEBA) e receberão auxílio financeiro mensal para a manutenção de seus funcionários em isolamento e responder aos compromissos financeiros, de acordo com sua atividade e instrumentos fiscais até \$40,000.00 Cnd (quarenta mil dólares canadenses) que poderão ser acumulados com outros benefícios.
- 21) As aulas presenciais em Universidades ficam suspensas até janeiro de 2021, mantendo atividades e serviços virtualizados.
- 22) Os estudantes em descompasso financeiro pela ausência ou perda da capacidade de emprego poderão solicitar o *Canada Emergency Student Benefit* (CESB) de \$1,250.00 Cnd (hum mil duzentos e cinquenta dólares canadenses) pagos mensalmente no período específico de maio/2020 até agosto/2020.

Neste contexto restritivo e de isolamento social, o número de casos em todo o Canada entrou em tendência de estagnação ou queda, demonstra pela Figura 4, restando na Província de Saskatchewan um total de 421 casos, considerando o recorte temporal da consulta em 2 de maio 2020, por meio de uma visão geral em todas as províncias canadenses.

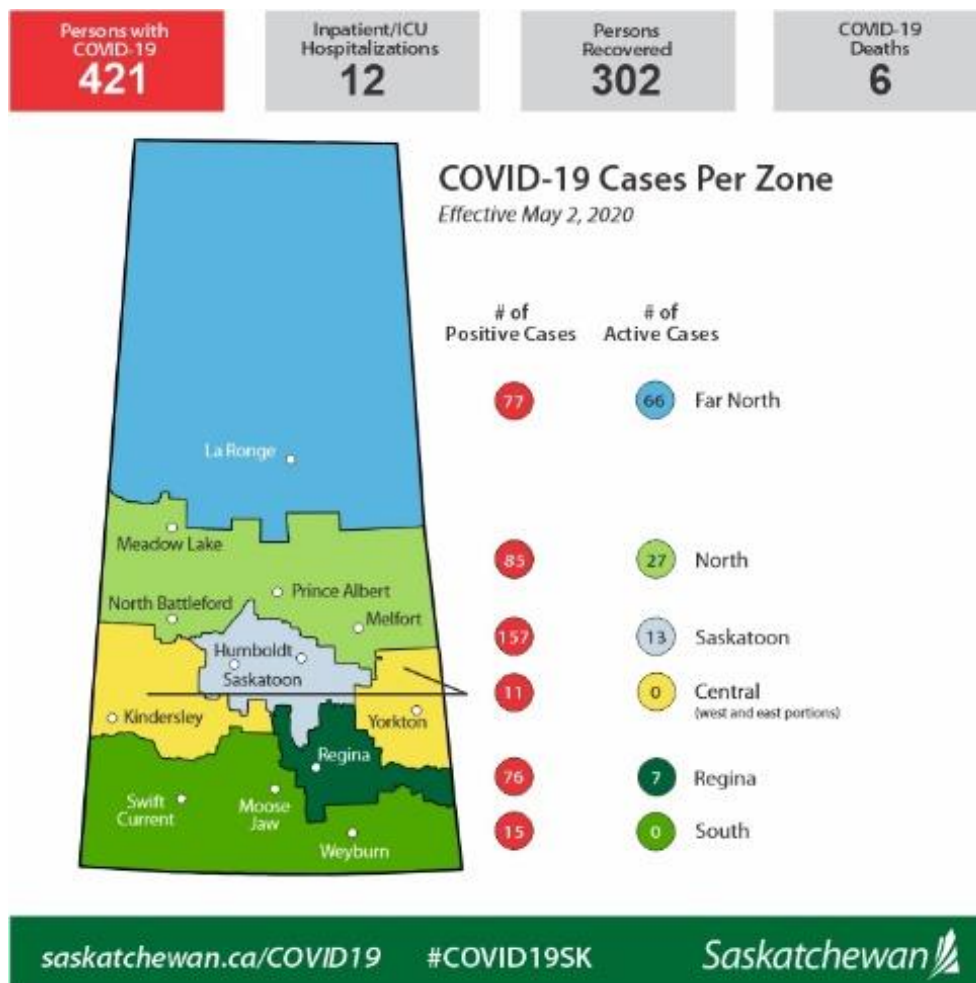
Figura 4 – Relação pictográfica de casos por Província Canadense



Fonte: site do governo Canadense em 2 maio 2020.

Considerando apenas os dados da província em destaque, como em destaque na Figura 5, e ainda que todas as regiões tenham adotadas as mesmas medidas de combate de propagação do vírus COVID19, os dados se mostram proporcionalmente diferenciados, considerando a região Extremo Norte - *Far North* com uma população significativamente menor do que a população da região do Sul – South, tanto em número de casos positivos identificados, como em número de casos ainda ativos em tratamento. A compilação dos dados da província, demonstrada na Figura 5 e com recorte temporal em 2 de maio de 2020, sinalizam o distanciamento proporcional entre as regiões mencionadas anteriormente.

Figura 5 – Compilação de dados por região da província.



Fonte: adaptado pelo autor de site do governo Canadense em 2 maio 2020

De outro lado, quando depuramos os números comparativamente utilizando as demais variáveis relacionadas aos procedimentos de contingenciamento pandêmico, relacionando regiões provinciais e seus números absolutos, como listados na Tabela 1, os dados apresentam comportamento positivo, ou seja, em consonância positiva às medidas adotadas para conter a propagação do vírus.

A relação do número de testes efetuados versus o número de casos encontrados ativos versus recuperados são positivos, e em uma linha temporal entram em tendência de declínio. Ainda quanto aos números absolutos em um recorte igualmente temporal na data de 2 de maio de 2020, obteve-se os dados a seguir representados pela Tabela 1.

Tabela 1 – Recorte temporal relacional dos dados provinciais.

Região	Testes	Confirmados	Ativos	Hospitalizados	Recuperados	Total Mortes
Far North	818	77	66	0	10	1
North	4644	85	27	5	57	1
Central (-) Saskatoon	1983	11	0	0	10	1
Saskatoon	11174	157	13	7	142	2
South (-) Regina	2964	15	0	0	15	0
Regina	7088	76	7	0	68	1
Total SK	28847	421	113	12	302	6

Fonte: site do governo Canadense em 2 maio 2020.

As medidas para a contenção da propagação do vírus, mostraram-se diligente, em especial com o isolamento e distanciamento social. Com mais de 1.5 milhões de habitantes a província testou 28847 pacientes suspeitos e neste recorte, 421 casos foram confirmados como positivos ao vírus. Uma relação abaixo das medias internas e até mesmo internacionais.

A região do *Far North*, considerando um fato isolado de quebra dos procedimentos, evoluiu em divergência proporcional se comparado aos demais cenários, com mais de 9% de casos positivos em relação aos testados, gerou ação governamental localizada nas comunidades afetadas, como mostrado pictoriamente a seguir.

Tabela 2 – Recorte temporal dos dados pela idade na Província de SK

Casos	0 a 19 anos	20 a 39 anos	40 a 59 anos	60 a 79 anos	80 ou +
421	39	153	140	75	14

Fonte: site do governo Canadense em 2 maio 2020.

O indicativo se traduz na ausência, em parte do cuidado com as medidas de contingenciamento da disseminação viral.

As idades com maior incidência, indivíduos entre 20 e 59 anos, também representam o público social mais ativo, seja socialmente ou economicamente

e, desta forma, também o de maiores indicadores em número de casos. O número de casos na categoria Sênior com 80 anos ou mais, mostraram-se proporcionalmente diminutos em comparação com a sua população. Tal feito é reflexo da realidade local para com seus idosos. O cuidado extremo com os chamados *Retirement Homes*, tradução livre para Casa para idosos, obteve êxito por meio do completo isolamento desta população de maior vulnerabilidade.

Neste contexto com mais de 60 dias em Estado Emergencial, onde o procedimento de isolamento social desempenhou papel fundamental, a sociedade local respondeu de forma positiva permanecendo em sua grande parte em casa, obediente aos procedimentos adotados pelos governos provincial e federal. Assim sendo, em 4 de maio de 2020, foi identificada na região condições para o início de um gradativo relaxamento dos procedimentos adotados.

O relaxamento das medidas adotadas e do isolamento social

Após o período de mais de 60 dias em isolamento, no dia 4 de maio de 2020 com números de novos casos de COVID-19 estacionados e com o indicativo positivo dos procedimentos adotados, foram iniciados estágios para a volta às atividades sociais. O conselho de segurança em saúde pública aprovou a estratégia de relaxamento das medidas em 5 fases, quais sejam:

Fase 1 - Reabrir serviços médicos anteriormente restritos; abertura de campos de golfe, parques e acampamentos; Fase 2 - Reabrir o varejo e selecionar serviços de cuidados pessoais; Fase 3 - Reabertura de restaurantes e serviços de alimentação, academias e academias de ginástica, estabelecimentos licenciados e instalações para cuidados infantis; reabrir os demais serviços de cuidados pessoais, Aumentar o tamanho das reuniões públicas e privadas para 15 pessoas; Fase 4 - Reabrir instalações de recreação interna e externa; aumentando o tamanho das reuniões públicas e privadas para 30 pessoas; Fase 5 - Considere levantar restrições de longo prazo, (GOVERNO DE SASKATCHEWAN, 2020⁴⁷).

⁴⁷ Fonte: <https://www.saskatchewan.ca/government/health-care-administration-and-provider-resources/treatment-procedures-and-guidelines/emerging-public-health-issues/2019-novel-coronavirus/re-open-saskatchewan-plan>

O plano de reabertura da província foi construído com base em uma abordagem metódica e em fases para retirar lenta e responsavelmente as restrições sobre negócios e serviços. O achatamento da curva de controle da propagação do vírus COVID-19 e o fortalecimento dos sistemas de controle continuarão sendo prioridades, assim como nossa capacidade de gerenciar as atuais pressões sociais, fortalecendo a capacidade nas próximas semanas e meses incluirão a manutenção; dos testes para a identificação de eventuais novos casos, do rastreamento dos casos ativos e eventuais novos, a preparação de espaços adicionais para equipes e equipamentos para atuação em casos críticos.

As restrições serão relaxadas em fases, considerando os fatores socioeconômicos e o risco de transmissão. Eles serão implementados por meio de ordens de saúde pública e o tempo para a sua implementação será determinado por evidências ou ausência de novos casos ou potencial de transmissão, ainda na expectativa de uma solução definitiva com o surgimento de uma vacina. Desta forma se comportou o governo local sob o slogan “*TOGETHER WE ARE STRONGER*”

REFERÊNCIAS

CENSUS PROFILE 2016. **Census**: Regina, City Census subdivision Statistics Canada. Retrieved January 2019.

REZENDE, D. A. **Planejamento de estratégias e informações municipais para cidade digital**: guia para projetos em prefeituras e organizações públicas. São Paulo: Atlas, 2012.

_____. **Digital City**: Chicago and Schaumburg (USA) Information, Sustainability Indicators and Public Services Projects. 2016.

TEIXEIRA, A. V. **Modelo de gestão multidimensional para a cidade digital estratégica**. Tese, 159fl. (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Gestão Urbana. Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2018.

TEIXEIRA, A. V.; PROCOPIUCK, M.; REZENDE, D. A; ANDRADE, P. R. M. Public administration: a critical analysis of the brazilian law on access to public information. **Revista Jurídica**, v. 2, n. 43, p. 493-506, 2016.

Saskatchewan Ministry of Environment. **Saskatchewan Interactive Mapping**. Canada, 2020. Acesso em: 02 maio de 2020, disponível em: <<https://gisappl.saskatchewan.ca/Html5Ext/index.html?viewer=saskinteractive>>

22. TELETRABALHO, CONVIVÊNCIA FAMILIAR E PRÁTICAS SUSTENTÁVEIS

JUNIOR, Edvaldo Luiz Rando⁴⁸

*O mundo está agora a nosso alcance:
fomos integrados ao mundo como cidadãos do planeta
e o mundo começou a repercutir em nós como nossa morada.
(Lauro de Oliveira Lima)*

Este texto trata de teletrabalho, a convivência familiar e o foco no desenvolvimento de habilidades para um mundo sustentável. Nesta sociedade globalizada, onde impera o uso de tecnologias digitais e os processos de industrialização que são automatizados estão cada vez mais frequentes, também tomou destaque o discurso e as práticas de sustentabilidade. Buscou-se desenvolver a partir da revisão de literatura alguns conceitos preliminares de

CAPÍTULO 22

teletrabalho, da narrativa da convivência familiar e apresentamos ao término práticas que podem ser realizadas para o desenvolvimento de competências que podem gerar práticas de sustentabilidade. Acreditamos a partir da pesquisa teórica que se pode desenvolver práticas pedagógicas que ultrapassem modismos, ou ações pontuais de sustentabilidade em qualquer espaço de tempo. Da forma posta, esta pesquisa está sistematizada em dois momentos que se complementam, sendo eles: revisão da literatura para construção de conceitos elementares e na derradeiro instante apresentação de práticas desenvolvidas na educação básica. Demonstramos 2 (duas) práticas pedagógicas que podem ser desenvolvidas na escola ou no interior de nossas casas, dentro do contexto de uma sociedade globalizada e com uso frequente de tecnologias digitais, que

⁴⁸ Edvaldo Luiz Rando Júnior, mestre em educação, engenheiro, professor, também atua na área da expansão polos de apoio presencial no Centro Universitário Internacional Uninter.

precisam compreender que para garantirmos existência digna nas gerações sem nome, é necessário reinventar nossa convivência.

Neste trabalho começamos retomando algumas questões centrais: O que é teletrabalho? Convivência familiar 24 horas por dia depois de adulto? Do que falamos quando tratamos do desenvolvimento de competências a partir da temática da sustentabilidade? Qual a repercussão social e a importância do desenvolvimento da consciência da sustentabilidade? Não pretendemos vencer ou responder estas inquietações, mas acreditamos na importância da formação de um cidadão socioambiental, e que as práticas escolares ajudam no desenvolvimento desta identidade que deve preocupar-se com preservação do meio ambiente, da responsabilidade social e ideológica e da utilização correta dos recursos naturais, e por consequência do respeito ao próximo.

Partimos do princípio que nós os seres humanos estamos em constante formação, nos apropriando de conhecimento, de culturas, de modelos, e vamos nos construindo coletivamente, de forma recíproca.

Desenvolver uma cultura de novas práticas sociais e escolares requer o comprometimento de todos e ultrapassa o binômio professor e aluno, mãe e filho, esposa e marido, neto e avó (...). Quando se busca projetar que os seres humanos construam competências acerca de determinado assunto, no caso sustentabilidade e teletrabalho, é necessário que todos os atores sociais se sintam partícipes do projeto. Conforme preconizados por Leontiev apud Freitas (2012, p. 129) “não se nasce personalidade, chega-se a ser personalidade por meio da socialização e da formação de um endocultura, através de hábitos, atitudes e formas de utilização de instrumentos”.

Novamente reforçamos a partir do nosso entendimento acerca de Leontiev a importância do desenvolvimento de práticas para nossa formação enquanto sujeitos na sociedade globalizada.

O mundo, apesar dos vários casos de abuso e desrespeito aos recursos naturais, tem caminhado a passos curtos e lentos para um desenvolvimento sustentável, que prioriza não só o capital e a ideologia produtivista, mas também o futuro da humanidade, pois hoje a sustentabilidade é um dos principais focos da sociedade, acarretando a busca por novos processos políticos, culturais e ambientais (LEFF, 2001).

O Brasil, por possuir um dos maiores índices de incidência solar do mundo, é considerado um dos melhores países para trabalhar com a energia solar. Hoje, há diversas usinas solares em todo o território nacional, especialmente nas regiões do Nordeste, em que o índice aumenta. A maior e uma das mais recentes usinas solares está localizada em Bom Jesus da Lapa, na Bahia, foi inaugurada em 2017 e tem capacidade de produzir 158 MW.

Afirmamos que as energias renováveis são aquelas derivadas de recursos naturais, geralmente provenientes da troca de energias entre os ciclos naturais, como a radiação solar ou a força do vento e das águas, o que engloba a maioria das fontes de energias limpas, também chamadas não tradicionais. Diferentemente das energias obtidas por meio de combustíveis fósseis, as energias renováveis não causam divergências no balanço térmico terrestre e são basicamente inesgotáveis.

Passaremos ao segundo da nossa proposta, o teletrabalho! A reforma trabalhista formalizou em tempos hodiernos uma prática que já estava instaurada no cotidiano de empresas que ultrapassaram o “velho vício” de empoderamento a partir de controle de entrada e saída, de estar diante dos olhos dos superiores hierárquicos etc. As empresas “modernas” e que souberam aproveitar o lado positivo do neoliberalismo já haviam compreendido que os colaboradores em teletrabalho podem atuar a partir de métricas por rendimento, que com quadro menor de postos de trabalho nas empresas os custos operacionais diminuem, ou seja, se renderam à tecnologia e às demais possibilidade de reduzir e manter o contrato de trabalho com seu empregado.

O teletrabalho de acordo com a nova legislação em seu Art. 6 da CLT, os pressupostos da relação de emprego não se distinguem entre o trabalho realizado no estabelecimento do empregador, o executado no domicílio do empregado e o realizado a distância. Ainda no Art. 75-C da CLT dispõe que o empregador poderá realizar a alteração entre regime presencial e de teletrabalho, desde que haja mútuo acordo entre as partes, registrado em aditivo contratual.

Mas para além de qualquer legislação, em tempos hodiernos e diante de uma vida para construir e dos sonhos que precisam ser realizados, em teletrabalho ou trabalho presencial, é imprescindível ter disciplina, foco em resultado e coragem em ampliar as possibilidades na forma individual de

controle, pois tanto em casa no convívio familiar ou no ambiente presencial na empresa, vários são os elementos que podem conduzir para distração e distanciamento de trabalho com qualidade, eficiência e eficácia em prol de resultados positivos para empresa.

Meus rendimentos atuais de forma contínua são provenientes da atividade de abertura de polos de apoio presencial em território nacional, e uma das atividades que desenvolvo é identificar novas possibilidades de expansão. Nos primeiros 30 (trinta) dias de teletrabalho, foram inúmeras aprendizagens, desde organização do espaço de trabalho até manter o foco diante da convivência familiar, com minha mãe e noiva, que também estão em ambiente de teletrabalho.

Trabalho basicamente com duas fontes diretas: projeções, análises geográficas e econômicas e contato com possíveis parceiros. Neste curto período de 30 dias, fizemos análise de aproximadamente 1000 cidades, o que difere da prática presencial, que ficaria em aproximadamente 600 cidades, ou seja, aumento de 40%. Percebemos que o tempo nas conversas com possíveis investidores foram superiores quando não tínhamos a Pandemia. As conversas sempre revelam o medo do futuro e o impacto na economia.

Apesar de termos garantido na Constituição e em outras políticas públicas, a convivência familiar é um daqueles direitos-deveres decorrentes do poder familiar, mas sabemos que indiferente da situação, em tempos modernos e com a corrida pela sobrevivência digna, as famílias convivem poucas horas por dia. Os encontros, as confraternizações e até mesmo aquelas conversas sérias acontecem em minutos rápidos, ou ainda, nos finais de semana.

O que percebo que em 30 (dias) de convivência intensa com as mulheres que habitam minha vida, que muitas práticas precisam ser revistas, desde o tom de voz, ou seja, a etiqueta profissional deve ser incorporada dentro de casa, que combinar rotinas de alimentação, limpeza do espaço e etc, ficam mais complexas, afinal enquanto é necessário preparar as refeições ainda se tem que cumprir o intervalo, são pequenas contradições, pois no ambiente profissional não percebemos o esforço para preparar a comida que encontramos no buffet e tantas outras ações que passamos à valorizar e fazer em família.

Que por estarmos em casa práticas de sustentabilidade ficam mais evidentes. A necessidade da separação do lixo, do aproveitamento da água, da economia com combustível etc., ganha novos espaços e reconfigurações.

A seguir duas práticas que podem ser incorporadas em salas de aula presencial ou virtual, e que podem contribuir para que os estudantes do presente possam incorporar novas propostas a partir de situações extremas, tal qual a Pandemia.

Prática Pedagógica 01 – ALUNO/FILHO PROTAGONISTA

O aluno como protagonista (conhecedor do contexto em que vive).

Fazer com que o aluno conheça, observe e relate a realidade do seu contexto; Pedir para que façam observações das atividades que estão sendo desenvolvidas nos diversos canais midiáticos; Observando o cenário que os profissionais utilizam; Pedir para que relatem suas experiências de observação para os colegas, podendo utilizar recursos variados (fotos, desenhos, vídeos, etc); Fazer um levantamento dos apontamentos observados e relacionar com outras cidades que são consideradas exemplos de sustentabilidade.

A prática pedagógica intitulada “Aluno Protagonista” concebe que o aluno compreenda seu papel na sociedade, tomando partido e promovendo novas ações. Da forma posta, este estudante concebe, planeja, executa e analisa suas ações, tomando para si o seu processo de aprendizagem, por meio do significado de cada ação para sua vida e do contexto social.

Quando nos tornamos protagonistas, responsável direto por nossas ações, compreendemos que para além de governos e leis, existe um cidadão coerente, responsável e que vivencia a resiliência e alteridade, que são conceitos basilares em tempos conflituosos na história.

Prática Pedagógica 02 – CIÊNCIA E CONTEXTO NAS COMUNIDADES DE PRÁTICA

Informações científicas contextualizadas para gerar conhecimento

Trazar informações sobre as energias renováveis e sustentabilidade a partir das observações feitas; O professor deve trazer o conhecimento científico/epistemológico nesse momento, apresentando o conteúdo nas redes sociais; Separar os estudantes em comunidades de práticas para planejar possíveis ações a serem realizadas no bairro para sustentabilidade; Discussão da relação entre o conhecimento científico e a realidade na comunidade de práticas; Promover uma roda de conversa virtual por softwares livres.

A Prática Pedagógica 02 – Ciência e Contexto nas Comunidades de Prática, buscar conciliar epistemologia em prol de ações políticas transformadoras para construir uma nova cultura. Aprender novas ferramentas significa remodelar-se de acordo com seu tempo. Trabalhar projetos que busquem despertar a inovação e a criatividade, pois em tempos complexos semelhante ao que estamos vivendo agora, são elementos essenciais para sobrevivermos.

As práticas pedagógicas sociais apresentadas neste texto foram adaptadas a partir de conversas com professores, de pesquisas na rede mundial de computadores, e constituem-se como apenas um fractal das possibilidades quando tratamos de sustentabilidade para o desenvolvimento da consciência ambiental, e podem ser desenvolvidas dentro de casa no período da Pandemia e para sedimentar uma nova cultura de vida.

Com esse breve relato identificamos que existem documentos que mostram que existe uma perspectiva de avançar para além da memorização em prol do desenvolvimento de competências e que nós podemos partir de uma maior compreensão curricular e possibilitar atitudes que transformam o contexto.

Que os Nós – estudantes ao longo da vida – devemos e precisamos ser protagonistas para que as mudanças não ocorram apenas no discurso, que possam ter continuidade após os vários anos depositados nos bancos. Quer a aprendizagem da convivência escolar e familiar, transcorra com seus bons exemplos na vida em sociedade.

Na rede mundial de computadores e nos órgãos reguladores existem inúmeros projetos, com seu passo a passo, que podem ser aplicados nas escolas e dentro das nossas casas, e assim ajudarão na formação de uma nova geração de cidadãos.

Almejamos que os profissionais do ambiente escolar e as famílias percebam que os tempos de Pandemia, é possível desenvolver uma práxis transformadora por meio de ações sustentáveis, a fim de preservar os recursos naturais e por consequência a VIDA HUMANA.

REFERÊNCIAS

GANDIN, Luís Armando, PARASKEVA, João M., HYPOLITO, Álvaro Moreira. **Mapeando a [complexa] produção teórica educacional** – Entrevista com Tomaz Tadeu da Silva.

LEFF, H. **Epistemologia ambiental**. São Paulo: Cortez, 2001.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidades terminais**: as transformações na política da pedagogia e na pedagogia da política. Petrópolis: Vozes, 1996.

ZABALA, A. ARNAU, L. **Como aprender e ensinar competências**: uma proposta para o currículo escolar. Porto Alegre. Artmed, 2010.

POSFÁCIO

NO FINAL, O NOVO RECOMEÇO

VIEIRA, Leociléa Aparecida⁴⁹

*Como será o amanhã
Responda quem puder
O que irá me acontecer
O meu destino será como Deus
quiser*

(Simone)

Como será o amanhã? Início está reflexão com os versos da melodia entoada por Simone, pois elas traduzem o que eu e, creio, que grande parte da humanidade sente neste momento. Sei, porém, que 2020 será um divisor de águas nas nossas vidas....

Ao tentar responder este questionamento, me permitam fazer uma breve retrospectiva destes meses iniciais registrando fatos significativos, percepções e reflexões que marcam minha trajetória neste início da segunda década do século XXI.

Amo quando começa o ano letivo. Passo os últimos dias das férias preparando as primeiras aulas, realizando leituras, selecionando novos textos para discutir com os alunos no decorrer do período. Como ministro aulas somente para os últimos anos do curso de Pedagogia, no primeiro dia abrimos espaço para que falem de suas expectativas com relação ao término do curso e todos reportam muito entusiasmados seus planos a respeito da futura profissão e, apesar de saberem que é um tempo de muitas atividades e correrias, estágios, relatórios, TCCs eles estão animados e ansiosos, pois faltam poucos meses para a tão esperada formatura e a realização do sonho pessoal e familiar.

Mas eis que após três semanas, mas, precisamente no dia de 15 de março, as aulas são abruptamente interrompidas por um vírus surgido na cidade chinesa de Wuhan e o que parecia tão distante do nosso continente rapidamente

⁴⁹ Doutora em Educação: Currículo pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP). Professora Adjunta do Colegiado de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR) – campus Paranaguá. E-mail: leocilea.vieira@unespar.edu.br.

o novo corona vírus (COVID 19), chega a Europa e como um toque de mágica ouve-se a notícia de que a primeira pessoa é diagnosticada no Brasil. E a expressão da China para o mundo, literalmente se tornou realidade. E a partir de então, o que fazer?

Aprender passa a ser a palavra de ordem. Primeira coisa foi revisitar o dicionário, pois palavras novas foram incorporadas ao nosso vocabulário diário, ou ainda, termos conhecidos, passaram a ter novos significados. Aprendi que o vocábulo *quarentena*, neste caso, não corresponde a quarenta dias como eu pensava e, sim, a um tipo de reclusão que pessoas sadias, que podem ter sido contaminadas por algum vírus devem ficar isoladas por determinado período a fim de evitar que a doença se espalhe a outros. Neste caso, sete dias para assintomáticos e quatorze para sintomáticos. Estas também são duas palavras muito propagadas nestes meses...

A partir de então, dois novos termos passam a integrar a vida dos sujeitos: *distanciamento social* e *isolamento social*. Os meios de comunicação repetem a cada instante de que estes vocábulos não são sinônimos: o primeiro se refere a distância que uma pessoa deve ficar da outra (recomenda-se mínimo de 1,5m) e a última expressão, vivencio na prática, pois conforme sempre me lembram (mesmo quando eu tento esquecer), de que faço parte do grupo de risco: mais de sessenta anos, diabética, hipertensa... então tem que se preservar; preservar aqui significa isolar...mais uma vez o que fazer?

Confesso que a princípio o isolamento foi muito dolorido, mas é neste isolamento que encontro na educação o bálsamo para passar os meus dias e aí reafirmo minha convicção de que ser professora, aprender e ensinar é uma das coisas mais importantes da minha vida.

Nesta época de isolamento social vários paradigmas estão sendo quebrados em todos os segmentos da sociedade. Na área dos serviços, casas se transformam em escritórios e, para garantir o emprego, o trabalhador teve que aprender e/ou desenvolver novas formas para desempenhar suas atividades. Assim, outras palavras são inseridas no nosso vocabulário: *home office*, *teletrabalho*, *telemedicina*... e quem não domina as tecnologias, foi excluído deste mercado.

Na área educacional vivenciamos a ascensão da modalidade de Educação a Distância (EaD) que passa a ser adotada em todos os níveis de

ensino: da educação básica ao ensino superior e novas palavras passam a fazer parte do dia-a-dia dos educadores: *plafatorma, videoconferência, reuniões online, aulas online...*

A Educação a Distância me encanta enquanto possibilidade de acesso ao ensino, ao saber sistematizado e à promoção social. Entretanto, é inegável de que ela representa um grande desafio na construção de novos paradigmas educacionais, já que na EaD, o aluno deve ser um auto aprendiz e portador de autonomia na construção de significados do processo de ensino e aprendizagem. Devemos lembrar, ainda, que nesta modalidade, as tecnologias são os meios que possibilitam o processo de inclusão e de socialização do conhecimento, mas como isto se dá na prática quando o computador e a internet, ainda, é um bem acessível a poucos brasileiros?

Cabe ressaltar, que na educação básica, a EaD acentua o abismo que há entre as instituições privadas e públicas. As diferenças sociais ficam mais latentes, pois enquanto os alunos das instituições particulares têm à sua disposição as tecnologias para acessar a informação, os oriundos de escolas públicas, raros são aqueles que tem à sua disposição a computadores e a internet. Daí surge a opção das aulas serem ministradas pela Televisão, mas nem todos os alunos também dispõe deste equipamento.

No ensino superior, a EaD surge como a “salvadora da pátria”. Para levar adiante as aulas no semestre, colegas que criticavam e menosprezam esta modalidade de ensino, se vem obrigados, sem oporem muita resistência, a aprender a trabalhar com as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs). Com relação ao acesso às TICs pelos alunos universitários é um pouco diferente da educação básica, pois basta um celular para estarem conectados e assistirem aulas, postarem atividades, participarem de chats, dentre outros.

Um aspecto que considero favorável ao isolamento social foi o estreitamento das relações familiares em todos os âmbitos, especialmente, as crianças que ficaram felizes por ter mais tempo os pais em casa. Entretanto, no que diz respeito à educação, os pais tiveram que aprender para poder ensinar; encontrar formas de despertar o interesse das crianças sem entendia-las. Novos termos foram reavivados neste período: *criatividade, reinvenção, reaproximação...*

Neste período em que cabe aos pais a responsabilidade de realizar as atividades escolares com seus filhos, as escolas e os profissionais da educação, especialmente, os professores, são vistos sob novo olhar. Ouvi alguns relatos de que não tem sido fácil esta tarefa por várias razões, tais como: o desconhecimento de conteúdo, quando estudou aprendeu de forma diferente, metodologias inadequadas que não despertam o interesse da criança, falta de paciência para ensinar, dentre outras e, frente ao exposto, ressaltam a importância (e valorização) do professor na mediação do conhecimento.

Outra coisa que percebi neste período de COVID 19 é que as crianças se adaptam mais facilmente as adversidades. Por meio de musicinhas aprendem e ensinam aos adultos de que um abraço e um aperto de mão podem ser cruciais neste momento e, conforme diz meu netinho João Vitor, “minha escola está fechada, as “profes”, eu e meus amiguinhos estamos em casa para que os vovôs e vovós não fiquem doentes”.

A pandemia possibilitou, ainda, a mim (e creio a todos brasileiros) conhecer, um pouco, sobre o Sistema Único de Saúde (SUS) e percebi de que com toda a sua fragilidade, é por meio dele que os “heróis”, os profissionais da saúde, vai dando conta de atender a população, especialmente, as mais carentes. Aqui abro parênteses, para ressaltar outros profissionais que merecem meu reconhecimento e gratidão, por trabalharem, incessantemente, para que parte da população brasileira fiquem confinadas em seus lares, são eles: os caminhoneiros, seguranças, policiais, atendentes de supermercados, garis, coveiros, agentes funerários...

Nestes dias aprendi que as máscaras são acessórios indispensáveis, que o álcool em gel, não pode faltar nas bolsas e mochilas de ninguém e, que os melhores remédios no combate ao vírus, são a água e o sabão. Aprendi, ainda, que o vírus não voa, que lavar corretamente as mãos e o desenvolvimento de hábitos higiênicos corretos podem salvar a vida.

Após esta reflexão me pergunto: e então como será o amanhã? Ainda é uma grande incógnita. Com o COVID 19, que tive a aprendizagem como companheira, aprendi, que após esta pandemia a sociedade nunca mais será a mesma. Aprendi a valorizar um aperto de mão e um abraço. Aprendi, também, que nesta vida tudo é efêmero e que tenho que me reinventar: emocional, física e mentalmente e, que nesta reinvenção, jamais o sentimento saudades das

peessoas que amo veja acompanhado de um sabor amargo. Aprendi, ainda, que tanto eu, quanto todos que habitam este nosso planeta, precisamos recomeçar e, faço votos de que neste recomeço, haja valorização do *ser* em detrimento do *ter*, que dediquemos mais tempo para convivência junto as pessoas que amamos, que a fé em Deus, o amor ao próximo e a solidariedade sejam o fio condutor da humanidade neste novo caminhar.

Outono/2020

Editora

Dialética e Realidade



Esta obra traz a visão de um grupo de pesquisadores que estão colocados como protagonistas atuantes no mesmo contexto que tentam compreender para apresentação de sua visão e conceituação de um fenômeno que

Apesar da manutenção pretendida do rigor científico e de atendimento às exigências acadêmicas no tratamento científico, é possível perceber uma elevada preocupação com o social, demonstrada, com maior ou menor

Ela apresenta diferentes visões e relaciona experiências e ideais que cada professor e pai carrega consigo, no desenvolvimento de suas obrigações.